

NUNO MIGUEL DA CRUZ LOURENÇO CUSTÓDIO

FAMÍLIAS MAIS-QUE-HUMANAS

Análise de experiências e significados das relações
entre humanos e cães no concelho de Faro



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE ECONOMIA

2023

NUNO MIGUEL DA CRUZ LOURENÇO CUSTÓDIO

FAMÍLIAS MAIS-QUE-HUMANAS

Análise de experiências e significados das relações
entre humanos e cães no concelho de Faro

Dissertação

Mestrado em Sociologia

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Carla Nogueira



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE ECONOMIA

2023

Declaração de Autoria do Trabalho

Famílias Mais-que-Humanas - Análise de experiências e significados das relações entre humanos e cães no concelho de Faro

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Nuno Miguel da Cruz Lourenço Custódio

Direitos de cópia ou Copyright

© Copyright: *Nuno Miguel da Cruz Lourenço Custódio*

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos à direção do Mestrado de Sociologia da Faculdade de Economia, à Universidade do Algarve, à equipa administrativa e ao conjunto de docentes da Faculdade de Economia, que permitem o seu funcionamento exemplar.

Um agradecimento muito especial à Professora Doutora Carla Nogueira, orientadora da presente dissertação, pelo seu profissionalismo, pela sua disponibilidade e pela sua competência. Foi um enorme gosto estar sob a sua orientação e é um orgulho enorme ser o seu primeiro orientando. Foi de facto, motivante e contagiante sentir o seu entusiasmo pelo tema, pelo progresso do trabalho e pelo seu resultado. Todas as orientações permitiram uma melhoria contínua e foram fundamentais ao resultado que aqui se apresenta. Foi muito gratificante e especial sentir que do outro lado estava alguém interessado, genuinamente interessado. Este trabalho não é meu, é nosso!

Também pretendo deixar um agradecimento muito especial, a todos aqueles que de uma forma anónima responderam ao questionário, tendo contribuído de uma forma vital para a realização deste estudo.

Um agradecimento muito particular para os oito entrevistados, que comigo partilharam as suas experiências de uma forma profunda. Obrigado.

Obrigado mãe e pai, por tudo. Obrigado mana, por me encheres de orgulho.

Obrigado à minha namorada, amiga, sócia e companheira. Juntos partilhamos a vida e agora um filho. Juntos formamos uma equipa, juntos somos tudo.

Por fim, deixo aqui o meu profundo agradecimento à Molly e ao Benji, os meus dois animais de estimação. Ela é uma cadela preta sem raça definida, enérgica, atenta e protetora. Ele é um labrador chocolate, doido, brincalhão e carinhoso. Pelos dois fui interrompido centenas de vezes enquanto escrevia esta dissertação, e de todas as vezes, adorei ser interrompido. De todas as vezes que os nossos olhares se cruzaram ganhei novo alento para continuar este projeto que não foi fácil. De todas as vezes que fui interrompido por uma festinha, por um carinho, lembrei-me de que de facto a barreira que nos separa não é tão evidente como aparenta ser. Foram aquelas duas criaturas peludas a minha fonte de inspiração, por todos os sentimentos que despertam em mim.

A eles os dois e a todos os outros *cãopanheiros* do mundo, obrigado por tudo o que nos dão em troca de tão pouco.

RESUMO

Nos últimos anos, tem-se registado uma mudança notória nas relações entre os humanos e os cães. Se, no passado, os cães eram muitas vezes vistos como animais de trabalho ou de guarda, atualmente desempenham papéis cada vez mais diversificados e significativos nas famílias e na vida das pessoas. Uma das mudanças mais proeminentes é a transição dos cães de animais de estimação para serem considerados membros da família. Este estudo parte dessa premissa para analisar as dinâmicas familiares entre humanos e cães sob a perspetiva de famílias híbridas e mais-que-humanas.

Neste sentido, esta dissertação investiga a intrincada relação entre humanos e cães no contexto doméstico. Através da utilização de métodos quantitativos e qualitativos, este estudo pretende compreender a dinâmica e os fatores que influenciam estas relações entre os habitantes do concelho de Faro. Ao centrar a investigação nesta localização geográfica específica, este estudo fornece uma perspetiva localizada sobre o fenómeno da relação humano-cão, enquanto contribui para a compreensão sociológica mais ampla da dinâmica familiar e das interações homem-animal.

O desenho de investigação mobiliza uma abordagem de triangulação de métodos, utilizando técnicas de recolha quantitativa e qualitativa. Na dimensão quantitativa foi aplicado um inquérito por questionário a 175 habitantes do concelho de Faro que teve como objetivo traçar uma visão geral sobre ligações multifacetadas entre os humanos e os seus companheiros caninos, lançando luz sobre vários aspetos, tais como os papéis que os cães desempenham nas famílias, as rotinas e a partilha do espaço doméstico. Ao nível qualitativo foram aplicadas 8 entrevistas que exploraram as experiências subjetivas, as perceções e as narrativas pessoais relacionadas com as relações entre humanos e cães.

Os resultados desta investigação avançam com algumas pistas sobre a complexa natureza das relações entre humanos e cães no seio das famílias, realçando os papéis multifacetados que os cães assumem e o significado emocional que têm. Além disso, este estudo examina a forma como os fatores sociodemográficos influenciam a dinâmica destas relações.

Palavras-Chave: Relação humano-cão; Famílias mais-que-humanas; Sociologia da Família; Métodos Quantitativos; Métodos Qualitativos.

ABSTRACT

In recent years, there has been a noticeable change in the relationship between humans and dogs. Whereas in the past dogs were often seen as working or guard animals, today they play an increasingly diverse and important role in families and people's lives. One of the most notable changes is the transition of dogs from pets to family members. This study builds on this premise to analyse the family dynamics between humans and dogs from the perspective of hybrid and more than human families.

In this sense, this dissertation examines the complex relationship between humans and dogs in the domestic context. Through the use of quantitative and qualitative methods, this study aims to understand the dynamics and factors that influence these relationships among the inhabitants of the municipality of Faro. By focusing the research on this specific geographical location, this study provides a localised perspective on the phenomenon of the human-dog relationship, while contributing to the broader sociological understanding of family dynamics and human-animal interactions.

The research design mobilised a triangulation of methods approach, using quantitative and qualitative survey techniques. At the quantitative level, a questionnaire was administered to 175 residents of the municipality of Faro, with the aim of providing an overview of the multifaceted relationships between people and their canine companions, shedding light on various aspects such as the role dogs play in families, routines and the sharing of domestic space. At the qualitative level, 8 interviews were used to explore the subjective experiences, perceptions and personal narratives related to human-dog relationships.

The findings of this research provide some insight into the complex nature of human-dog relationships within families, highlighting the multiple roles that dogs play and the emotional significance they hold. In addition, this study explores how socio-demographic factors influence the dynamics of these relationships.

Keywords: Human-dog relationships; More-than-human families; Sociology of the Family; Quantitative methods; Qualitative methods.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
ÍNDICE DE FIGURAS	xii
ÍNDICE DE TABELAS	xiii
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 2 – COMPLEXIDADES DAS RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E CÃES: UMA REVISÃO DA LITERATURA	4
2.1 A Mudança Social das Relações entre Humanos e Cães	4
2.1.1 <i>Enquadramento Histórico</i>	4
2.1.2 <i>A Multidimensionalidade dos Efeitos Positivos da Companhia Canina</i>	7
2.1.3 <i>A Entrada dos Animais no Discurso Político</i>	9
2.2 O Cão como Membro da(s) Família(s) Moderna(s)	13
2.2.1 <i>O Cão como Objeto de Análise Sociológica</i>	13
2.2.2 <i>Modernidade, Família e Animais de Estimação</i>	19
2.3.2 <i>Retratos da Família no Contexto das Relações entre Humanos e Cães</i>	21
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	31
3.1 Objetivos da Investigação	31
3.2 Modelo de Análise	33
3.4 Desenho de Investigação	35
3.4.1 <i>Triangulação de Métodos</i>	35
3.4.2 <i>Metodologia Quantitativa – Inquérito por Questionário</i>	37
3.4.3 <i>Metodologia Qualitativa – Entrevistas Semiestruturadas</i>	42
CAPÍTULO 4 – DINÂMICAS E ASPETOS TRANSVERSAIS DA RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E CÃES EM FARO	48
4.1 Interação Humano-Canina: Caracterização do Objeto de Estudo	48
4.2 Rotinas e Gastos	50
4.2.1 <i>Ritmos e Atividades na Interação Humano-Cão</i>	50
4.2.2 <i>Custos e Recursos: Análise dos Gastos na Convivência entre Humanos e Cães</i>	56
4.3 Dinâmica e a Organização do Espaço Doméstico	64
4.4 Motivações, Representações e Impulsos na Relação Humano-Cão	70

CAPÍTULO 5 – EXPERIÊNCIAS, REPRESENTAÇÕES E SIGNIFICADOS DA RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E CÃES EM FARÓ.....	79
5.1 Histórias de Vida: A Influência dos Cães na Jornada dos Tutores.....	79
5.2 O Início da Jornada: A Integração do Cão no Lar.....	81
5.3 A Complexidade do Ser Canino: Vínculos, Características e Comportamentos.....	84
5.4 Vidas Entrelaçadas: Análise das Rotinas Quotidianas Humanas e Caninas	88
5.5 A Partilha do Lar: Convivência e Coexistência no Espaço Doméstico.....	91
5.6 Para Lá das Fronteiras: Representações Familiares.....	94
CAPÍTULO 6 – CONCLUSÕES.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107
APÊNDICES.....	116
Apêndice A – Inquérito por Questionário.....	116
Apêndice B – Guião de Entrevista.....	127
Apêndice C – Caracterização dos Entrevistados.....	132

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 3.1 - Modelo de Análise	33
Figura 4.1 - N.º de Cães no Agregado Familiar.....	48
Figura 4.2 - Forma de Entrada do Cão no Agregado Familiar	49
Figura 4.3 - Frequência e Duração dos Passeios	51
Figura 4.4 – Frequência de Rotinas	53
Figura 4.5 - Tipos e Frequência dos Gastos.....	57
Figura 4.6 - Representações sobre os Gastos.....	59
Figura 4.7 - Espaços de Dormir	66
Figura 4.8 - Partilha de Espaços	67
Figura 4.9 - Partilha do Horário da Refeição	70
Figura 4.10 - Motivações	71
Figura 4.11 - Representações Familiares	74
Figura 5.1 - Qualidades mais Frequentes dos Cães dos Entrevistados	85
Figura 5.2 - Defeitos mais Frequentes dos Cães dos Entrevistados	86

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 2.1 - Tipos de Famílias.....	28
Tabela 3.1 - Inspiração Teórica do Questionário.....	36
Tabela 3.2 - Inspiração Teórica da Entrevista	41
Tabela 3.3 - Estrutura Temática da Análise de Conteúdo	45
Tabela 4.1 – Determinantes da Frequência das Rotinas	53
Tabela 4.2 - Determinantes da Frequência e Representações sobre os Gastos.....	60
Tabela 4.3 - Determinantes da Partilha do Espaço Doméstico	68
Tabela 4.4 - Relação entre as Rotinas Quotidianas e a Representação da Importância da Interação.....	76

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

Ele ensinou-nos o amor incondicional. Como o dar e como o aceitar. Quando isso acontece, a maior parte das outras peças encaixam-se no lugar¹ (Marley & Me, 2005).

Nos últimos anos, o papel dos animais de estimação, em particular dos cães, nas sociedades humanas tem merecido uma atenção significativa por parte de académicos de várias disciplinas. A natureza complexa e multifacetada das relações entre humanos e cães constitui uma área de investigação intrigante para os sociólogos que procuram compreender a dinâmica evolutiva entre os humanos e os seus companheiros animais. Esta dissertação de mestrado tem como objetivo contribuir para o corpo de conhecimento existente, examinando a relação entre humanos e cães, utilizando como base empírica o concelho de Faro.

Esta alteração da forma como os humanos se relacionam com os seus animais de estimação, neste caso específico, com os seus cães tem vindo a ser designada de *'animal turn'*². A *'animal turn'* (Peters *et al.*, 2014: 1) refere-se ao aumento do interesse académico pelos animais e pelas relações entre humanos e outros animais. Na sociologia também têm aumentado significativamente os estudos que se preocupam com estas dinâmicas (Policarpo *et al.*, 2018) e que partem da premissa que a relação entre humanos e animais pode contribuir para a construção de identidades, alterações aos modos de vida, hábitos de consumo, práticas de cuidado, práticas de vida saudáveis, construção ou desconstrução da barreira entre espécies, entre tantas outras questões.

Uma das dimensões dessa discussão sociológica tem-se focado na forma como os animais têm sido introduzidos como membros da família. Esse fenómeno reflete uma mudança na compreensão da relação entre humanos e animais, que transcende o mero estatuto de 'animais de estimação' e reconhece a importância desses seres não humanos como parceiros afetivos e sociais (Power, 2008). É através desta lente sociológica que esta dissertação procura compreender as motivações subjacentes à inclusão dos animais

¹ Tradução livre do original "He taught us the art of unqualified love. How to give it, how to accept it. Where there is that, most other pieces fall into place."

² Optou-se por deixar a expressão no inglês original por não se considerar que exista uma tradução para o português que seja capaz de captar o significado original.

no núcleo familiar, as práticas de cuidado e interação, bem como as representações simbólicas que emergem desse processo. Ao destacar o papel dos animais como membros da família na análise sociológica, abre-se espaço para uma compreensão mais holística e contextualizada das complexidades das relações entre humanos e animais na sociedade contemporânea.

De forma a contribuir para esta reflexão, esta dissertação parte de um estudo exploratório para responder à seguinte pergunta de partida: *quais as características das relações entre humanos e cães, em contexto doméstico, dos habitantes do concelho de Faro?*. Os objetivos gerais passam então por entrar na “relação doméstica tutor-cão” para analisar as relações entre humanos e cães, em contexto doméstico e daí tentar retirar significados, identificar experiências e analisar práticas que consubstanciam estas relações.

A motivação para desenvolver a presente dissertação é fundamentada num interesse pessoal que o investigador nutre desde a infância, seguindo uma orientação inspirada nas palavras de Aristóteles. O investigador volta para as memórias da sua infância, em particular aos três anos de idade, quando habitava numa casa no campo juntamente com seus pais. Nesse ambiente, ele desfrutava da companhia de seu fiel amigo, um cão chamado Bolinhas. Essa relação afetiva com o cão permeou as experiências mais significativas da sua infância, como longos passeios de bicicleta e caminhadas ao lado do seu pai, ambos sempre acompanhados pelo leal Bolinhas.

No entanto, o investigador recorda-se da estranha regra imposta de que o cão não podia entrar dentro de casa. Esse momento foi marcado por um choque emocional quando, em decorrência de uma mudança de residência para um apartamento, o Bolinhas teve de ser entregue a “outra família com melhores condições”, uma vez que o novo ambiente não oferecia espaço suficiente para acomodá-lo. A experiência do amor de uma criança de três anos por um cão, combinada com a convivência com um cão durante a adolescência e a atual condição de tutor de dois cães, levaram o investigador a considerar a temática que pudesse estabelecer uma relação entre a sociologia e a presença dos cães na sociedade, resultando, assim, na elaboração desta dissertação de mestrado.

A presente dissertação encontra-se dividida em 5 capítulos principais, para além deste primeiro introdutório:

O **capítulo 2** aprofunda a literatura existente em torno do tema, fornecendo uma visão abrangente das várias dimensões e implicações de viver com cães. A revisão da literatura tem como objetivo situar as relações familiares entre humanos e cães como problemática social e sociológica. Neste sentido, são explorados os antecedentes históricos da ligação entre humanos e cães e discutidos os benefícios associados à sua coabitação, discutindo a divisão e as barreiras entre espécies e a intersecção entre modernidade, família e animais de estimação. Para além disso, é examinada a evolução das políticas públicas relacionadas com os cães na sociedade portuguesa.

O **capítulo 3** descreve a metodologia de investigação utilizada neste estudo. Nesta fase, são apresentados os principais objetivos da dissertação e o modelo de análise, sublinhando o quadro conceptual das ‘Famílias mais-que-humanas’ para captar as dinâmicas matizadas das relações entre humanos e cães. O capítulo explica a construção do desenho de investigação através da triangulação de métodos, mobilizando tanto técnicas quantitativas (inquérito por questionário) como qualitativas (entrevistas semiestruturadas), e de que forma ambas contribuem para os objetivos apresentados.

O **capítulo 4** consubstancia a apresentação dos dados quantitativos. Neste capítulo é apresentada uma exploração detalhada da relação entre humanos e cães no contexto específico do concelho de Faro. O capítulo começa com uma caracterização do objeto de investigação. Posteriormente, são analisadas as principais dimensões em estudo: as rotinas, despesas associadas à posse de cães, práticas quotidianas, partilha do espaço doméstico e motivações associadas à entrada dos cães no seio da unidade familiar.

O **capítulo 5** complementa o capítulo anterior, oferecendo uma análise qualitativa suplementar. Esta secção aprofunda a história de vida dos donos de cães e explora as circunstâncias que envolveram a chegada do animal às suas casas. Além disso, o capítulo investiga o papel dos cães na unidade familiar, as rotinas estabelecidas, o impacto no espaço doméstico, as representações individuais da relação ‘familiar’ estabelecida neste contexto e as barreiras entre espécie que podem surgir.

O **capítulo 6** resume os principais resultados do estudo. As conclusões abordam as principais questões de investigação, fornecendo uma síntese dos resultados empíricos e contribuindo para uma compreensão mais alargada das relações entre humanos e cães no concelho de Faro. A dissertação termina com a identificação das principais limitações da investigação e com recomendações para investigação futura.

CAPÍTULO 2 – COMPLEXIDADES DAS RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E CÃES: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Os nossos animais de estimação têm uma vida tão curta para passar connosco, e passam a maior parte do tempo à espera que cheguemos a casa todos os dias. É espantoso o amor e a alegria que eles trazem para as nossas vidas e até o quanto nos tornamos mais próximos uns dos outros por causa deles³ (Marley & Me, 2005).

2.1 A Mudança Social das Relações entre Humanos e Cães

2.1.1 Enquadramento Histórico

O cão – *Canis Familiaris Lupus* – mamífero, é um animal doméstico pertencente à família *Canidae*. De acordo com a *Fédération Cynologique Internationale*, existem dez grupos de raças de cães, com um total de 370 raças atualmente reconhecidas. A evolução do cão não é uma questão consensual na comunidade científica. Uma análise recente do seu ADN demonstrou que é geneticamente semelhante ao lobo, com uma diferença de apenas 0,2%, estabelecendo uma descendência direta do lobo cinzento (Lopes e Silva, 2012). Neste sentido, com base em dados genéticos, morfológicos e comportamentais, é possível afirmar que o parente vivo mais próximo do cão doméstico é o lobo cinzento - *Canis lupus* (Marshall-Pescini e Kaminski, 2014).

Os cães são uma espécie diversificada - onde quer que haja pessoas, há cães, quer sejam cães *Inuit* no Ártico ou cães *Saluki* nos desertos da Arábia. Os humanos vivem com os cães, partilhando as suas vidas e, em alguns casos, aceitando-os como membros da sua família. Isto foi possível graças à sua domesticação (Marshall-Pescini e Kaminski, 2014) que mostra que os seres humanos têm mantido cães como animais de estimação e membros da família desde tempos antigos. O cão é o mais antigo animal domesticado (aquele cujos cuidados, alimentação e criação estão sob controlo humano), tendo vivido com os humanos durante aproximadamente 10.000 anos (Messent e Serpel, 1981).

O percurso do cão como animal de companhia até aos dias de hoje começou há cerca de 12.000 a 15.000 anos atrás, idade dos primeiros fósseis conhecidos de cães,

³ Tradução livre do original “Such short little lives our pets have to spend with us, and they spend most of it waiting for us to come home each day. It is amazing how much love and laughter they bring into our lives and even how much closer we become with each other because of them.”

estando sempre associados a “nichos de permanência humana” (Lopes e Silva, 2012). Em 1978, em Israel, num local de escavações arqueológicas foi encontrado um túmulo com um esqueleto humano e um outro, de um cão (Marshall-Pescini e Kaminski, 2014), o que demonstra a valorização desta espécie por parte dos humanos.

Nas cidades ocidentais dos séculos XVI e XVII os cães como animais de companhia tornaram-se uma característica normal da classe média (Thomas, 1984), estando o aumento dos animais de companhia associado à ascensão da burguesia e aos processos de urbanização. Isto acabou por resultar numa mudança na base das relações homem-animal, que deixam de ter uma função, grosso modo, instrumental, para se consubstanciar em relações de afeto (Berger, 2009).

Os historiadores vincularam o aumento da criação de animais de estimação na Grã-Bretanha e nos E.U.A. aos processos de urbanização nos séculos XVIII e XIX e à exclusão associada de animais de trabalho e de animais que serviam de alimento das cidades (Charles, 2014). A forma como os animais de estimação são entendidos atualmente nos países ocidentais – numa perspetiva baseada na relação de afeto - é um fenómeno bastante recente. É certo que, historicamente, membros de classes sociais altas e média-alta poderão ter tido laços especiais com animais, mas a relação que a maioria das pessoas possuíam com os animais era meramente funcional - os animais eram uma fonte de alimento ou serviam para outro fim, normalmente para trabalho, como animais de tração, de caça ou como segurança (*ibid.*, 2014). No entanto, ao longo do século XIX na Europa e na América do Norte, os animais de estimação tornaram-se uma parte central das imagens culturais emergentes de um lar ideal, ganhando um maior destaque na sociedade (*ibid.*, 2014). De entre os vários fatores que possam ter contribuído para tornar esse facto possível, no caso desta investigação, destaca-se o aumento da riqueza, uma vez que significou que, de uma forma geral, as pessoas possuíam mais recursos para alimentar um animal que não fornecia nenhum benefício económico ou funcional em troca (*ibid.*, 2014), alterando significativamente a relação entre humanos e animais.

Na década de 1950, era bastante comum encontrarmos animais de estimação nos lares dos subúrbios modernos da Austrália e dos E.U.A., contudo, a forma como estes se encontravam integrados na vida familiar e no espaço doméstico era bastante diferente dos dias de hoje. Os cães da década de 1950 viviam fora de casa, num canil ou na casota do cão, algo que com o passar do tempo se tornou sinónimo de socialmente expulso ou

suspensão (temporariamente) de afeto (Franklin, 2006). Esta situação foi-se alterando nas décadas seguintes. Um exemplo disso, foi a tendência que se registou, a partir da década de 70, de atribuir nomes de pessoas a cães, algo que não acontecia até então, pelo menos de uma forma geral (Franklin, 2006) e que revela uma mudança simbólica na relação estabelecida.

As relações humano-animais são invariavelmente localizáveis socialmente, variando de cultura, época e local como o género e origem (Elder *et al.*, 1998, Franklin 1999, Philo e Wilbert 2000). A análise de que diferentes grupos se relacionam de formas diferentes com animais é aparentemente óbvia, podendo ser mais importante analisar a forma como a própria formação das identidades dos grupos está ligada à forma como estes se relacionam com os animais (Tipper, 2011a).

Num estudo conduzido por Hart (1995), os tutores de animais de estimação que selecionaram cães como os seus animais de estimação favoritos, relataram sentir-se mais apegados aos seus animais do que as pessoas cujos animais de estimação favoritos afirmaram ser gatos ou outros animais. Os cães também pareceram ser mais aptos a desempenhar papéis afetuosos e de apoio emocional do que outros animais, levando a crer que talvez os cães interagissem com os seus donos de maneiras que resultaram em níveis mais altos de afeição. O mesmo estudo descobriu que os donos de cães passaram mais tempo a interagir ativamente com os seus animais de estimação – a cuidar deles, a passearem-nos e a brincar com eles.

Quando tutores de cães numa cidade australiana (Melbourne), foram solicitados a fornecer uma lista de adjetivos que descrevessem os seus cães, três adjetivos principais emergiram: aceitação/confiança, amor/amizade e inteligência/obediência. Os tutores sentiram que os principais benefícios em viver com um cão são o companheirismo, proteção e felicidade ou prazer. Três quartos deles sentiram a necessidade de serem protegidos fisicamente por um cão, e o mesmo número acreditava que o cão ajudava a proteger sua casa de roubos (Salmon e Salmon, 1983).

Muitos padrões de comportamento dos cães parecem especialmente projetados para provocar afeição. Os cães são naturalmente afetuosos, sendo esta característica mais vincada em certas raças (Hart e Hart, 1988). Certas características tornam os cães ideais para serem bons companheiros para os humanos. O desenvolvimento de afeição específica ao seu tutor/es, permanecendo próximos ou em contacto físico (aos pés, ao

colo, sentados ao lado no sofá), como se estivessem presos por um cordão invisível (Serpell, 1996). Uma característica importante também são os aparentes poderes de expressão não verbal dos cães, pelos quais eles sinalizam o seu afeto e consideração pelos humanos (Hart, 1995).

Uma das características interessantes entre humanos e cães são os jogos e brincadeiras. A forma como a maior parte dos cães sinaliza com um comportamento específico o início de uma brincadeira ou jogo, é entendida facilmente pelos humanos (Sanders, 1999). Os cães podem iniciar estes jogos trazendo ao seu tutor “objetos de brincadeira” como uma bola, ou simplesmente com um olhar, despoletando uma reação pretendida nos seus tutores. Para Sanders (1999), isto é uma evidência de que os cães percebem a brincadeira da mesma forma que os humanos.

Com o tempo, os humanos e os seus cães desenvolvem rotinas de brincadeira nas quais gravitam em torno de certos jogos e desenvolvem sinais para iniciar, manter e parar o jogo. São criados gestos estereotipados e tradições interpessoais que podem levar a “rotinas interativas elaboradas e complexas”. Os humanos não ensinam simplesmente os seus cães a brincar - eles desenvolvem rotinas juntos (Mechling, 1989).

Com os cães, nos quais há evidências significativas de comunicação e sintonia com os humanos, abrem-se novos mundos sociáveis - quando podemos desenvolver uma história compartilhada íntima e prolongada, isso garante que as expectativas familiares e os laços afetivos fortalecerão o nosso desejo de procurar encontros lúdicos por uma questão de associação (Jerolmack, 2009). Hoje, para além dos benefícios conhecidos pelo senso comum em se ser tutor de um cão, existem evidências científicas desses benefícios.

2.1.2 A Multidimensionalidade dos Efeitos Positivos da Companhia Canina

Evidências científicas apontam vários efeitos benéficos como resultado de uma interação humano-cão, num contexto quotidiano e doméstico. Estudos demonstram que os donos de animais de estimação são menos propensos a morrer dentro de 1 ano após terem um ataque cardíaco do que aqueles que não possuem animais de estimação - 1% vs. 7%, respetivamente (Friedmann e Thomas, 1995). Da mesma forma, pacientes do seguro *Medicare* com animais de estimação (especialmente cães) tiveram menos consultas médicas do que pacientes semelhantes sem animais de estimação (Siegel, 1990).

É normalmente assumido que os animais de estimação podem desempenhar um papel social significativo na vida das pessoas. Por exemplo, pessoas solitárias costumam ser aconselhadas a arranjar um cão para aliviar o isolamento social (McConnell *et al.*, 2011), podendo funcionar como uma fonte de apoio social. Vários estudos demonstram que o facto de se possuir um animal de estimação está relacionado com um maior apoio social, que resulta numa melhoria de saúde psicológica e fisiológica (Harter, 2003; House *et al.*, 1988; McConnell *et al.*, 2009; Uchino, Cacioppo e Kiecolt-Glaser, 1996). Ser tutor de um cão, pode também contribuir para o capital social dos seus tutores de forma indireta, como facilitar a interação social enquanto passeiam o seu animal de estimação (Wood *et al.*, 2005). Esta ideia de que os cães facilitam as interações sociais humanas parece quase evidente. Num estudo, realizado na Suécia, com 259 tutores de cães, 83% dos entrevistados consideraram que o facto de terem um cão contribui para a emergência de oportunidades para socializarem com outras pessoas e 79% concordaram que o cão acaba por ter um papel fundamental no desenvolvimento de amizades (Adell-Bath *et al.*, 1979).

De facto, os animais de estimação podem ser uma fonte de atividade, produzir um efeito calmante e aumentar as habilidades de socialização e comunicação das pessoas. Esses benefícios foram observados entre pessoas com demência e outras doenças de longa duração (Connell *et al.*, 2007). Os animais de estimação podem fornecer respostas consistentemente positivas e ser uma fonte de conforto, segurança e tranquilidade para os seus tutores (Brooks *et al.*, 2012; Siegel, 1993). Para além disso, Davis e Juhasz (1985) avançam a ideia de que os animais de estimação tendem a reforçar a autoestima nos anos pré-adolescentes (idades entre os 9 e os 12 anos) porque podem servir como companheiro que comunica respeito pelo seu dono e promove a responsabilidade (Davis e Juhasz 1985).

Existem inúmeras razões que podem levar um humano a adotar um animal de estimação. Brickel (1986: 311) sugere que os animais fornecem “uma associação altamente confiável na vida de uma pessoa, mais consistente e confiável do que humano-humano”. Bradshaw (1995) afirma que os animais de estimação entram numa “relação de mutualismo” com os donos, ou seja, os donos acreditam receber em troca do que dão aos seus animais, amor e carinho, enquanto Cusack (1998) refere que os animais servem como confidentes sem risco de traição.

Os cães como animais de estimação podem representar coisas diferentes para uma pessoa ao longo do tempo. Um cão pode servir como confidente para o pré-adolescente, mas é menos importante durante a adolescência. À medida que essa “afiliação flexível” progride, os jovens adultos geralmente encontram o seu estilo de vida limitado pelas exigências de posse de um cão, enquanto que numa fase mais avançada da vida, muitos idosos adotam animais (Newman e Newman, 1984: 394). As experiências e decisões tomadas no passado podem influenciar as escolhas, servindo como indicações de potenciais decisões futuras. Se a experiência com um animal de estimação foi positiva, então a probabilidade de se adotar um animal de estimação pode ser maior (Newman e Newman, 1984).

As considerações apresentadas nesta subsecção sublinham que os benefícios e a evolução das perspetivas sobre os cães como animais de estimação têm implicações significativas para a compreensão das complexidades das relações entre humanos e cães. A subsecção seguinte irá mudar o nosso foco para a exploração da evolução das políticas públicas relativas aos cães em Portugal, fornecendo informações sobre a forma como estas mudanças de perspetivas sociais influenciaram os regulamentos e orientações em torno da posse de cães no país.

2.1.3 A Entrada dos Animais no Discurso Político

A sociedade portuguesa não tem sido indiferente aos animais de companhia, e nos últimos anos, tem havido um aumento significativo da preocupação com a defesa dos direitos dos animais. A sociedade tem demonstrado uma maior sensibilidade para com as questões relacionadas com o bem-estar animal, refletindo-se numa crescente consciencialização sobre o sofrimento animal.

Um dos indicadores é o aparecimento do partido político PAN (Pessoas-Animais-Natureza), tendo tido nas eleições legislativas de 2015, pela primeira vez na sua história, um deputado eleito para representar o partido na Assembleia da República. Este acontecimento foi uma demonstração da vontade de muitos portugueses em se fazerem representar por um partido com os ideais direcionados para a proteção dos animais e consciência ambiental.

O PAN é um partido político que tem como foco principal a defesa dos direitos dos animais, a proteção do meio ambiente e a promoção do bem-estar humano⁴. A sua presença na Assembleia da República tem sido uma voz ativa no que diz respeito à promoção de legislação mais abrangente e rigorosa em relação aos direitos dos animais, na luta contra os maus-tratos a animais, na proibição de práticas cruéis e no incentivo a uma maior sensibilização dos portugueses relativamente a estes temas.

Um outro indicador têm sido as sucessivas alterações legislativas no que diz respeito aos animais. Em seguida, elencam-se por ordem cronológica, as alterações legislativas consideradas mais relevantes em Portugal nos últimos trinta anos:

- **1993** - Decreto n.º 13/93, de 13 de abril – *É aprovada, para ratificação, a Convenção Europeia para a proteção dos Animais de Companhia;*
- **1995** – Lei 92/95, de 12 de setembro - *Aprovação da primeira lei de proteção dos animais em Portugal, que define medidas de proteção aos animais de companhia e regula as atividades relacionadas com animais;*
- **1998** – Decreto-Lei 116/98, de 5 de maio - *Estabelece os princípios gerais da carreira de médico veterinário municipal;*
- **2000** – Lei 12-B/2000, de 8 de julho - *Proíbe como contraordenação os espetáculos tauromáquicos em que seja infligida a morte às reses neles lidadas e revoga o Decreto n.º 15355, de 14 de Abril de 1928;*
- **2001** – Decreto-Lei 276/2001, de 17 de outubro - *Estabelece as normas legais tendentes a pôr em aplicação em Portugal a Convenção Europeia para a Proteção dos Animais de Companhia e um regime especial para a detenção de animais potencialmente perigosos;*
- **2003** - Decreto-Lei n.º 312/2003, de 17 de dezembro - *Estabelece o regime jurídico de detenção de animais perigosos e potencialmente perigosos como animais de companhia;*
- **2009** – Portaria n.º 968/2009, de 26 de agosto - *Estabelece as regras a que obedecem as deslocações de diversos animais de companhia em transportes públicos;*
- **2014** – Lei n.º 69/2014, de 29 de agosto - *Procede à trigésima terceira alteração ao Código Penal, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 400/82, de 23*

⁴ Fonte - <https://pan.com.pt/>

de setembro, criminalizando os maus tratos a animais de companhia, e à segunda alteração à Lei n.º 92/95, de 12 de setembro, sobre proteção aos animais, alargando os direitos das associações zoófilas;

- **2016** – Lei n.º 27/2016, de 23 de agosto - *Aprova medidas para a criação de uma rede de centros de recolha oficial de animais e estabelece a proibição do abate de animais errantes como forma de controlo da população;*
- **2017** – Lei n.º 8/2017, de 3 de março - *Estabelece um estatuto jurídico dos animais, alterando o Código Civil, o Código de Processo Civil e o Código Penal;*
- **2017** – Portaria n.º 146/2017, de 26 de abril - *Regulamenta a criação de uma rede efetiva de centros de recolha oficial de animais de companhia, fixa as normas que regulam o destino dos animais acolhidos nestes centros e estabelece as normas para o controlo de animais errantes;*
- **2019** – Decreto-Lei n.º 82/2019, de 27 de junho - *Estabelece as regras de identificação dos animais de companhia, criando o Sistema de Informação de Animais de Companhia;*
- **2020** – Lei n.º 39/2020, de 18 de agosto – *Altera o Código Penal, aumentando as penas para crimes de maus-tratos a animais;*
- **2021** – Decreto Regulamentar n.º 3/2021, de 25 de junho - *Institui o Provedor do Animal com a missão de garantir a defesa e a promoção do bem-estar animal;*

Estas alterações legislativas podem ser causa e consequência da forma pela qual os portugueses e a sociedade portuguesa se relacionam com os animais. A legislação acima elencada representa um papel fundamental na evolução da regulamentação da interação e convivência realizada entre humanos e animais, neste caso de estimação, refletindo os valores e as normas sociais da sociedade portuguesa, influenciando diretamente a forma como os cidadãos tratam dos seus animais.

A legislação, ao estabelecer os limites da atuação das pessoas e punindo os maus-tratos, por um lado, espelha os valores sociais e por outro pune os que não os respeitam, retribuindo uma sensação de justiça àqueles que à imagem da valorização do legislador, condenam tais ações. Por outro lado, a própria forma como as pessoas se relacionam com os seus animais também influencia a legislação. À medida que a sociedade muda, que

sofre alterações, e neste caso em concreto, ao desenvolver uma maior consciencialização acerca do tratamento dos animais e dos seus direitos, resulta numa vontade de criação de novas leis ou alteração das já existentes. Movimentos locais, nacionais, mais organizados, ou menos organizados, mais digitais ou mais presenciais, resultam invariavelmente numa pressão política que por vezes se concretiza nas tais alterações legislativas.

É no fundo um misto de causa e consequência – a legislação molda o comportamento dos portugueses em relação aos seus animais, e ao mesmo tempo é influenciada pela forma como estes se relacionam com os seus animais. É um processo ativo que tendo em conta a evolução da legislação resulta em que hoje os animais tenham uma melhor qualidade de vida.

Mas não só as alterações legislativas que visam diretamente a proteção dos direitos dos animais são o único resultado de políticas públicas que promovem a qualidade de vida dos animais e dos seus tutores. Desde o ano de 2017, é possível deduzir em sede de IRS as despesas veterinárias realizadas com um animal de companhia como consultas veterinárias, tratamentos veterinários, exames de diagnóstico, medicamentos de uso veterinário, entre outros.

O Instituto da Conservação da Natureza e Florestas⁵, possui uma linha de apoios que se dedica a diversas campanhas e apoios tais como: Campanha de apoio à identificação eletrónica e registo de animais de companhia, Campanhas de apoio à esterilização de cães e gatos de companhia, Campanha de prestação de serviços veterinários de assistência a famílias carenciadas e associações zoófilas, Programa de concessão de incentivos financeiros para a construção e a modernização de centros de recolha oficial de animais de companhia (CRO) e de instalações das associações zoófilas (IAZ), entre outros.

Também localmente se assistem a alterações no que diz respeito a políticas públicas. No dia 3 de outubro de 2015, e no âmbito do orçamento participativo de 2016 do Município de Lagos, foi apresentado um projeto para a criação de um cemitério para animais de companhia, que após votação, foi eleito, tendo sido implementado, materializando-se na construção do cemitério⁶.

⁵ Fonte - <https://www.icnf.pt/apoios/animaisdecompanhia>

⁶ Fonte - <https://www.cm-lagos.pt/balcao-virtual/documentos/regulamentos/3969-regulamento-do-cemiterio-para-animais-de-companhia-do-municipio-de-lagos>

Em junho de 2017, foi inaugurado o Parque Canino de Olhão, que conta com mais de 4000 metros quadrados de área vedada, com vários equipamentos específicos que permitem aos cães brincar, possuindo um bebedouro para cães e dispensadores de sacos. Este parque é totalmente direcionado para atividades caninas sendo fruto de um investimento local de 69.000€⁷.

As políticas públicas, que vão desde alterações significativas à legislação, até à colocação de dispensadores de sacos para dejetos, têm como objetivo promover o bem-estar dos animais de companhia, prevenir o abandono, incentivar a relação harmoniosa entre os animais de companhia, os seus donos e o resto da sociedade, contribuindo para o processo vivo da construção de uma sociedade mais inclusiva, consciente e responsável, em relação aos animais. São o reflexo da importância que os animais têm na nossa sociedade, representando uma importância na sua abordagem enquanto objeto sociológico.

2.2 O Cão como Membro da(s) Família(s) Moderna(s)

2.2.1 O Cão como Objeto de Análise Sociológica

Há longos anos que os sociólogos argumentam que os animais são constitutivos das sociedades humanas e que “qualquer especificação adequada das sociedades como estruturas de relações sociais ou interação deve incluir referência a animais não humanos como ocupantes de posições sociais” (Benton, 1993: 73). Ainda assim, a sociologia, até recentemente, prestou pouca atenção aos animais de companhia, concentrando-se quase exclusivamente nos humanos (Alger e Alger, 2003), contrastando com outras disciplinas como a antropologia social e a filosofia, que exploraram, de diferentes maneiras, as relações homem-animal e os pressupostos sobre moralidade, racionalidade e distinção humana que sustentam a forma como são conceptualizados (Carter e Charles, 2013).

Segundo alguns teóricos, a noção de “vida social” deveria ser reformulada, sob o argumento de que é hoje inadequado olhar para o social, meramente como sendo constituído apenas por seres humanos (Tipper, 2011a). Os animais não devem ser mantidos à parte da sociologia, sendo importante adotar uma “abordagem mais-do-que-

⁷ Fonte - <http://www2.cm-olhao.pt/destaques2/2258-inaugurado-parque-canino-em-olhao-a-pensar-nos-amigos-de-quatro-patas>

humana”, na qual podemos “juntar-nos a não-humanos como seres sencientes envolvidos nas tarefas de continuar com as suas vidas” (Ingold, 2013: 5).

A sociologia comumente retratou os animais de companhia como seres sem mente, sem emoção, sem ego, incapazes de agir, apenas dotados de capacidade para reagir, incapazes de compreender, existindo apenas na situação imediata. Esta rejeição por parte da sociologia baseia-se em grande parte na postura de G. H. Mead (1907), que defendia que os animais são qualitativamente distintos dos humanos, uma vez que aqueles não possuem a capacidade de utilizar símbolos, sendo incapazes de se envolver numa forma complexa de interação social baseada em símbolos compartilhados.

Nesta dissertação não se pretende contrariar esta ideia porque não consideramos os animais de estimação como agentes sociais, portadores da capacidade de adaptarem as suas ações e monitorizarem reflexivamente o seu comportamento. No entanto, acreditamos que a relação entre humanos e animais não pode ser ignorada pela sociologia, pois esta relação pode ser uma dimensão importante para a construção de identidade, para o capital social dos humanos, para as suas experiências subjetivas de socialização e para a construção simbólica do conceito de família. Questões como a identidade, a personalidade, a empatia, o amor, entre outras, podem ser exploradas de uma forma proveitosa se for prestada uma atenção focada no vínculo humano-animal e às trocas sociais que definem e resultam desta forma única de socialização.

De facto, têm-se assistido a diversos estudos e publicações relativamente a esta temática. Myers (2003) escreveu que os animais cruzavam o futuro da sociologia de pelo menos duas formas. A primeira forma tem que ver com o modo como as relações da sociedade com os animais e todos os fenómenos que daí advêm, são algo a ser explorado: o movimento pelos direitos dos animais, a observação de pássaros, os animais como facilitadores sociais, a atribuição de nomes a animais, a presença de animais em anúncios, vegetarianismo/veganismo, entre outros. Estudar estes fenómenos preenche os espaços em branco no mapa sociológico. Quanto à segunda forma, Myers (2003) refere que ao tentar explicar os fenómenos acima mencionados, podem-se descobrir vazios na teoria sociológica, e o preenchimento desses vazios pode levar a um repensar mais profundo da teoria social, ainda muito fixa em fenómenos sociais intra-humanos.

Michalon *et al.*, (2016) apresentam também uma perspetiva sociológica que visa o conhecimento de como os humanos olham e se relacionam com os animais não

humanos, incluindo estes últimos como parceiros epistemológicos: uma sociologia com animais, e não sobre eles (perspetivas antropocêntricas) ou para eles (perspetivas de ativismo dos direitos), e Sanders (2003) defende que uma sociologia das relações humano-animal fornece um contexto rico para explorar como construímos e atribuímos a designação “pessoa”.

Philo e Wilbert (2000), defendem que os animais de companhia (cães e gatos) devem ser compreendidos como sujeitos detentores de capacidade de agência. Alguns sociólogos afirmam que os animais de companhia são capazes de ações de “interação mental” e intersubjetividade que constituem a vida social, sendo que ao antecipar certas rotinas estabelecidas ou apreciar outros comportamentos, estes devem ser vistos como atores sociais envolvidos numa vida social partilhada com os seus donos e humanos próximos (Arluke e Sanders, 1996; Sanders, 1999; Alger e Alger, 2003).

Policarpo *et al.* (2018) defende que é necessário desafiar a perspetiva antropocêntrica, no sentido de discutir os modos dominantes de conceptualização da ordem social, utilizando uma abordagem biocêntrica (Agamben 2004; Faulkner 2011), que olha para os animais tendo vida própria, desafiando as conceções que os reduzem a projeções de humanos adultos. Policarpo defende também uma “fluidez entre a natureza e cultura” (Policarpo *et al.*, 2018: 205), como uma cultura da natureza, onde humanos e animais compartilham uma história de coabitação, coevolução e de sociabilidade incorporada entre as espécies.

A divisão humanos-animais parece ser um pouco complexa de estabelecer, como são os exemplos disso, os movimentos políticos cada vez mais emergentes de defesa dos animais, e neste caso a forma como algumas espécies de animais, nomeadamente os cães e gatos se tornaram animais de companhia, tendo-lhes sido concedido um lugar dentro de casa, sendo vistos como companhia em detrimento de objetos ou pertences (Emel e Wolch, 1998; Fox, 2006).

Mas afinal o que é um animal de estimação ou companhia? Um animal de companhia ou um animal doméstico é um animal que lhe foi dado um nome, que lhe é permitido partilhar o espaço doméstico com humanos e que nunca será comido pelos seus tutores (De Mello, 2012; Fudge, 2008). O facto de o animal de estimação receber um nome, faz com que o mesmo se individualize, dotando-o de atributos que são convencionalmente vistos como humanos (Thomas, 1984). A atribuição de um nome ao

animal é uma forma de solidificar a identidade única do companheiro animal, onde a cultura popular desempenha um papel importante, pois a atribuição de nomes aos animais é influenciada por filmes, livros, pela música e pela televisão. Os atributos individuais também importam na escolha de um nome, pois muitas vezes os animais são nomeados por características físicas especiais, comportamentos ou interesses diferenciados. A identidade, é claramente um tema central na relação entre humanos e animais de companhia. A identidade do dono, ou da família que acolhe o animal de companhia, também é alvo de uma possível alteração, por vezes mais visível, por vezes menos (Sanders, 2003).

Existe uma tradição dominante entre humanos e animais, no entanto, quando nos referimos a animais de estimação, estes parecem desafiar esta tradição, como que esbatendo a divisão entre espécies. Em contraste com os outros animais, os animais de estimação, nas sociedades ocidentais, são tratados como indivíduos, amados e cuidados, recebem nomes, coabitam com os seus donos e às vezes dormem nas suas camas, nunca são comidos e as suas mortes são muitas vezes marcadas por uma profunda tristeza. Os animais de estimação são provocativos, no sentido em que parecem estar entre as categorias convencionais de humanos e animais: são reconhecidos como animais, mas de certa forma tratados como humanos. Quando as pessoas optam por incluir animais de estimação na sua definição de família, estão a colocá-los dentro de uma esfera tradicionalmente reservada a humanos, podendo essa forma de relação ser um desafio para a divisão humanos-animais (Tipper, 2011a).

Se observarmos o espaço doméstico e as práticas entre humanos e animais, é possível enredar as múltiplas versões emergentes de animais como animais de estimação, que são encenadas por meio de muitas práticas domésticas diferentes e específicas, no quotidiano. Essas práticas são muito heterogêneas, específicas e nas quais todos os participantes se envolvem em “coreografias corporais”, por meio de conjuntos padronizados de relações que se cruzam com outros espaços que não apenas o doméstico como a casa de outros familiares ou amigos, com os vizinhos, com os equipamentos urbanos (parques, ruas do bairro), com diferentes momentos (passados e presentes), como lembranças de animais falecidos, ou, com vários tipos de contactos sociais, como veterinários e trabalhadores de lojas de animais (Law e Miele, 2011).

Existem também evidências crescentes de que as relações sociais que constituem os grupos domésticos incorporam os animais como atores sociais (Charles, 2014). Num estudo recente sobre formação familiar e redes de parentesco, um número significativo de pessoas incluiu espontaneamente animais nas suas famílias, conclusão interessante, uma vez que os entrevistados não foram explicitamente questionados sobre animais (Charles e Davies, 2008; Charles *et al.*, 2008).

A valorização das relações humanos-animais refletem-se na partilha de espaços domésticos privados (quarto de dormir, casa de banho) com o animal de estimação, não sendo apenas as crianças capazes de relações íntimas com os animais, uma vez que os adultos talvez estejam menos dispostos a revelar intimidade entre espécies devido à desaprovação que tais revelações podem atrair (Charles e Davies, 2008).

A intimidade sugerida é realizada por meio de uma crescente proximidade espacial entre as pessoas e seus animais de companhia no espaço doméstico. Na Austrália, os animais reconhecidos como família têm maior acesso “a partes da casa historicamente reservadas aos humanos”, incluindo os quartos familiares (Franklin, 2006). Da mesma forma, no Canadá, 90% dos tutores de animais de estimação relatam que seus animais de estimação vivem principalmente dentro de casa, enquanto 69% também permitem que eles durmam nas suas camas (Ipsos-Reid, 2001). A intimidade emocional e espacial dessas relações cresceu desde a década de 1950, quando os animais suburbanos eram predominantemente mantidos do lado de fora (Franklin, 2006; Grier, 2006). Essas mudanças foram acompanhadas pela crescente mercantilização de animais de companhia e investimentos em indústrias e serviços relacionados a animais de estimação (Nast, 2006).

O espaço doméstico é um local chave de coabitação, sendo talvez o local mais importante, entre humanos e animais de companhia (Franklin, 2006; Smith, 2003), tornando-se então a casa o local central para a análise de experiências e significados das relações entre humanos e cães.

O espaço doméstico é dotado de grande simbolismo. Os quartos de dormir são em grande parte espaços altamente privados. O quarto é apenas partilhado com um número altamente restrito de pessoas como o companheiro, o filho, ou o irmão. Franklin (2006) numa pesquisa realizada, recebeu várias respostas de participantes que afirmaram que os animais de companhia eram considerados família e que lhes era dada a possibilidade de

dormirem no quarto, concluindo a autora, que não só aqueles animais eram considerados como família, mas também como família íntima. As salas de estar nas casas ocidentais são divisões reservadas a lazer, encontros sociais e atividades comunitárias. As cadeiras ou lugares sentados representam um certo status, sendo isso ilustrado na norma em ceder um lugar aos mais velhos ou a existência de lugares de destaque. Animais e humanos sentados lado-a-lado significa igualdade e no fundo ter a mesma classificação, ou seja, quando humanos compartilham o seu sofá, a sua poltrona com um animal estamos perante uma mudança no status e na posição do animal relativamente ao seu tutor. A escolha dos cães em entrar e sair de casa era determinada pelos humanos, mas a disseminação de pequenas portas para cães alterou esse facto, oferecendo a opção de entrar e sair livremente de casa ao cão.

A existência de mobiliário adaptado a cães ou específico para cães também é novidade. No mundo ocidental nasceram empresas dedicadas a animais de estimação, fornecendo toda a espécie de bens e serviços para consumidores que reconhecem o status elevado dos animais de companhia na família e no lar (Franklin, 2006). Um dos indicadores de um cuidado profundo dos donos de cães são os gastos em produtos relacionados com aqueles. O gasto com um cão deve ser calculado com base na alimentação, guloseimas, gastos com o veterinário, produtos de higiene, suplementos vitamínicos, desparasitantes, camas para cães, escovas, pratos, coleiras, trelas, escolas de treino, brinquedos, entre outros (Szasz, 1968).

A partilha do espaço doméstico é um indicador de um possível esbatimento de fronteiras entre espécies. Para que se possam estabelecer as dimensões necessárias para essa análise importa primeiro perceber o que se entende por animal de companhia e como é que esta divisão entre humano e animal tem sido analisada na literatura.

Como já referido, apesar de concordarmos com a ideia de que os animais de estimação têm uma certa capacidade de antecipar rotinas e solicitar comportamentos, não perspetivamos, nesta dissertação, os animais – especificamente, os cães – como agentes ou atores sociais. A premissa é que os tutores – esses sim, atores sociais – moldam o seu quotidiano com base na relação que estabelecem com os seus animais. Mesmo a antecipação de rotinas por parte do animal consubstancia-se numa prática introduzida, rotineiramente, pelo seu tutor. No entanto, tudo isto tende a moldar a forma como ambos coabitam, co-evoluem e socializam, dentro das dinâmicas familiares.

2.2.2 Modernidade, Família e Animais de Estimação

O vínculo afetivo e emocional com os animais de estimação poderá não ser um novo fenômeno associado às sociedades contemporâneas, podendo ser apenas a continuação de uma tendência continuada ao longo do tempo para uma experiência cada vez mais difundida e partilhada de conexão afetiva entre humanos e animais. Este parentesco que rompe a barreira das espécies não é algo novo e estranho, mas sim uma experiência cotidiana daqueles que partilham o seu espaço doméstico com animais, testemunhando que ao contrário do surgimento de novas famílias pós-humanas, estes simplesmente incluem tanto humanos como os seus animais na família de forma que conexões afetivas inter-espécies sejam formadas entre eles (Charles, 2014).

De acordo com Charles (2014) e relativamente à mudança familiar, as teorias de Beck e Giddens têm sido particularmente influentes e algumas das suas ideias foram retomadas para explicar as mudanças nas relações humanos-animais. Um elemento fundamental dessas teorias é que as solidariedades familiares e comunitárias estão a ser enfraquecidas tendo como resultado uma perda de fontes “tradicionais” de apoio (Beck, 1992) e insegurança ontológica (Giddens, 1990). Para compensar isso, as pessoas recorrem aos animais para companhia. Os animais de estimação fornecem a segurança ontológica que é mais difícil obter nas relações com os humanos, que são frágeis, fluidas e contingentes (Franklin, 1999).

Segundo Anthony Giddens (1990), a vida pessoal passou por profundas mudanças, na nossa sociedade moderna tardia, onde os casais adiam a parentalidade ou até optam por não ter filhos, onde os empregos e os relacionamentos amorosos e íntimos não são “para toda a vida”, sendo fluidos e contingentes, onde as relações familiares se enfraquecem devido à grande mobilidade geográfica. Estas ideias são fundamentais para as suas teorias de “destraditionalização” e “individualização”, abrindo espaço para o papel particular desempenhado pelos animais de estimação.

Baseando-se nestas ideias de Giddens, Franklin (1999) explora as relações com animais de estimação, particularmente, a ideia de que diante da incerteza e dos riscos contemporâneos, as pessoas necessitam de “segurança ontológica”. O autor argumenta que os animais de estimação fornecem afeto incondicional, confiabilidade e uma sensação de “segurança ontológica” que de outra forma está ausente nos relacionamentos humanos contemporâneos, podendo até funcionar como “crianças substitutas”, para adultos sem

filhos. Argumenta também que na modernidade tardia, as relações com os animais de estimação fazem parte de uma tendência crescente em questionar as atitudes tradicionais em relação aos animais, desvanecendo a fronteira humanos-animais.

De acordo com Bauman (2000), o casamento, a amizade, a parceria, os laços comunitários e até mesmo o próprio amor tornaram-se inseguros, efêmeros e fugitivos. As sociedades ocidentais tornaram-se extremamente individualizadas, onde uma extensa solidão na sociedade e altos graus de insegurança ontológica são amplamente divulgados (Giddens, 1984; Bauman, 2000).

Irvine (2004a), diz-nos que esta ideia de que os animais de estimação substituem o que está em falta nos relacionamentos humanos, tem sido apelidada de “argumento da deficiência”. Esta autora (Irvine, 2004a, 2007) analisou as interações entre animais de estimação e pessoas, argumentando que os donos reconhecem os seus animais como indivíduos pensantes, sentimentais e interativos. O autor afirma que é importante olhar para os animais a partir da perspectiva do interacionismo simbólico, porque podemos observar interações significativas com animais e pessoas. Ainda que os animais não utilizem a linguagem verbal, eles expressam-se através de linguagem não verbal, defendendo o autor que aqueles têm traços de personalidade únicos, conseguindo demonstrar várias emoções e necessidades como alegria, tristeza, medo ou a necessidade de afeto e conforto. Ora estes fatores, ainda assim não fazem dos animais humanos, pelo que muito do prazer das relações com animais de estimação pode vir do facto de que eles não são como nós: não falam, e os seus corpos e “formas de ser” são radicalmente diferentes dos humanos. Relacionar-se com um animal de estimação, então, envolve formar um relacionamento mútuo com um indivíduo pensante, mas também interagir com uma criatura que é totalmente diferente de nós (Irvine, 2004a).

A criação contemporânea de animais de estimação reflete uma mudança de orientação em relação aos animais - estes são tratados como indivíduos que se envolvem em interações complexas, que são respeitados, conhecidos, cuidados, onde as diferenças entre humanos e animais não são tão categóricas quanto se pensava e onde ser não-humano não significa necessariamente ser inferior. Através de relacionamentos íntimos com animais de estimação abre-se a possibilidade de que a fronteira entre animais e humanos não seja tão clara e definitiva quanto possa parecer (Tipper, 2011a).

Mesmo aqueles que hoje se encontram no processo de estabelecer a sua família, os jovens adultos, adiam os filhos para mais tarde, sendo mais propensos a ter apenas um filho ou nenhum. Frequentemente, estas novas famílias procuram cães e gatos para preencher a casa, ou até mesmo para que funcionem como um “filho substituto”. Segundo estudos, a criação de animais de estimação responde a transformações na família e a mudanças no ciclo de vida (Franklin, 2006).

Historicamente as noções ocidentais de família aparecem como uma estrutura sustentada pela biologia, baseada no dualismo natureza-cultura, construindo os animais como objetos passivos. No entanto, abordagens centradas no ser humano em estudos relacionados com a família e lar, são desafiadas por estudos que colocam em primeiro plano o papel ativo que os animais de companhia desempenham em relações com os seus tutores e seus pares (Power, 2008). Por exemplo, Fox (2006), demonstra como as pessoas negociam, constroem e desconstroem a separação entre humanos e animais, através da sua relação quotidiana com os seus animais, fazendo como que *malabarismos* com a noção de diferença animal e o seu reconhecimento da sua subjetividade individual e “personalidade”. Haraway (2003) explora as formas em como as pessoas e os cães se tornaram cada vez mais integrados e implicados nos outros através do amor, trabalho, criação e outras formas de relacionamento próximo. Em comum estes trabalhos têm a forma como abordam um tipo de parentesco para além dos humanos, onde os cães e pessoas estão mutuamente entrelaçados em relações quotidianas, sugerindo que os animais moldam ativamente as formas pelas quais a família e o lar são percebidos e vividos (Power, 2008).

Tudo isto mostra uma mudança de orientação em relação aos animais que desafia as noções tradicionais de família centradas apenas nos humanos, reconhecendo a importância e a atuação ativa dos animais na construção das relações familiares.

2.3.2 Retratos da Família no Contexto das Relações entre Humanos e Cães

Os cães ocupam um papel significativo no coração e na vida dos seus tutores. Muitos tutores de cães relatam uma afeição aos seus cães tão forte como a afeição que têm aos seus melhores amigos, filhos e companheiros (Dotson e Hyatt, 2008). A natureza das relações com espécies de companhia, nomeadamente com os cães, mudou de instrumental para uma relação de companheirismo e até familiar, e, no decurso desta

mudança, ambas as espécies realizaram experiências uma com a outra, principalmente nos modos em como compartilham a vida e o espaço doméstico. O facto de os humanos se referirem aos seus animais de companhia como membros da sua família indica uma quebra na barreira entre as espécies (Franklin, 2006). De acordo com Doré *et al.*, (2019) a família e os laços familiares são abordados como vetores para romper as barreiras da espécie: não se trata apenas em “humanizar” os animais ao serem integrados na família, mas a própria família é profundamente redefinida quando inclui os animais.

Um estudo realizado nos E.U.A. relata que 91% dos donos de animais de estimação consideram-nos como membros da família (Harris, 2011), e outra, realizada na Austrália, concluiu que 88% dos donos de animais consideravam os seus animais de estimação também como membros da sua família (Franklin, 2007). Relativamente ao género, as mulheres atribuem mais uma filiação familiar a um cão ou gato, do que os homens e muitas pessoas afirmam sentir-se mais próximas dos seus cães do que de outros membros da família (Cohen, 2002; Pew, 2006). Outros estudos sugerem que, tal como os familiares humanos, também os animais de estimação são definidos como parentes devido à qualidade do relacionamento (Tipper, 2011b) e ao suporte familiar que fornecem (Charles e Davies, 2008). Pesquisas realizadas a mais de 1000 indivíduos possuidores de animais de companhia conduzidas pela Associated Press (2009, 2010) relatam que 50% dos inquiridos veem o seu animal de estimação como sendo “tão parte da família quanto qualquer outra pessoa da casa”, que 30% dos inquiridos afirmam que o seu animal de estimação dorme na sua cama, 35% incluíram o animal em retratos de família, e que 25% dos inquiridos que são casados ou vivem maritalmente, dizem que o seu animal de estimação é “um melhor ouvinte do que seu companheiro” (McConnell *et al.*, 2011). Os animais de estimação são frequentemente descritos e encontrados como família: 88% dos donos de animais de estimação na Austrália (Franklin, 2006), 83% no Canadá (Ipsos-Reid, 2001) e 49% nos EUA (American Veterinary Medical Association, 2007) descreveram os seus animais de estimação dessa forma (Power, 2008).

Num estudo conduzido por Power (2008), com vinte e dois participantes, vinte e um descreveram os seus cães como “membros da família”. Essa conceção (membros da família) foi mobilizada para indicar a natureza próxima do vínculo que os participantes afirmaram ter com os seus cães. Os cães que foram descritos como família foram reconhecidos como sendo emocionalmente próximos dos membros da família humana (representando uma extensão familiar para além de humanos) e foram incluídos nas

atividades da “família”, como idas ao parque, a escolas de cães e a salões de beleza para animais.

A autora (Power, 2008) concluiu que as pessoas que não permitem a entrada dos cães em casa vêem-nos como animais de estimação, ao invés daqueles que coabitam com os animais e se referem aos mesmos como membros da família. Neste estudo a autora observou existirem três formas de convivência com os cães diferentes: a primeira forma foi baseada num modelo pai-filho, onde o dono assumia o papel de pai e o animal, o papel de filho, numa relação de afeto; a segunda forma foi constituída por relações de dominação e submissão, onde os humanos assumem o papel de liderança impondo regras de comportamento rígidas; na terceira forma, a família foi moldada pela ação e atividade de cães, sendo que com o passar do tempo cães foram reconhecidos como peças chave na família, pois formavam rotinas com e em torno dos membros da família já existentes. A autora nota que, ainda que as relações baseadas em afeto como a primeira forma do tipo pai-filho, espelhem um esforço na convivência com o cão atendendo aos seus requisitos físicos e emocionais, este também é projetado no sentido de moldar os cães e seus comportamentos para que os animais se encaixem confortavelmente nas expectativas dos participantes de comportamento adequado em casa e família.

Embora os participantes tenham enfatizado a importância dos cuidados prestados por si e das relações hierárquicas, relataram também que as suas ideias eram regularmente desafiadas à medida que as necessidades e preferências (percebidas pelos donos) dos cães eram incorporadas nas rotinas da vida familiar e os cães afirmavam a sua própria presença na atividade familiar, ou seja, os planos e atividades dos participantes foram sendo alterados para incorporar as necessidades, preferências e prazeres dos cães. Dessa forma, os cães começaram a definir o seu próprio papel dentro do espaço familiar e doméstico, moldando as regras e práticas da vida quotidiana. Essas interações raramente foram planeadas, tendo emergido naturalmente de uma interação próxima de coabitação.

Segundo Doré *et al.*, (2019) entre os vários modos de conexão entre famílias humanas e animais, é possível distinguir três: integração, assimilação e substituição.

Por integração, entende-se o facto de se pertencer a um grupo sem envolver necessariamente questões de equivalência. Existem dois tipos de correntes que exploram a forma como os animais de estimação são integrados no meio familiar: os estudos oriundos da sociologia do consumo tendem a considerar os animais domésticos como

bens de consumo cujas características particulares precisam ser compreendidas. O “pertencimento” deve ser entendido no sentido de posse económica, na medida em que os animais domésticos podem ser comprados, num resultado de uma decisão que não é fundamentalmente diferente daquela tomada pelos consumidores ao decidir entre bens duráveis dos quais esperam determinados serviços (Herpin e Verger, 1992). Outros estudos sobre os motivos pelos quais os consumidores adquirem animais de estimação distinguem entre animais percebidos como brinquedos (Hickrod e Schmitt, 1982), ou como marca de status social (Wood *et al.*, 2017) ou até como "marcas" (Beverland *et al.*, 2008). Por outro lado, existem os estudos que procuram medir e interpretar as declarações de muitos tutores de animais de estimação que explicitamente consideram os seus animais de estimação como membros da família, que concluem que os animais são percebidos enquanto pessoas e não como uma mera posse, sendo definidos como atores sociais. Ora então, a primeira forma de integração trata os animais como objetos, enquanto que a segunda forma de integração trata os animais como sujeitos (Doré *et al.*, 2019).

Relativamente ao modo de assimilação, observa-se pelo tempo dedicado ao cuidado dos animais de estimação (Power, 2008) e pelo reconhecimento dos donos de um afeto mútuo semelhante ao que une os pais aos seus filhos humanos, aliás, a maioria das pesquisas enfatiza os paralelos com crianças (Blouin, 2012; Franklin, 1999): os donos ficam em casa a cuidar dos seus animais quando estão doentes, celebram os seus aniversários e oferecem-lhes presentes (Schaeffer, 2009).

Uma das formas pelas quais os animais se tornam parte integrante da família é através de práticas de cuidado (Power, 2008; Charles e Davies, 2008). O bem-estar dos animais de companhia “é reconhecido como um objeto de obrigação moral direta por parte dos membros humanos da família” (Benton, 1993), na medida em que cuidar envolve responsabilidade por outro ser vivo e esse senso de responsabilidade contribuiu para que os animais se tornem membros da família (Charles, 2016).

A substituição ocorre, na medida em que o animal de estimação aparece com vista a substituir alguém ou algo. Estudos indicam que o afeto entre donos e animais de estimação é mais fraco em lares onde existem crianças (Blouin, 2008), mas maior entre solteiros, divorciados, viúvos, casais sem filhos, recém-casados ou adultos cujos filhos se tornaram dependentes e abandonaram o lar (Albert e Bulcroft, 1987; Taylor *et al.*, 2006; Turner, 2005). Portanto, em certos casos de desagregação familiar (Blanchard, 2015;

Cohen, 2002; Kurdek, 2008; Taylor *et al.*, 2006), os animais são definidos como substitutos temporários ou permanentes de crianças (Laurent-Simpson, 2017), de irmãos (Tipper, 2011b) ou de um companheiro (Zasloff e Kidd, 1994).

A integração de animais no seio familiar nem sempre é fácil, existindo muitas vezes uma “socialização” do animal, através de práticas que moldam o animal com base nas expectativas e constrangimentos domésticos dos proprietários. A seleção de uma raça com características comportamentais e morfológicas específicas acontece amiúde, tendo em conta situações específicas de coabitação humanos-animal. A integração dos animais por vezes é realizada com recurso a treinadores que apoiam a família a impor regras ao animal, procurando moldá-lo às necessidades familiares (Doré *et al.*, 2019). Ao mesmo tempo que o animal é “moldado”, também a família se adapta a uma nova realidade, no entanto, os animais podem ser uma fonte de conflito entre os membros da família que podem ter de negociar papéis, regras, limites, relacionamentos e estratégias de resolução de problemas (Walsh, 2009a).

Os animais de estimação também podem participar nos processos de socialização e construção da identidade familiar face ao mundo exterior. Eles podem ainda contribuir para a integração social da família, facilitando certas relações de vizinhança, ou pelo contrário, dificultando-as, complicando outras relações de amizade ou familiares, e também tornando visíveis certos traços de carácter e tipos de funcionamento familiar para pessoas de fora (Doré *et al.*, 2019).

Veevers (1985) afirma que os papéis que os animais de estimação desempenham na vida dos seus donos servem três funções sociais principais: a função projetiva (onde o animal de estimação serve como uma extensão simbólica do eu social); a função de sociabilidade (onde o animal facilita a interação interpessoal, atuando como um quebra-gelo) e a função de substituição (onde a presença do animal de estimação, que é antropomorfizado, serve como substituto para a companhia humana).

Diferentes autores utilizam diferentes conceitos para designarem famílias que incluem animais de companhia, onde estes são percecionados como atores sociais e onde a barreira das espécies é menos importante que as relações de afeto e proximidade: famílias-mais-que-humanas (Power, 2008), famílias híbridas (Franklin, 2006) e famílias pós-humanas (Charles, 2016).

O estudo de Power (2008) apresentado acima mobiliza o conceito de *famílias-mais-que humanas* e defende que a centralidade do espaço doméstico surgiu como um local onde estas famílias têm uma maior liberdade para definir as práticas, sendo a coabitação essencial na facilitação de relações próximas com os animais. A *família-mais-que-humana* existe numa relação subtil e contingente que se cria, negocia e às vezes se desfaz como resultado das interações que ocorrem entre as pessoas e os animais de estimação com os quais se convive (Power, 2008).

John Grogan (2005), na sua obra *Marley & Me*, um best-seller mundial adaptado ao cinema, também explora a dinâmica da *família-mais-que-humana*, narrando um relacionamento entre primeiramente um jovem casal com um labrador bastante enérgico, problemático e adorável, chamado Marley. Como muitos relacionamentos, a relação entre os donos e Marley nem sempre é tranquila, mas Marley é sem dúvida um membro da família, um membro ativo que confere identidade à família, através de alterações, constrangimentos/limitações e alegrias. A chegada do cão à família confere alterações profundas no quotidiano do jovem casal, sejam elas benéficas, através do amor que sentem pelo animal, mas também constrangedoras, assumindo novas preocupações, rotinas e regras. As interações quotidianas com o cão não se encerram nos seus tutores, sendo abrangidas também pelos vizinhos, amigos e posteriormente pelos filhos do casal. Neste romance, a casa é o espaço central, onde o quotidiano se desenrola, onde negociações são feitas, e onde relações de poder são ensaiadas (Power, 2008).

Se as pessoas estenderem aos animais a noção de pertença, de companheirismo, estreitando laços com eles equivalentes a laços que possuem com humanos, sem deixar de os considerar como animais, não estamos perante antropomorfismo, estamos perante uma forma de hibridização - *famílias híbridas* (Franklin, 2006).

Jerolmack (2009) coloca uma questão relativamente à antropomorfização, nomeadamente se o facto de alguns animais de companhia serem antropomorfizados que relações íntimas possam ser estabelecidas, uma vez que tem sido sugerido que os humanos se relacionam com os seus animais, com que assumem ter um “senso de si próprios” e compartilham significados com aqueles, ou seja, se a antropomorfização ajuda ao estabelecimento de relações íntimas com animais de companhia. O contrário também parece existir quando testemunhos afirmam que as relações com os animais são valorizadas não apenas porque os seus animais são “quase humanos”, mas também porque

são o oposto dos humanos. Neste caso, são considerados como “melhores” membros da família do que familiares humanos, tendo experienciado vínculos emocionais com animais mais fortes e duradouros do que alguns membros da família humana (Fudge, 2008). Isto pode indicar que as percepções das experiências subjetivas que os humanos estabelecem com os seus animais de estimação, nomeadamente interpretando-os como membros da família, está relacionada com os significados que atribuem ao próprio conceito de família.

Grenebaum (2004) realizou um estudo de caso, onde às quintas-feiras, entre as 18h e as 20h, tutores de cães partilham um evento social, onde o denominador comum é a sua paixão por cães. O encontro acontece numa loja dedicada à confeção de guloseimas para cães, onde nas traseiras, uma vez por semana, cães se juntam para “brincar” e onde donos confraternizam. Estes encontros tornaram-se uma atividade de lazer, que eleva os cães à estrutura familiar. Neste sentido, os cães não são percecionados como tal, mas sim como melhores amigos e, em alguns casos, até como filhos. Isto faz com que os tutores entrevistados não se considerem “donos de cães” mas sim como pais. Para a autora do estudo, segundo Goffman (1959), os indivíduos trabalham para criar uma imagem de si mesmos. Esta performance pode envolver um conjunto de atores “cuja cooperação íntima é necessária para que uma determinada definição projetada da situação seja mantida” (Goffman, 1959: 104).

Através dos encontros de quinta-feira, o cão e o dono tornam-se numa equipa na construção da imagem de uma família, semelhante à imagem dos pais que participam numa atividade semanal com os seus filhos humanos (futebol, natação, e por aí adiante). Neste caso não são apenas os cães que são elevados a crianças, mas os donos também são elevados a pais, por antropomorfização do cão, que está no centro desta atividade de lazer. A percepção dos cães como crianças é reforçada pela noção de que os donos se sentem como pais e não como donos. Vários donos foram entrevistados, sendo de notar que nenhum dos casais jovens tinha filhos, e os filhos dos casais mais velhos eram maiores de idade. Ao transformar o papel do cão em criança, os eventos de quinta-feira tornaram-se eventos familiares que permitem aos humanos desempenhar o papel de pais.

Para Charles (2014), os animais são claramente uma fonte de apoio emocional, conforto e segurança para os seus donos, o que dá credibilidade à ideia de que eles podem fornecer uma sensação de segurança ontológica, através do seu comportamento

tipicamente previsível, rotineiro e estável não significando, que estes atuem como substitutos de determinadas categorias de parentesco ou preenchimento de lugares em redes sociais que foram esvaziadas. Em muitos casos os relacionamentos íntimos com animais existem na mesma esfera que relacionamentos íntimos com humanos, sejam familiares ou amigos, existindo algumas evidências de que estes são mais frequentemente encontrados em lares com crianças.

Existe um interesse crescente no *pós-humanismo* como uma abordagem filosófica que desafia tanto o humanismo quanto o significado da categoria humana, especialmente por entre os investigadores que exploram as relações humano-animal. Esta abordagem pode ser entendida como um deslocamento da centralidade do humano e um reconhecimento de que o não humano é uma parte essencial da vida humana, desafiando o antropocentrismo e a ideia de que os humanos são superiores a todas as outras espécies (Charles, 2016).

As abordagens *pós-humanistas* às famílias, reconhecem que os animais são parte integrante de muitas famílias e questionam-se se o surgimento de relações de parentesco *pós-humanas* pode ser identificado empiricamente. De acordo com isso, os cientistas sugeriram que a existência de famílias multi-espécies e a prática cada vez mais difundida em manter animais de estimação nas sociedades pós-industriais, são indicativos de uma mudança para sensibilidades pós-humanas e práticas de parentesco com os animais. Este fenómeno é apoiado, por exemplo, pelo crescente número de cães nos lares das famílias nos países ocidentais - em 1963 a população de cães no Reino Unido era de 4.4, tendo aumentado para 8.4 milhões em 2016 (Charles, 2016; PFMA 2016).

No entanto, e apesar do aumento verificável de animais de estimação a partilhar os lares, e, por conseguinte, a efetivação de relações emocionalmente próximas entre humanos e animais de companhia, não é claro o surgimento de famílias *pós-humanas*, não existindo um consenso em como as relações de parentesco podem ser definidas como *pós-humanas*. Embora as práticas de parentesco *pós-humanas* possam ser identificadas, não está claro se elas dão origem *per si* a uma forma *pós-humana* de família. As práticas de parentesco entre humanos e animais constroem um mundo onde humanos e cães fazem parte do mesmo grupo social, sendo que algumas dessas práticas podem ser compreendidas como *pós-humanas*, no sentido em que desvanecem a fronteira humano-animal, no entanto, é difícil concluir que uma família *pós-humana* possa ser identificada

empiricamente. Será mais proveitoso reconhecer que a adoção de uma abordagem *pós-humanista* permite reconhecer as práticas de parentesco que rompem com a ideia de que existe uma fronteira clara entre humanos e outros animais. A realidade das vidas que partilham o espaço doméstico com cães é emaranhada, e as categorias de separação são difíceis de sustentar nas práticas da vida doméstica quotidiana (Charles, 2016).

As três abordagens teóricas – famílias híbridas, famílias mais-que-humanas e famílias pós-humanas - apresentam diferenças e semelhanças significativas (tabela 2.1). Nas famílias híbridas, embora haja uma extensão da pertença dos animais, estes são percebidos como animais, sem antropomorfização. Já nas famílias mais-que-humanas, há o reconhecimento de laços familiares equivalentes aos de familiares humanos, incluindo coabitação, laços duradouros, interdependência emocional, amizade, companhia e atividades partilhadas. Para além disso, sentimentos e emoções são construídos e expressados tanto pelos humanos quanto pelos animais, promovendo uma bilateralidade emocional. Por sua vez, as famílias pós-humanas destacam-se por considerar os animais como parentes familiares que vivem de forma mutuamente entrelaçada com eles. Nesse contexto, a presença dos animais molda ativamente a vida familiar e quotidiana. As famílias pós-humanas também implicam uma mudança nas práticas quotidianas de parentesco, visando atender às necessidades tanto dos humanos quanto dos não-humanos. Essas abordagens refletem uma evolução na perceção da família, deslocando a centralidade do humano e reconhecendo a importância essencial do não-humano na vida humana.

Tabela 2.1 - Tipos de Famílias

<i>Famílias híbridas</i>	<i>Famílias mais-que-humanas</i>	<i>Famílias pós-humanas</i>
Franklin, 2007 Franklin, 2006	Power, 2008 Irvine e Cilia, 2016 Charles, 2016	Charles, 2016
Extensão aos animais da noção de pertencimento, no entanto os animais são percebidos como animais - não há necessariamente lugar à antropomorfização Reconhecimento de laços familiares equivalentes ao de familiares humanos;	Parentesco mais-que-humano, pois inclui animais como parentes familiares Animais e pessoas vivem mutuamente entrelaçados; A forma como a família e o quotidiano são vividos é ativamente moldada pela presença dos animais;	As famílias “multi-espécies” e a prática cada vez mais difundida de manter animais de estimação em sociedades pós-industriais são indicativos de uma mudança para sensibilidades pós-humanas e práticas de parentesco;

<p>Semelhanças com ligações humanas familiares como coabitação, laços duradouros, interdependência emocional, amizade, companhia e atividades compartilhadas;</p> <p>Construção de sentimentos e emoções também expressadas pelos animais - bilateralidade;</p>	<p>Exige um reconhecimento que vai para além da biologia e do antropocentrismo;</p> <p>Maior liberdade para definir a presença da família e as suas práticas;</p> <p>Construção familiar depende de todos os elementos, incluindo os não-humanos;</p> <p>Os animais de estimação podem constituir ativamente uma família como animais, não como crianças substitutas ou seres antropomorfizados;</p> <p>Os humanos mantêm responsabilidades, estabelecem regras e cuidam de outros seres;</p> <p>Não é uma forma inteiramente nova de perceber a família;</p> <p>Envolve uma mudança nas práticas quotidianas de parentesco, de modo que as suas necessidades sejam atendidas - de humanos e não-humanos;</p>	<p>Novidade das relações homem-animal que caracterizam os lares contemporâneos de várias espécies;</p> <p>Deslocamento da centralidade do humano e um reconhecimento de que o não humano é uma parte essencial da vida humana;</p>
---	---	--

Fonte: Elaboração Própria

Nesta dissertação optou-se pela utilização da abordagem das famílias mais-que-humanas. Esta escolha deve-se à ênfase que se coloca no reconhecimento de laços familiares equivalentes aos de familiares humanos, bem como na construção de sentimentos e emoções partilhados entre humanos e animais. Esta abordagem permite compreender a importância dos animais na dinâmica familiar, considerando-os não apenas como objetos de estimação ou seres antropomorfizados, mas como membros familiares legítimos. Ao explorar essa perspectiva, é possível abordar questões como partilha do espaço doméstico, interdependência emocional, companhia e atividades partilhadas, que contribuem para a formação de vínculos afetivos significativos entre humanos e animais. Portanto, essa abordagem oferece uma perspectiva abrangente e enriquecedora para a análise das complexas interações entre humanos e animais no contexto familiar.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

É uma coisa fantástica amar um cão, não é? Faz com que as nossas relações com as pessoas pareçam tão aborrecidas como uma tigela de papas de aveia⁸ (Marley & Me, 2005).

3.1 Objetivos da Investigação

Os objetivos gerais desta dissertação, e tendo em conta o seu carácter exploratório, passam por entrar na “relação doméstica tutor-cão” para analisar as relações entre humanos e cães, em contexto doméstico e daí tentar retirar significados, identificar experiências e analisar práticas que consubstanciam estas relações.

Mais objetivamente falando, os objetivos centram-se na caracterização do perfil sociodemográfico dos donos de cães residentes no concelho de Faro, identificar as motivações para a divisão do espaço doméstico com pelo menos um cão, analisar as perceções individuais sobre o significado do “cão” na vida doméstica, identificar as experiências e as práticas quotidianas entre o(s) humano(s) e o(s) cão(es) e identificar os principais pontos positivos e negativos, apontados, pelo facto de possuírem pelo menos um cão.

A escolha do concelho de Faro prendeu-se com uma questão de proximidade geográfica e por se apresentar como uma escolha que permite ao investigador facilidade na recolha de dados, sendo de referir que Faro é também capital de distrito. Para além disso, também se verificou uma ausência de estudos sobre esta temática neste território. Faro, sendo capital de distrito e um dos concelhos com maior densidade populacional do Algarve revelou-se estratégico para o desenvolvimento de um estudo exploratório.

O maior foco da dissertação incidiu sobre a vida doméstica quotidiana partilhada entre o humano e o cão, sobre as motivações que levaram o indivíduo a adquirir e a dividir o seu espaço doméstico com o cão, que experiências daí advêm e que significados são construídos através desta interação, resultando na seguinte pergunta de partida: *quais as características das relações entre humanos e cães, em contexto doméstico, dos habitantes do concelho de Faro?*

⁸ Tradução livre do original “It’s just the most amazing thing to love a dog, isn’t it? It makes our relationships with people seem as boring as a bowl of oatmeal.”

Para ir ao encontro dos objetivos específicos identificados, foram construídas as seguintes perguntas de investigação:

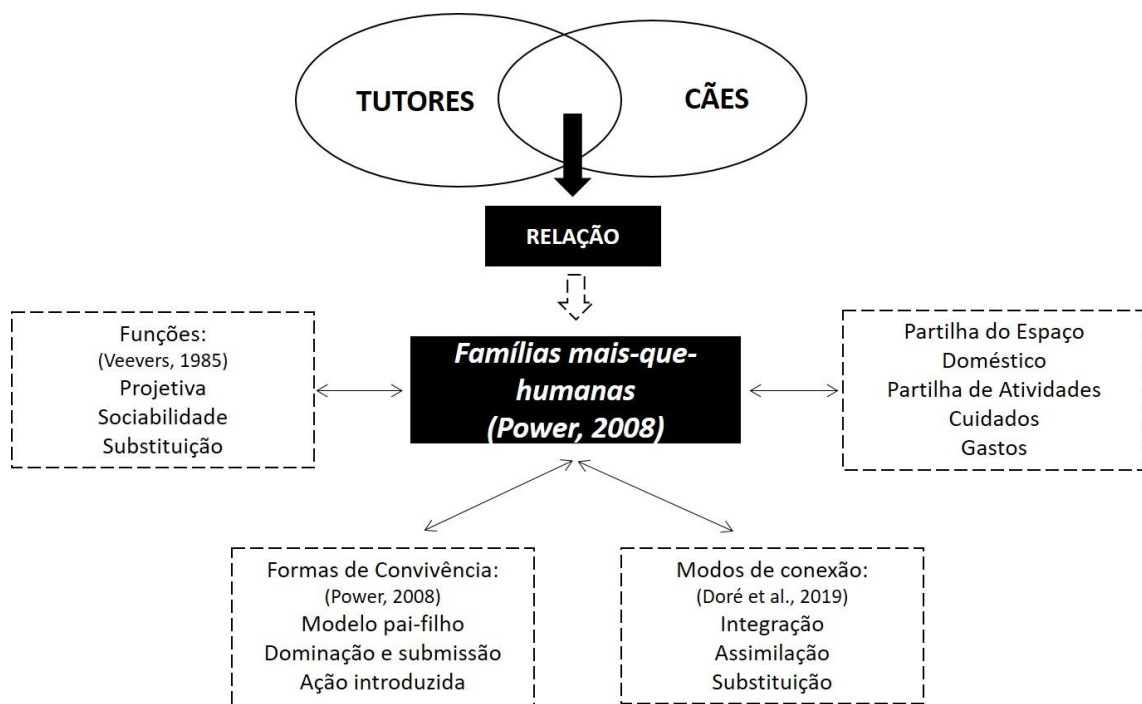
- Qual o perfil sociodemográfico dos tutores de cães no concelho de Faro?
- Quais são as motivações para a divisão do espaço doméstico com pelo menos um cão?
- Quais são as perceções individuais sobre o significado do "cão" na vida doméstica?
- Quais são as experiências e as práticas quotidianas entre o(s) humano(s) e o(s) cão(es)?
- Os cães são considerados membros da família? E se sim, que parentesco é estabelecido?
- Quais os maiores impactos positivos e constrangimentos negativos que resultam da relação doméstica dono-cão?
- Será que a relação de convivência e coabitação disseminada pelo agregado familiar, é partilhada pelos membros da família mais próximos?
- Quais os papéis que os humanos atribuem aos cães na relação doméstica que estabelecem?
- Terá o cão alguma função de substituição social?
- Serão as relações íntimas entre animais e humanos, nas sociedades ocidentais, um sinal de que a fronteira que separa humanos e animais não é assim tão definida, como noutras sociedades e/ou noutros tempos?
- De que forma o cão condiciona ou altera o conceito de família?

No fundo, os objetivos e questões de investigação enunciados procuram balizar o estudo da compreensão e análise da complexidade das relações entre tutor e cão em contexto doméstico. Pretende-se que esta análise contribua para uma compreensão mais abrangente da dinâmica das relações humanas com cães em contexto doméstico, bem como das suas implicações na conceção contemporânea de família e nos limites entre humanos e animais.

3.2 Modelo de Análise

Na presente subsecção, será apresentado o modelo de análise que orientou este estudo. Através da revisão da literatura, foram identificadas diversas dimensões relevantes, que serviram de base para a elaboração desse modelo. Já foi referido que o conceito considerado central é o de *famílias mais-que-humanas*, uma vez que será o que denominará as famílias que terão pelo menos um cão no seu seio familiar. A figura 3.1 esquematiza a forma como se articularam as diferentes componentes teóricas tendo a noção de famílias mais-que-humanas como central.

Figura 3.1 - Modelo de Análise



Fonte: Elaboração própria

A relação entre o tutor e seu cão, vivida num quotidiano no qual ambos estão mutuamente entrelaçados, e a maneira como essa relação é ativamente moldada pela presença do animal, refletindo-se na construção familiar, são indicadores de uma família que vai além da dimensão humana (Power, 2008). De acordo com Power (2008), existem três formas de convivência entre humanos e cães. A primeira é o modelo pai-filho, em que o tutor desempenha o papel de pai e o cão o papel de filho, estabelecendo uma relação baseada no afeto. A segunda forma é a relação de dominação e submissão, na qual os humanos assumem a liderança impondo regras comportamentais rígidas. Por fim, temos a ação introduzida, na qual os cães gradualmente se tornaram peças-chave na família, estabelecendo rotinas com os membros já existentes e em torno dos mesmos.

Para além disso, o cão pode desempenhar funções distintas no seio familiar (Veevers, 1985): a função projetiva, na qual o animal de estimação atua como uma extensão simbólica do “eu” social; a função de sociabilidade, em que o cão facilita a interação interpessoal, atuando como um facilitador ou ‘*quebra-gelo*’; e a função de substituição, na qual a presença antropomorfizada do animal de estimação se configura como um substituto para a companhia humana.

Segundo Doré *et al.* (2019), no contexto das diversas modalidades de ligação entre famílias humanas e animais, podem ser identificadas três categorias distintas: a integração, que se desdobra em duas formas, sendo a primeira caracterizada pela conceção dos animais como objetos, enquanto a segunda reconhece os animais como sujeitos; a assimilação, manifestada pelo tempo dedicado aos cuidados dispensados aos animais de estimação; e a substituição, na qual a presença do animal de estimação surge com o objetivo de substituir alguém ou algo.

Por último, importa sublinhar a importância do espaço doméstico como um elemento de profundo simbolismo, desempenhando um papel central na análise das experiências e significados das relações entre seres humanos e cães. A maneira como esse espaço é partilhado, as regras impostas, as concessões feitas ao animal, a convivência diária, os impactos na economia familiar, os cuidados dispensados ao animal, bem como as alterações nas atividades familiares que se orientam para a inclusão do animal, são indicadores de grande importância na análise da relação tutor/cão e do impacto do cão no seio familiar.

A investigação sobre as relações entre humanos e cães revela uma teia intrincada de interações e significados que vão para além da dimensão humana. Ao analisar as principais dimensões identificadas no modelo de análise, somos confrontados com a complexidade dessa dinâmica. A relação entre o tutor e o seu cão é vivida num quotidiano onde ambos estão entrelaçados de forma mútua, e é nesse contexto que a presença do animal atua como um agente ativo na modelação dessa relação, refletindo-se diretamente na construção da família. Isto permite partir da premissa de que os cães transcendem o seu papel de simples animais de estimação, tornando-se membros essenciais e ativos na construção de um ambiente familiar rico em afeto, interações e significados partilhados. Esta complexidade sublinha a importância da utilização de uma abordagem metodológica que utilize diferentes métodos como se explica de seguida.

3.4 Desenho de Investigação

3.4.1 Triangulação de Métodos

A importância de utilizar vários métodos nesta investigação torna-se evidente ao considerarmos a complexidade e a diversidade de aspetos envolvidos neste fenómeno. Ao adotar uma abordagem multidisciplinar e mobilizar diferentes métodos, é possível obter uma compreensão mais abrangente e aprofundada das dinâmicas familiares e das interações entre tutores e cães. Foi nesse sentido, que se optou por triangular métodos qualitativos com métodos quantitativos de forma a capturar tanto os aspetos objetivos e mensuráveis das relações tutor/cão, como as experiências subjetivas e significados atribuídos pelos participantes.

Cindy (1994) reflete sobre a dificuldade de desenvolver investigação que inclua animais. Segundo a autora há uma perceção de estigma e crítica, em alguns casos justificada, direcionada aos investigadores que se dedicam ao estudo das interações entre humanos e animais. Esta crítica advém, em grande parte, do facto de que muitos investigadores nesta área são motivados principalmente pelo amor que nutrem (ou nutrimos) pelos animais de estimação. Independentemente do mérito científico e académico desses investigadores é importante perceber que também carregam em si uma dimensão emocional que, nas investigações relacionadas com este tema, suscita certo ceticismo por parte da comunidade científica. Para mitigar essa crítica, é imprescindível adotar uma metodologia transparente e empiricamente sólida, conforme argumentado por Cindy (1994).

Neste contexto, é relevante salientar que o autor desta dissertação exerce a função de tutor de dois cães. Todavia, é importante frisar que, mesmo face a essa vinculação emocional, o autor procurou adotar uma postura de neutralidade axiológica, reconhecendo a necessidade de evitar qualquer enviesamento ou distorção na análise dos dados. Pese embora se reconheça nesta investigação a possível impossibilidade de adotar uma postura 100% neutra, principalmente numa fase incipiente da carreira académica como é a de uma dissertação de mestrado, o autor não utilizou esta dissertação para sublinhar as suas visões ou crenças pessoais em relação ao papel que o cão pode assumir no contexto familiar.

De acordo com Johnson e Onwuegbuzie (2004), os métodos de investigação devem seguir as questões de investigação de forma a oferecer a melhor oportunidade de

obter respostas úteis, sendo que muitas questões de investigação e combinações de questões são melhor e mais completamente respondidas através de soluções de investigação mista, sendo o resultado superior em comparação aos estudos “monométrico”. Tendo em conta as limitações na utilização de um “monométrico” e tendo em conta as limitações deste estudo de carácter exploratório, optou-se pela utilização de uma triangulação de métodos. Denzin (1978: 292) sugere que o sociólogo deve examinar um problema a partir de tantas perspetivas metodológicas diferentes quanto possível, sendo a triangulação, ou a combinação de metodologias no estudo dos mesmos fenómenos uma boa forma de o fazer.

Uma vez que os objetivos desta dissertação passam por entrar na “relação doméstica tutor-cão” para analisar as relações entre humanos e cães, em contexto doméstico e daí tentar retirar significados, identificar experiências e analisar práticas que consubstanciam estas relações, de uma forma exploratória, recorreu-se à técnica de triangulação de métodos, com o intuito de reforçar a validade dos resultados obtidos, diminuindo a limitação na utilização de um só método.

Esta escolha prende-se com o facto de, por um lado, esta investigação procurar traçar algumas condições transversais como o perfil sociodemográfico e algumas questões mais gerais e, por outro lado, aprofundar outras dimensões mais latentes como os significados individuais atribuídos à experiência de interação entre humano e animal no contexto doméstico, apenas passíveis de serem analisadas numa perspetiva mais focada no indivíduo.

As metodologias de recolha de dados que foram utilizadas foram a análise da literatura existente (capítulo 2), a metodologia quantitativa (capítulo 4) e a metodologia qualitativa (capítulo 5).

Sendo que a ordem temporal das fases qualitativa e quantitativa é importante, e as fases podem ser realizadas de forma sequencial ou concorrente (Johnson e Onwuegbuzie, 2004), é importante referir que este estudo passou por três fases sequenciais: iniciou-se numa primeira fase pela revisão da literatura, que permitiu o aprofundamento de conhecimentos e a posterior realização do modelo de análise; na segunda fase foram aplicados questionários (metodologia quantitativa) que concederam ao estudo uma perspetiva mais tangível e forneceram algumas pistas por forma a que numa terceira fase

fossem realizadas entrevistas que concederam a esta dissertação uma análise mais extensiva (metodologia qualitativa).

3.4.2 Metodologia Quantitativa – Inquérito por Questionário

O questionário foi construído tendo por base os objetivos identificados e um conjunto de inspirações teóricas que serviram de ponto de partida também para a identificação dos objetivos. A tabela 3.1 mostra as dimensões abordadas nesta fase, as diferentes perguntas colocadas no questionário identificando o autor que inspirou cada uma.

Tabela 3.1 - Inspiração Teórica do Questionário

DIMENSÃO	QUESTÕES	AUTORES	CITAÇÃO
Caracterização Sociodemográfica	Em que freguesia de faro reside?	Não Aplicável	Não Aplicável
	Que idade tem?		
	Qual o seu género?		
	Qual a sua escolaridade?		
	Quantas pessoas compõem o seu agregado familiar?		
	Qual é o rendimento mensal do seu agregado familiar?		
	Qual a sua situação perante o trabalho?		
	Quantos cães existem no seu agregado familiar?		
Reside num apartamento ou numa casa?			
Caracterização do Cão	Qual é o nome do cão? dos cães?	Sanders, 2003	A atribuição de um nome ao animal é uma forma de solidificar a identidade única do companheiro animal, onde a cultura popular desempenha um papel importante, pois a atribuição de nomes aos animais é influenciada por filmes, livros, pela música e pela televisão. Os atributos individuais também importam na escolha de um nome, pois muitas vezes os animais são nomeados por características físicas especiais, comportamentos ou interesses diferenciados. A identidade, é claramente um tema central na relação entre humanos e animais de companhia.

	Qual é a raça do cão? dos cães?	(Doré <i>et al.</i> , 2019)	A seleção de uma raça com características comportamentais e morfológicas específicas acontece amiúde, tendo em conta situações específicas de coabitação humanos-animal.
	Qual é a idade do cão? dos cães?	Não Aplicável	Não Aplicável
	O cão foi comprado ou adoptado?	Herpin e Verger, 1992	O “pertencimento” deve ser entendido no sentido de posse económica, na medida em que os animais domésticos podem ser comprados, num resultado de uma decisão que não é fundamentalmente diferente daquela tomada pelos consumidores ao decidir entre bens duráveis dos quais esperam determinados serviços”.
	Qual é o sexo do cão? dos cães?	Não Aplicável	Não Aplicável
Gastos	Gastos	Szasz, 1968	A decisão de introduzir um animal de estimação no seio familiar está dependente de vários fatores, sendo um deles os gastos associados à satisfação das necessidades dos animais.
Espaço Doméstico	O cão tem acesso a todas as divisões da residência?	Power, 2008	A autora (Power, 2008) concluiu que as pessoas que não permitem a entrada dos cães em casa vêem-nos como animais de estimação, ao invés daqueles que coabitam com os animais e se referem aos mesmos como membros da família.
	O cão tem o seu próprio espaço de dormir? (uma caminha ou um colchão só para ele)	Franklin, 2006	A intimidade sugerida é realizada por meio de uma crescente proximidade espacial entre as pessoas e seus animais de companhia no espaço doméstico
	Em que divisão dorme o cão?	Franklin, 2006	Um dos locais mais privados do espaço doméstico é o quarto de dormir
	Partilha o sofá com o seu cão?	Franklin, 2006	Animais e humanos sentados lado a lado significa igualdade e no fundo ter a mesma classificação, ou seja, quando humanos compartilham o seu sofá, a sua poltrona com um animal estamos perante uma mudança no status e na posição do animal relativamente ao seu tutor.
	Partilha a sua cama com o cão?	Tipper, 2011	Partilhar a cama com o cão pode apresentar-se por um lado, como uma manifestação da simbologia da parentalidade, denotando uma proximidade emocional entre tutor e cão; e por outro lado, como uma extensão do comportamento de

			matilha, onde se transfere para o tutor o papel de membro da mesma
Atividades Diárias	Costuma passear o seu cão?	Sanders, 1999	Talvez o ritual das famílias-mais-que-humanas mais visível seja o ato de passear o cão - quer seja pelas necessidades biológicas do cão, quer seja para suprir necessidades do tutor
	Quantas vezes por dia passeia o seu cão?	Hart, 1995	O passeio é uma das atividades mais estruturais para quem tem cães. De facto, os cães necessitam de passeios diários (uma média de 2 por dia), com uma duração aproximada de 20 a 30 minutos para terem satisfeitas algumas das suas necessidades básicas: fisiológicas, olfativas e sociais
	Quanto tempo, em média dura cada passeio?	Não Aplicável	Não Aplicável
	Costuma realizar actividades com o seu cão durante o passeio? (ex. brincar com uma bola, conviver com outros cães e os seus tutores)	Mechling, 1989	Os humanos não ensinam simplesmente os seus cães a brincar - eles desenvolvem rotinas juntos
	Costuma realizar passeios em conjunto? (com outros tutores de cães, como vizinhos, amigos ou familiares)	Adell-Bath <i>et al.</i> , 1979	Num estudo, realizado na Suécia, com 259 tutores de cães, 83% dos entrevistados consideram que o facto de terem um cão contribui para a emergência de oportunidades para socializarem com outras pessoas e 79% concordaram que o cão acaba por ter um papel fundamental no desenvolvimento de amizades
	Quanto tempo, em média, dedica ao seu cão diariamente? (actividades como passeios, higiene-escovar, afecto, entre outras)	Charles, 2016	É através da prática do cuidar, envolvendo responsabilidade por outro ser vivo, e da partilha do espaço doméstico que os animais se tornem membros da família
	Costuma incluir o cão nos programas familiares de fim de semana?	Costa, 2014	As famílias-mais-que-humanas estão na presença de rituais distintos das famílias exclusivamente humanas (...) e incluir o cão em atividades de fim de semana.
Sentimentos perante o Cão	Costuma celebrar o aniversário do meu cão?	Schaeffer, 2009	celebram os seus aniversários e oferecem-lhes presentes
	O meu cão torna o meu quotidiano...	Power, 2008	A forma como a como a família e o quotidiano são vividos é ativamente moldada pela presença dos animais
	Arrependo-me de ter um cão	Não Aplicável	Não Aplicável
	Ter um cão não é fácil	Não Aplicável	Não Aplicável

	Costumo incluir o meu cão nas fotos de família	Franklin, 2006	O facto de os humanos se referirem aos seus animais de companhia como membros da sua família indica uma quebra na barreira entre as espécies
	O meu cão faz parte da minha família	Power, 2008	Os cães que foram descritos como família foram reconhecidos como sendo emocionalmente próximos dos membros da família humana (representando uma extensão familiar para além de humanos)
	Descreva o seu cão numa palavra		

Fonte: Elaboração própria

Procedeu-se à recolha de respostas através de um questionário *online*, tendo sido utilizada a plataforma *google docs*. A divulgação dos questionários foi feita através de várias plataformas, nomeadamente o *facebook*, e a utilização de instituições para divulgação do questionário, onde se inclui a Câmara Municipal de Faro e a própria Universidade do Algarve. A utilização do *facebook* mostrou-se preponderante na divulgação do questionário, tendo-se recorrido a vários grupos de interesse de cães e a associações de adoção de cães (de acesso restrito e a outros de carácter mais aberto).

A opção pela utilização de questionários *online* nesta dissertação apresenta diversas vantagens, de acordo com estudos anteriores (Fowler, 2014; Bryman, 2012). Primeiramente, destaca-se o baixo custo associado a essa abordagem, uma vez que dispensa gastos com a impressão e distribuição física dos questionários. Além disso, a realização dos questionários *online* é caracterizada pela celeridade do processo, permitindo uma recolha de dados mais rápida em comparação com métodos tradicionais. Outra vantagem reside nos formatos mais atrativos disponíveis, possibilitando o uso de diversos estilos e filtros nas plataformas *online*, o que pode aumentar a participação e a qualidade das respostas. Isto também contribui para evitar questões sem resposta, exigindo que os participantes respondam a todas as perguntas antes de prosseguir o que é especialmente relevante para a obtenção de dados mais completos e confiáveis. Por último, a automatização da entrada de dados e a monitorização automática dos tempos e taxas de resposta facilitam a análise dos dados obtidos. No entanto, é importante reconhecer algumas desvantagens desse método, como a possibilidade de uma taxa de resposta relativamente baixa, a restrição da amostra a indivíduos com acesso à internet e competências digitais, e as questões éticas relacionadas à confidencialidade e ao

anonimato dos participantes, que devem ser cuidadosamente consideradas e abordadas durante o processo de investigação.

Uma das dificuldades sentidas nesta fase foi o desconhecimento face ao universo amostral. Embora existam dados oficiais sobre o número de cães registados no concelho de Faro, também é verdade que esse número não apresenta uma tradução direta da realidade pois existem vários cães não registados. Tendo em conta que o objetivo era chegar ao maior número de respostas possível utilizou-se um procedimento não probabilístico de amostragem por conveniência na medida em que o questionário foi difundido de uma forma a que tutores de cães residentes no concelho de Faro se voluntariassem a responder ao mesmo. Para a realização do questionário, os inquiridos necessitavam de ser maiores de idade, tutores de pelo menos um cão e residentes no concelho de Faro.

No total foram rececionadas 175 repostas consideradas válidas. O questionário foi disseminado e esteve *online* durante 3 meses, compreendidos entre 15 de abril e 15 de junho de 2022. Importa referir que o número total de inquéritos respondidos ficou aquém do esperado, sendo esta uma possível limitação da extrapolação dos dados para uma amostra maior, no entanto é importante referir que se desconhece de facto, o número de lares no concelho de Faro, onde existe pelo menos um cão. Posteriormente, os dados foram codificados e introduzidos numa base de dados no software SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*. O tratamento e análise foi feito com recurso ao mesmo software.

A resposta foi voluntária, podendo também representar um enviesamento dos resultados, ou seja, os tutores com uma relação mais próxima com os seus cães, poderão ser aqueles tutores cujo interesse em participar neste tipo de iniciativas é maior, obtendo-se mais respostas por parte desses tutores.

A amostra é caracterizada por pessoas com idades compreendidas entre 18 e 69 anos de idade, dos quais 71,4% dos inquiridos são mulheres, enquanto que 28,6% são homens, e apenas 1,7% dos inquiridos são estrangeiros. No que concerne à freguesia de residência apurou-se que 61,7% residem na União de Freguesias de Faro, 18,8% na freguesia do Montenegro, 13,1% na freguesia de Conceição e Estoi e 6,3% na freguesia de Santa Bárbara de Nexe, sendo que 58,9% dos inquiridos residem num apartamento e

41,1% residem numa moradia. A maioria dos inquiridos possui formação académica de grau superior (65,1%) e 50,3% dos inquiridos possuem filhos.

3.4.3 Metodologia Qualitativa – Entrevistas Semiestruturadas

A investigação qualitativa permite aos investigadores estudarem os fenómenos nos seus contextos naturais, tentando compreender ou interpretar esses fenómenos nos termos dos significados que as pessoas lhes atribuem (Denzin e Lincoln, 2000). Num segundo momento da componente empírica desta dissertação optou-se como já mencionado pela adoção de uma estratégia qualitativa, de forma a recolher informação relacionada com a apreensão de significados e representações em torno da relação tutor/cão.

A ferramenta utilizada na análise qualitativa foi a entrevista semiestruturada. De acordo com Bryman (2012), a entrevista semiestruturada é um método amplamente utilizado na investigação qualitativa. Este tipo de entrevista implica a utilização de um guião que contém um conjunto de perguntas orientadoras, mas permite ao entrevistador flexibilidade para modificar a sequência das perguntas e fazer perguntas adicionais, caso seja necessário explorar as respostas do entrevistado. Em vez de seguir rigidamente um guião pré-estabelecido, a entrevista semiestruturada permite uma abordagem mais flexível e adaptável, possibilitando uma maior compreensão das perspetivas e experiências dos entrevistados.

Então, de forma a por um lado, aprofundar algumas das dimensões já recolhidas através do questionário, e por outro lado, recolher dados sobre dimensões ainda não exploradas neste estudo, elaborou-se o guião de entrevista, tendo o mesmo sido dividido em 7 partes: caracterização geral, história de vida, a chegada do cão, o cão, rotinas, espaço doméstico e barreiras entre espécies. À semelhança do apresentado no questionário, a construção do guião seguiu a inspiração teórica apresentada na tabela 3.2

Tabela 3.2 - Inspiração Teórica da Entrevista

DIMENSÃO	QUESTÕES	AUTORES	CITAÇÃO
Caracterização Geral	Idade		
	Existência de filhos	Blouin, 2008	Estudos indicam que o afeto entre donos e animais de estimação é mais fraco em lares onde existem crianças
	Tipo de habitação	Não Aplicável	Não Aplicável
	Nº de cães	Não Aplicável	Não Aplicável

História de Vida	Teve algum cão em criança/jovem ou adolescente?	Davis e Juhasz 1985	Davis e Juhasz (1985) avançam a ideia de que os animais de estimação tendem a reforçar a autoestima nos anos pré-adolescentes (idades 9-12) porque podem servir como companheiro que comunica respeito pelo seu dono e promove a responsabilidade (Davis e Juhasz 1985).
	Que memórias tem desse ou desses cães?	Não Aplicável	Não Aplicável
	Acha que o fato de ter sido educado na presença de um cão, foi importante para o fato de hoje ser tutor de um cão?	Não Aplicável	Não Aplicável
A Chegada do Cão	Fale-me um pouco sobre a forma como decidiu trazer o (Nome do Cão) para casa?	Não Aplicável	Não Aplicável
	Como é que essa decisão foi tomada?	Não Aplicável	Não Aplicável
	O que aconteceu nos dias e semanas a seguir à chegada do cão a casa foi o que idealizou?	Não Aplicável	Não Aplicável
O Cão	Como é que descreve o/a (nome do cão)?	Salmon e Salmon, 1983	Quando tutores de cães numa cidade australiana (Melbourne), foram solicitados a fornecer uma lista de adjetivos que descrevessem os seus cães, três adjetivos principais emergiram: aceitação/confiança, amor/amizade e inteligência/obediência. Os tutores sentiram que os principais benefícios em viver com um cão são o companheirismo, proteção e felicidade ou prazer. Três quartos deles sentiram a necessidade de serem protegidos fisicamente por um cão, e o mesmo número acreditava que o cão ajudava a proteger sua casa de roubos
	Quais são as qualidades e defeitos que mais destaca?	Não Aplicável	Não Aplicável
	O que é que ele/ela gosta de fazer?	Não Aplicável	Não Aplicável

	Como é que descreve a vossa relação?	Power, 2008	Os cães que foram descritos como família foram reconhecidos como sendo emocionalmente próximos dos membros da família humana (representando uma extensão familiar para além de humanos) e foram incluídos nas atividades da “família”, como idas ao parque, a escolas de cães e a salões de beleza para animais
Rotinas	Pode-me descrever como é um dia na vossa família?	Power, 2008	A relação entre o tutor e o seu cão, num quotidiano em que ambos vivem mutuamente entrelaçados, e a forma como este é vivido sendo ativamente moldado pela presença do animal, moldando também a construção familiar são indicadores de uma família mais-que humana
	O que mudou na vossa rotina desde que têm o (nome do cão) e que impactos é que isso teve na vossa vida?	Não Aplicável	Não Aplicável
	O que é que essa rotina lhe faz sentir?	Não Aplicável	Não Aplicável
	Quando passeia o (nome do cão) costuma interagir com outras pessoas?	Salmon, 1983	Os tutores sentiram que os principais benefícios em viver com um cão são o companheirismo, proteção e felicidade ou prazer.
	Durante o passeio são realizadas atividades/jogos?	Costa, 2014	As diferentes interações com o cão, podem ser entendidas como práticas absolutamente normais no quotidiano das <i>famílias-mais-que-humanas</i> , contudo, diferentes práticas têm diferentes significados simbólicos
Espaço Doméstico	De que forma é partilha o seu espaço doméstico com o (nome do cão)?	Power, 2008	O conceito de famílias-mais-que humanas e defende que a centralidade do espaço doméstico surgiu como um local onde estas famílias têm uma maior liberdade para definir as práticas, sendo a coabitação essencial na facilitação de relações próximas com os animais.
	A que espaços é que ele tem acesso?	Power, 2008	A autora (Power, 2008) concluiu que as pessoas que não permitem a entrada dos cães em casa vêem-nos como animais de estimação, ao invés daqueles que coabitam com os animais e se referem aos mesmos como membros da família
	Por exemplo, deixa o (nome do cão) ir para a sua cama?	Tipper, 2011	Partilhar a cama com o cão pode apresentar-se por um lado, como uma manifestação da simbologia da parentalidade, denotando uma proximidade emocional entre tutor e cão; e por outro lado, como uma extensão do comportamento de matilha, onde se transfere para o tutor o papel de membro da mesma

	E para o sofá?	Franklin, 2006	Animais e humanos sentados lado a lado significa igualdade e no fundo ter a mesma classificação, ou seja, quando humanos compartilham o seu sofá, a sua poltrona com um animal estamos perante uma mudança no status e na posição do animal relativamente ao seu tutor.
	Como explicaria a alguém que não viva com um cão, a experiência em viver com um?	Não Aplicável	Não Aplicável
Barreiras entre espécies	Para terminarmos gostaria só de lhe perguntar se dentro do agregado familiar, atribui algum papel ao (nome do cão)?	Power, 2008	Abordagens centradas no ser humano em estudos relacionados com a família e lar, são desafiadas por estudos que colocam em primeiro plano o papel ativo que os animais de companhia desempenham em relações com os seus tutores e seus pares
	Acha que o (nome do cão) é um animal doméstico ou sente-se confortável em dizer que é “como se fosse uma pessoa” ou “um membro da família”?	Franklin, 2006	O facto de os humanos se referirem aos seus animais de companhia como membros da sua família indica uma quebra na barreira entre as espécies
	Como se sente quando se referem ao seu cão como um cão ou animal, em vez de o tratarem pelo nome?	Não Aplicável	Não Aplicável

Fonte: Elaboração própria

Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente de entre os participantes do inquérito, que informaram desejar contribuir ainda mais para o estudo mediante a concessão de uma entrevista, presencial ou via videoconferência. Antes do início das entrevistas o objetivo do estudo foi revelado, ficando os entrevistados cientes do tipo de questões que são colocadas, bem como da proteção da sua identidade, sendo ainda informados acerca da possibilidade da cessação da entrevista a qualquer momento caso assim o entendam.

Sendo o objetivo da realização das entrevistas uma análise complementar aos resultados dos inquéritos, esta análise traduz-se na procura de um contacto mais aprofundado com a realidade tutor-cão, com as motivações para a divisão do espaço doméstico com o cão, com as experiências que resultam da convivência diária e doméstica e analisar as perceções individuais acerca da relação inter-espécies.

Foram realizadas oito entrevistas com uma média de duração de 50 minutos, tendo sido posteriormente transcritas e codificadas. Das oito entrevistas realizadas, cinco foram realizadas através de videoconferência e três foram realizadas presencialmente. O processo de codificação seguiu as indicações da análise temática, evidenciando o que o texto diz, sendo que os dados fornecidos pelos participantes representam sentimentos, perceções e eventos que existem independentemente dos próprios dados (Spencer *et al.*, 2003). Optou-se por desenvolver uma codificação ao nível das dimensões, não aprofundando as classes associadas:

Nem todo o analista cria classes abstratas de ordem superior, identifica conexões ou desenvolve explicações, ele pode simplesmente optar por permanecer num nível mais descritivo (Spencer *et al.*, 2003: 286).

As categorias e dimensões criadas através da análise de conteúdo estão esquematizadas na tabela 3.3⁹.

Tabela 3.3 - Estrutura Temática da Análise de Conteúdo

TEMA	DIMENSÃO	CATEGORIAS
Caracterização Sociodemográfica	Situação Profissional	Empregado
		Desempregado
		Reformado
	Idade	N/A
	Estado civil	Solteiro
		Casado/união de facto
		Viúvo
		Divorciado
	Tipo de Habitação	Apartamento
		Morada
Existência de filhos	Sim	
	Não	
História de Vida	Convivência com cão na infância	Tipo de relação desenvolvida
		Clareza das memórias
		Influência na decisão de ter um cão em adulto
	Não convivência com cão	Motivos
		Influência na decisão de ter um cão em adulto

⁹ Por uma questão de gestão do impacto ambiental associado a esta dissertação optou-se por não incluir nos apêndices as matrizes de codificação.

A chegada do cão a casa	Tipo de decisão	Ponderada
		Impulsiva
		Objetivo específico
	Circunstância	Origem do cão
	Idealização	Idealização
O Cão	Descrição	Qualidades
		Defeitos
	Atividades Preferidas	Atividades partilhadas
		Atividades solitárias
		Atividades extra relação com tutor
Necessidades do Cão	Representações do tutor	
Tipo de Relacionamento	Representações e sentimentos do tutor	
Rotinas	Rotina Diária	Passeios
		Brincadeiras
		Lazer/afeto
		Outras
		Sentimentos do tutor face à rotina
	Rotinas de folgas ou férias	Descrição
		Sentimentos do tutor face à rotina
Espaço Doméstico	Acesso à casa	Condicionado
		Livre
	Acesso ao sofá	Condicionado
		Livre
	Acesso à cama	Condicionado
		Livre
Barreira entre Espécies	Convivência	Descrição
		Sentimentos
	Relação	Pai-filho
		Dominação-submissão
		Ação Introduzida
	Papel	Integração
		Assimilação
		Substituição

Fonte: Elaboração própria

Como já mencionado, foram realizadas oito entrevistas, a quatro homens e quatro mulheres. Todos os entrevistados encontram-se a trabalhar à exceção de uma entrevistada, de 59 anos de idade, que se encontra reformada. Os entrevistados possuem idades compreendidas entre os 36 anos de idade e os 62 anos, sendo que apenas um entrevistado é solteiro e todos os outros, ou são casados, ou vivem em união de facto, sendo ainda de apontar que, no que diz respeito à existência de filhos, um entrevistado e uma entrevistada, ambos de 36 anos não possuem filhos – todos os outros têm pelo menos um filho. Relativamente ao tipo de habitação, três dos entrevistados residem numa moradia, enquanto os restantes cinco residem em apartamentos.

CAPÍTULO 4 – DINÂMICAS E ASPETOS TRANSVERSAIS DA RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E CÃES EM FARO

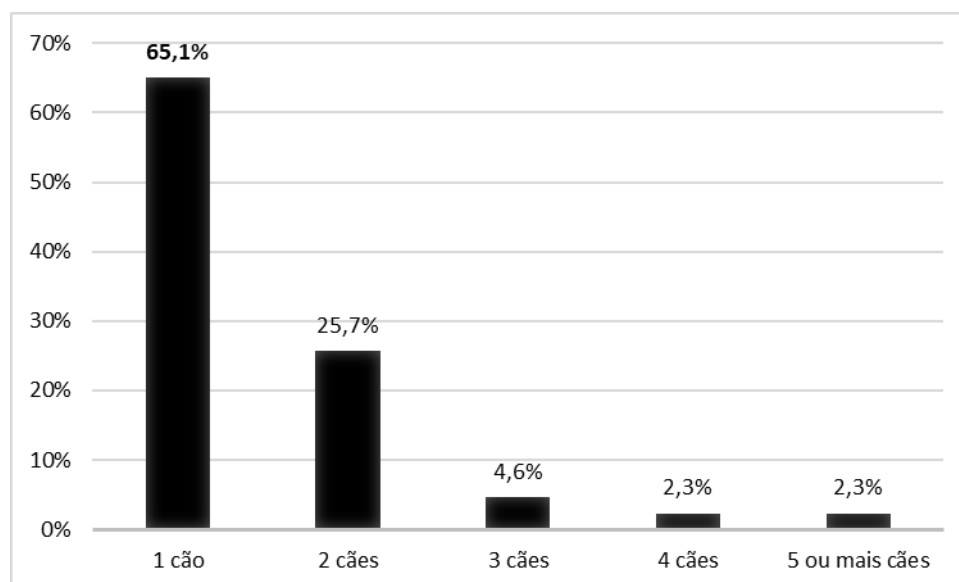
Um cão não precisa de carros de luxo, casas grandes ou roupas de marca¹⁰ (Marley & Me, 2005).

4.1 Interação Humano-Canina: Caracterização do Objeto de Estudo

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma análise quantitativa exploratória sobre as características das relações entre indivíduos respondentes ao questionário e os seus cães. Para tal, foca-se, em primeiro lugar, na caracterização do objeto empírico desta dissertação – o cão. Para além disso, analisa também que rotinas existem entre humanos e cães, os gastos associados a esta relação, as motivações subjacentes à escolha de um cão como animal doméstico e por fim, as representações que os indivíduos têm dos seus animais de estimação. São estas representações que lançam pistas exploratórias sobre se o objeto empírico tende a ser percecionado como animal doméstico e/ou como membro da família.

Na amostra analisada, a grande maioria dos inquiridos afirma ter apenas um cão dentro do agregado familiar (65,1%). Dos indivíduos que têm mais do que um cão, cerca de um quarto afirma ter dois (25,7%), 4,6% têm 3 cães, e 2,3% possuem 4 cães e 5 ou mais cães.

Figura 4.1 - N.º de Cães no Agregado Familiar



¹⁰ Tradução livre do original “A dog has no use for fancy cars or big homes or designer clothes.”

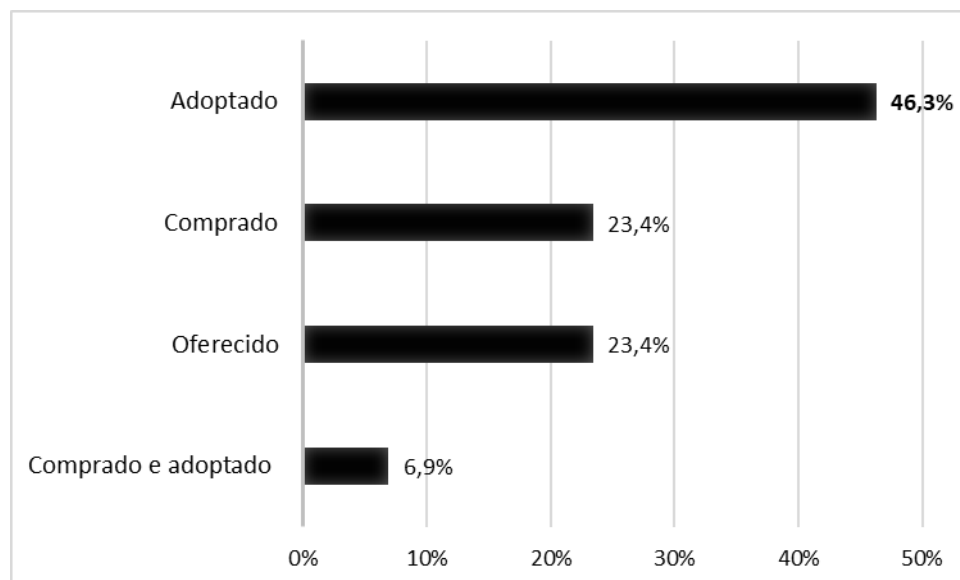
Fonte: Elaboração própria

A amostra é relativamente heterogénea tendo em conta ao período temporal em que coabitam com os seus cães. Esta variável está dependente do tempo de vida do próprio animal e como seria expectável quanto maior a idade do cão menor a %. Mais especificamente, cerca de 26% dos inquiridos afirma viver com o cão há entre 1 e 3 anos, 28% coabitam há entre 7 e 10 anos e cerca de 14% há 11-13 anos. Apenas 5,7% coabitam com o animal pelo período compreendido entre 14 e 17 anos.

Das 175 respostas dadas existem 40 raças de cães e 1 raça indefinida (cães sem raça definida, vulgo rafeiros ou cães cruzados). É a raça indefinida que é a mais frequente, com 43% dos inquiridos a responderem que o seu cão, ou o seu primeiro cão (no caso de possuírem mais do que um cão) não possui uma raça conhecida.

De acordo com Policarpo e Tereno (2022), os animais entram no agregado familiar de três formas distintas: por necessidade, porque são desejados ou porque são encontrados, podendo sobrepor-se as modalidades. Relativamente aos dados apurados acerca da entrada do animal no agregado familiar, verifica-se que em 46,3% das vezes foi através de adoção, 23,4% através de compra e curiosamente com a mesma percentagem (23,4%) o cão foi uma oferta. Cerca de 7% dos inquiridos responderam que um dos cães foi comprado e o outro adotado, por viverem no mesmo agregado familiar mais do que um cão.

Figura 4.2 - Forma de Entrada do Cão no Agregado Familiar



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito aos 50 inquiridos que compraram o cão, 30% pagaram o valor entre 1€ e 200€, 28% pagaram algo entre 201€ e 400€, 32% afirmaram ter pagado a quantia entre 401€ e 600€, 4% pagaram entre 601€ e 800€ e 6% pagaram um valor compreendido entre 801€ e 1000€.

A maioria dos inquiridos (60%) não tem mais animais de estimação, sendo que dos 40% que afirmaram ter mais um animal de outra espécie, 62,9% têm um gato. Segundo a consultora GfK, entre 2011 e 2018, a percentagem de lares portugueses com pelo menos um animal de estimação aumentou de 45% para 58%, totalizando 5,8 milhões de animais, entre cães (36%), gatos (22%), sendo estes os dois animais de companhia mais frequentes em Portugal (GfK, 2011; 2015; 2018).

4.2 Rotinas e Gastos

4.2.1 Ritmos e Atividades na Interação Humano-Cão

Neste subcapítulo serão abordadas duas dimensões distintas: as rotinas do quotidiano e os gastos com o cão. Diferentes indivíduos e famílias assumem diferentes práticas, rotinas e rituais ao longo do quotidiano.

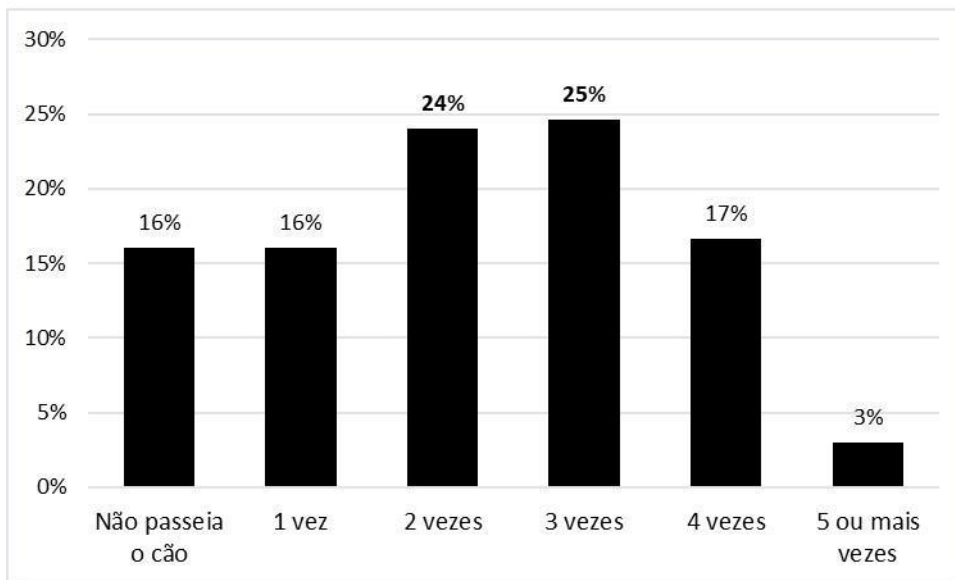
Segundo Costa (2014) os rituais familiares constituem lugares de construção da família contemporânea enquanto espaço simultaneamente físico, relacional e simbólico, tanto para dentro, quanto para fora: na delimitação de fronteiras, na definição e atribuição de papéis e ainda na criação e afirmação de uma representação e sentido sobre si próprias e sobre a sua existência. As *famílias-mais-que-humanas* estão na presença de rituais distintos das famílias exclusivamente humanas, uma vez que as suas rotinas acabam por ser traduzidas e direcionadas para as necessidades do animal (Power, 2008), como por exemplo algumas das rotinas elencadas no questionário: passear o cão, a realização de atividades durante o passeio, a realização de passeios em conjunto, o tratamento da higiene do cão, mimar o cão, treinar o cão, alimentar o cão e incluir o cão em atividades de fim de semana.

Talvez o ritual das *famílias-mais-que-humanas* mais visível seja o ato de passear o cão – quer seja pelas necessidades biológicas do cão, quer seja para suprir necessidades do tutor (Sanders, 1999). Neste sentido, 84% dos inquiridos afirma passear o seu cão contra 16% que não o passeiam, sendo que 24,6% dos inquiridos passeia o seu cão 3 vezes por dia, 24% passeia 2 vezes, 16,6% passeia 3 vezes, 16% passeia uma vez e 3% passeia

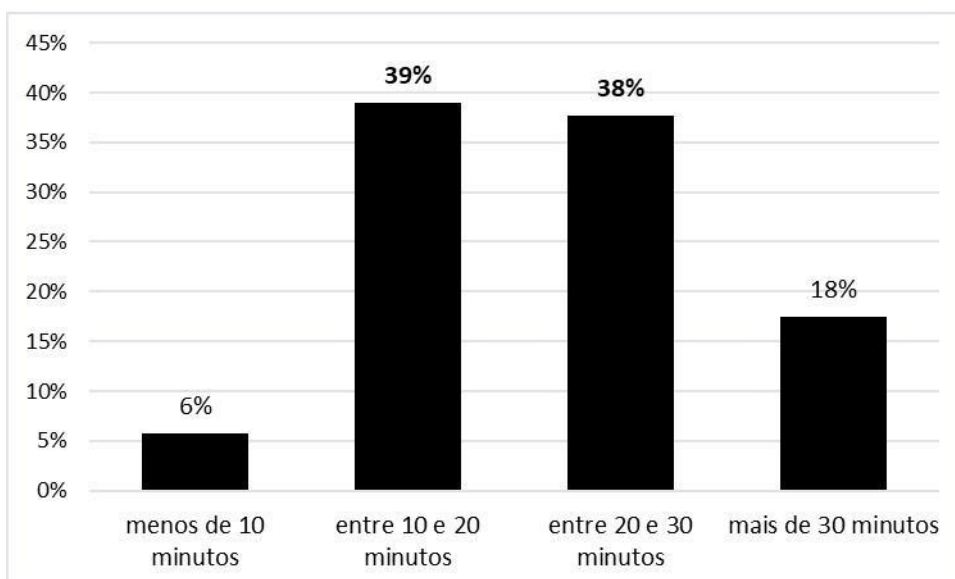
5 ou mais vezes. No que ao tempo de passeio diz respeito, 39% dos inquiridos realiza passeios de 10 a 20 minutos, 37,7% de 20 a 30 minutos, 17,5% passeios com duração superior a 30 minutos e 5,8% realiza passeios com duração inferior a 10 minutos.

Figura 4.3 - Frequência e Duração dos Passeios

[A] Frequência dos passeios



[B] Duração dos passeios



Fonte: Elaboração própria

O passeio é uma das atividades mais estruturais para quem tem cães. De facto, os cães necessitam de passeios diários (uma média de 2 por dia), com uma duração aproximada de 20 a 30 minutos para terem satisfeitas algumas das suas necessidades

básicas: fisiológicas, olfativas e sociais (Hart, 1995). Do ponto de vista social, atender a estas necessidades demonstra um sentido de compromisso que o humano assume com o seu cão. As especificidades deste compromisso podem estar relacionadas com as características quotidianas da vida do tutor. Para verificar estas especificidades, procedeu-se a testes de correlação¹¹ para verificar dependências entre a existência, frequência e duração de passeios e outras variáveis como a existência de filhos¹², a situação perante o trabalho, o tipo de habitação, a escolaridade e o género. A análise revelou que a existência de passeios (*sig.* = 0,000), a sua frequência (*sig.* = 0,000) e a sua duração (*sig.* = 0,002) são estatisticamente dependentes do tipo de habitação dos inquiridos (moradia ou apartamento). Embora a maior parte dos inquiridos passeie os seus cães (n=147), dos 28 que afirmam não os passear 75% vive em moradias. Por outro lado, a existência ou características do passeio não estão dependentes do facto dos tutores terem filhos, estarem empregados ou desempregados, do género ou da escolaridade.

O passeio do cão, além de atuar como uma prática necessária ao cão, comumente associado à inevitabilidade de realizar as suas necessidades fisiológicas, pode também conferir um aumento de capital social ao seu tutor, uma vez que só por si, proporciona um aumento de interações e contatos, facilitando as ligações sociais (Wood *et al.*, 2005).

De acordo com McNicholas e Collins (2000), Messent (1983) demonstrou que os tutores, ao realizar o passeio do cão num determinado parque urbano, experienciaram um número significativamente maior de hipóteses de conversação com outros humanos, comparativamente com outros humanos que passeavam no parque sem cão. O autor realça também que as conversas na presença de um cão foram mais duradouras, sendo que o cão funciona como um “lubrificante social” (Mugford e M’Comisky, 1975). Isto significa que o capital social dos indivíduos pode aumentar em função dos passeios com os seus cães e dos encontros interpessoais que daí advêm (Wood *et al.*, 2005). Os encontros casuais ocorridos durante o passeio do cão, podem também conceder uma sensação de integração

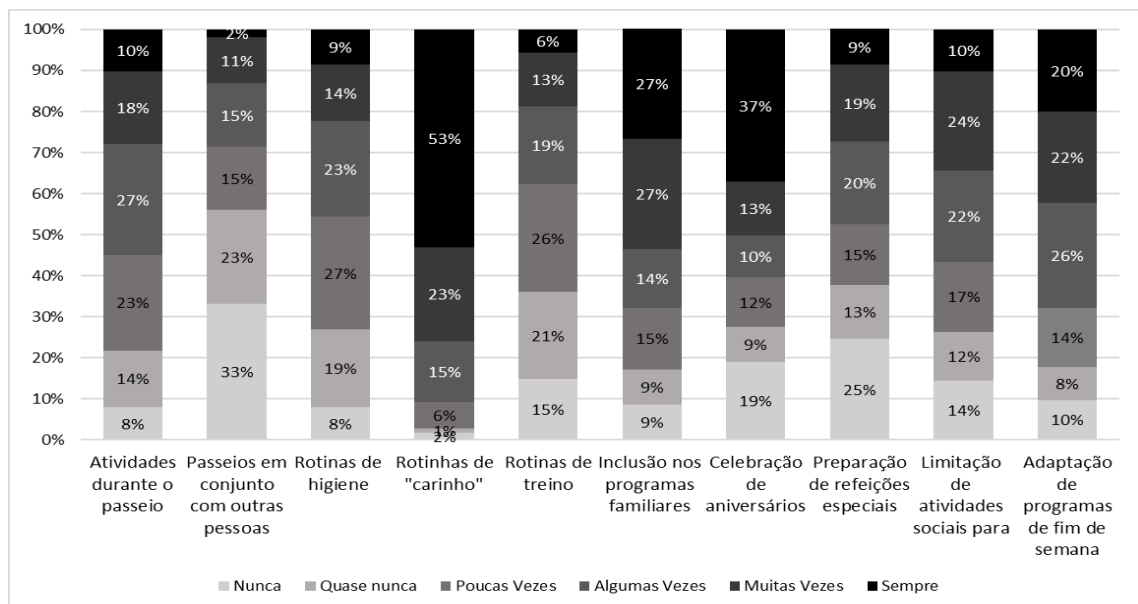
¹¹ Para a análise da dependência entre estas variáveis utilizou-se o teste de independência do Qui-Quadrado (X²) tal como os resíduos ajustados estandardizados. Utilizou-se este teste porque permite analisar a relação de independência entre variáveis qualitativas (Pestana e Gageiro, 2014). Quando a análise revela valores de significância superiores a 0,05 não se rejeita a H₀ (hipótese nula) que diz que não há relação entre as variáveis, concluindo-se que as variáveis são independentes.

¹² O teste de independência de Kolmogorov-Smirnov (K-S) analisa a distribuição de uma variável ordinal nas categorias de uma variável dicotómica (Pestana e Gageiro, 2014). Neste caso, ajuda a perceber se há semelhança entre as distribuições da frequência e duração dos passeios, medido em escalões (variável ordinal), segundo a existência de filhos (variável dicotómica).

social, oferecendo oportunidades de desenvolver os contatos no futuro (McNicholas e Collins, 2000).

No entanto, os dados recolhidos revelam que a amostra em análise não incorpora esta dimensão de fortalecimento do capital social nas rotinas que desenvolvem com os seus cães. De facto, de todas as rotinas elencadas no questionário, a menos observada são os passeios em conjunto com outros tutores (apenas 1,7% realiza sempre passeios em conjunto contra 33,1% que afirmam nunca realizar passeios em conjunto e 22,9% afirmam que isso acontece pouco frequentemente). As rotinas de treino e a preparação de refeições especiais são outras que os participantes afirmam desenvolver com menos frequência. A rotina incorporada no quotidiano com maior frequência é a de acarinhar o cão, sendo que 22,9% dos inquiridos afirmam que dedicam muitas vezes parte do dia para acarinhar o seu cão enquanto que 53,1% afirma fazê-lo diariamente. Para além disso, a análise revelou também que é comum a celebração de aniversários dos cães e a realização de atividades durante o passeio (como brincar com uma bola). Destaca-se também que muitos dos inquiridos tendem a adaptar os seus programas de fim de semana às necessidades e rotinas dos seus cães e a limitar as suas atividades sociais (como sair, ir de férias, ir jantar fora, entre outros) para que o(s) seu(s) cão(es) não ficar(em) sozinho(s).

Figura 4.4 – Frequência de Rotinas



Fonte: Elaboração própria

As rotinas de “carinho” são particularmente importantes para sedimentar a relação entre o humano e o cão e estão alinhadas com o que Bradshaw (1995) identifica como

uma “relação de mutualismo” onde os tutores acreditam receber em troca aquilo que dão aos seus animais – amor e carinho. Policarpo (2022:7) enfatiza a importância da corporalidade, traduzida como o contacto físico entre o tutor e o cão ao afirmar que esta relação é:

(...) quase sempre mediada por um grande contacto físico, corporal, uma intimidade construída pela partilha de espaços, pelo toque dos corpos, pela proximidade dos odores. Grande parte da relação afetiva que se desenvolve, e do sentimento de conexão entre donos e animais, passa por esta copresença dos corpos, pelo toque e contacto físico.

Para perceber se a frequência do desenvolvimento destas rotinas estava dependente de algumas dimensões em análise, fizeram-se testes de correlação e independência estatística. Verificou-se que não existem correlações estatisticamente significativas entre a frequência de rotinas e a situação perante o trabalho e a escolaridade. No entanto, existem atividades cuja frequência é comprometida por outros fatores. A tabela 4.1 apresenta as determinantes que influenciam a frequência destas rotinas.

Tabela 4.1 – Determinantes da Frequência das Rotinas

FREQUÊNCIA ATIVIDADES	EXISTÊNCIA DE FILHOS ¹³	Nº DE FILHOS ¹⁴	Nº DE CÃES	GÊNERO ¹⁵
Atividades durante o passeio	0,561	0,640	0,569	0,968
Passeios em conjunto com outras pessoas	0,933	0,223	0,447	0,633
Rotinas de higiene	0,164	0,650	0,886	0,029
Rotinas de "carinho"	0,042	0,061	0,421	0,018
Rotinas de treino	0,425	0,711	0,384	0,447
Inclusão nos programas familiares	0,642	0,030	0,011	0,253
Celebração de aniversários	0,478	0,609	0,015	0,884
Preparação de refeições especiais	0,001	0,414	0,287	0,100

¹³ Para aferir a relação entre estas variáveis utilizou-se o teste de independência de Kolmogorov-Smirnov (K-S) (Pestana e Gageiro, 2014).

¹⁴ Para estas variáveis utilizou-se o coeficiente de correlação de Spearman (R), um teste não paramétrico. O coeficiente de correlação Ró de Spearman mede a intensidade da relação entre variáveis ordinais, variando entre -1 e 1. Quanto mais próximo estiver destes extremos, maior será a associação linear entre as variáveis (Pestana e Gageiro, 2014). Normalmente, assume-se que existe correlação entre duas variáveis quando o R Spearman é superior a 0,30 e o nível de significância (p-value) é inferior a 0,05.

¹⁵ Teste do Qui-Quadrado (X²) tal como os resíduos ajustados estandardizados pelas razões identificadas anteriormente

Limitação de atividades sociais	0,574	0,468	0,835	0,082
Adaptação de programas de fim de semana	0,472	0,394	0,023	0,032

Fonte: Elaboração própria com recurso ao SPSS

A análise dos níveis de significância identificados na tabela permite perceber que:

- As rotinas de “carinho” e a preparação de refeições especiais são dependentes da existência de filhos. Também existe uma relação entre o número de filhos e a inclusão dos cães nos programas familiares. Neste caso, apesar do valor da significância ser inferior a 0,05 ($sig.=0,030$) o R de Spearman é de -0,231. A literatura indica que este valor deve ser superior a 0,30 para se provar a associação estatística entre as variáveis (Pestana e Gageiro, 2004). Neste sentido, embora não seja correto afirmar que existe uma associação estatística entre o número de filhos e a inclusão dos cães nos programas familiares, é possível verificar uma associação que será explorada de forma mais aprofundada no capítulo seguinte para consolidar a ideia de que a frequência desta rotina é tanto maior quanto menor for o número de filhos;
- As atividades que podem ser consideradas como mais “sociais” como a inclusão nos programas familiares ($R=-0,299$), a celebração de aniversários ($R=-0,321$) e a adaptação de programas de fim de semana às necessidades dos cães ($R=-0,372$) apresentam uma associação linear negativa com o número de cães existente no agregado familiar. Isto significa que quanto mais cães existirem no agregado menor é a frequência destas rotinas, ou seja, mais difícil se torna incluí-los nestas atividades;
- As rotinas de higiene (como escovagem, limpeza do pelo, lavar dentes, lavar patas, entre outras), de carinho e a adaptação dos programas de fins de semana tendem a ser incorporadas com maiores índices de frequência em tutores que afirmam identificar-se o género feminino. Esta é uma outra pista exploratória que será aprofundada no próximo capítulo.

A frequência das rotinas que implicam uma relação entre o tutor e o cão e que moldam o seu quotidiano, revela que parece existir entre a maioria dos inquiridos um compromisso em priorizar algumas atividades rotineiras que vão para além da satisfação das necessidades básicas dos seus cães (fisiológicas) e que visam consolidar uma relação emocional e desempenhar uma função social. Embora existam algumas rotinas que

estejam dependentes do número de filhos, do número de cães e do género, a maioria das atividades são desenvolvidas sem influência destes fatores.

4.2.2 Custos e Recursos: Análise dos Gastos na Convivência entre Humanos e Cães

A decisão de introduzir um animal de estimação no seio familiar está dependente de vários fatores, sendo um deles os gastos associados à satisfação das necessidades dos animais (Szasz, 1968). Abraham Maslow (1943) propôs uma teoria hierárquica com cinco níveis de necessidades: fisiológicas, de segurança, sociais, de autoestima, e de realização pessoal. Quando as necessidades de um nível básico se encontram satisfeitas, o indivíduo procura satisfazer as necessidades do nível imediatamente superior. As necessidades básicas podem ser satisfeitas através do consumo que influencia as relações sociais e pode definir, de certa forma, a imagem e a própria identidade da pessoa (*ibid.*, 1943).

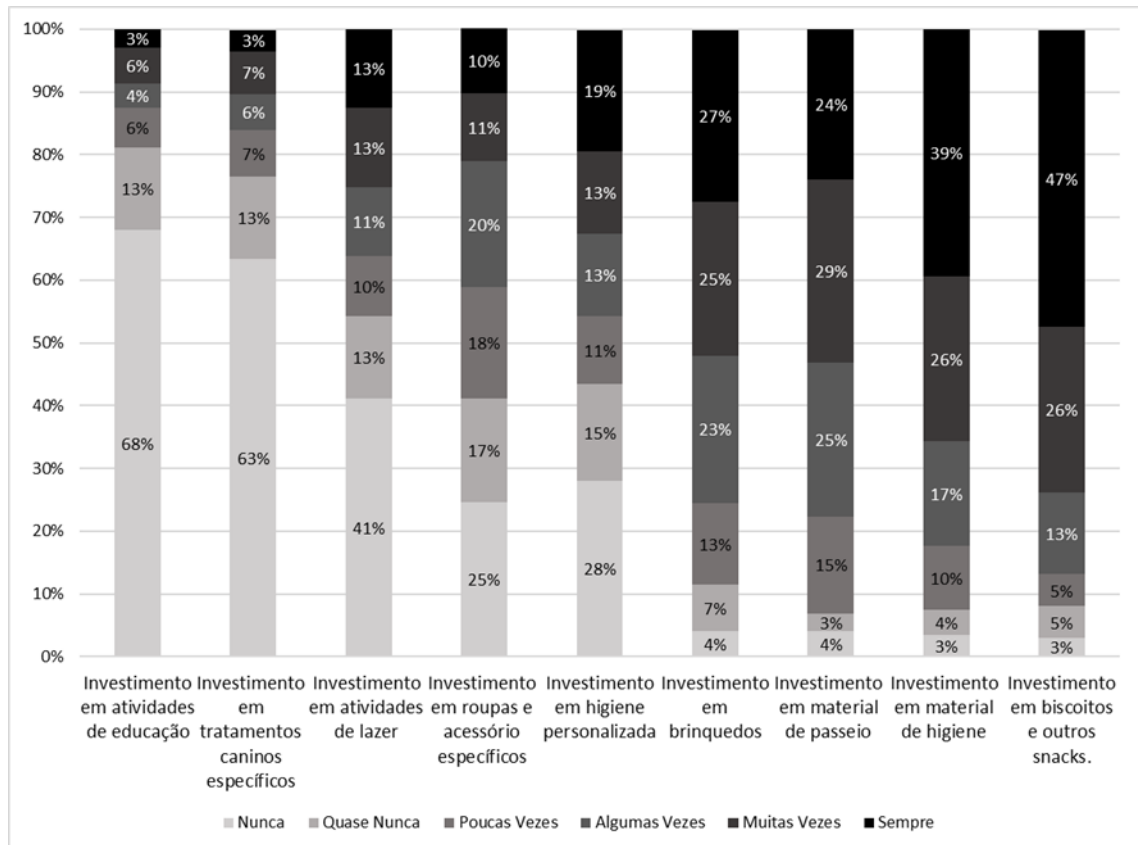
De acordo com Pinto e Lara (2011) é possível incorporar uma série de variáveis no indivíduo enquanto consumidor: o papel dos sentimentos e das emoções no comportamento de compra, o significado do simbolismo no consumo e a necessidade do consumidor de procurar divertimento e prazer. O indivíduo enquanto consumidor, utiliza também o produto do seu consumo para reafirmar a sua identidade, definir a sua posição no espaço social, entre outros (Chaudhuri e Holbrook, 2001; McCracken, 2003). O consumo serve então, não só para suprir necessidades básicas, mas também como veículo de influência nas relações sociais e na definição da identidade do indivíduo.

Segundo a consultora GfK, entre 2011 e 2018, as famílias portuguesas que possuem animais de estimação gastaram em média 12% do total do seu orçamento familiar com os mesmos (GfK, 2011; 2015; 2018). O mercado reagiu à procura de bens e artigos para animais de companhia, pelo que as empresas ao preencher lacunas de mercado, simultaneamente criaram necessidades de consumo como forma de os indivíduos expressarem o seu amor pelos seus animais de estimação. Esta mudança no mercado destaca o papel transformador dos animais na sociedade (Greenebaum, 2004).

Nesta dissertação procurou-se perceber que tipo de gastos eram mais frequentes nas famílias com cães em Faro. Para isso, dividiram-se os gastos em 5 dimensões: saúde, educação, alimentação, higiene e lazer. A figura 4.5 mostra quais os tipos de gastos mais frequentes. Tal como seria expectável, um dos tipos de gastos mais frequentes está relacionado com as necessidades básicas dos animais como a alimentação. Mais

acessíveis, tanto em termos de oferta, como em termos de gastos são os snacks e biscoitos para cão, disponíveis em praticamente todos os supermercados a custos moderadamente acessíveis, observável através das respostas dos inquiridos: 86,8% dos inquiridos afirmou gastar dinheiro em biscoitos e snacks para o cão, sendo que 47,4% afirmou comprar sempre snacks – praticamente metade dos inquiridos.

Figura 4.5 - Tipos e Frequência dos Gastos



Fonte: Elaboração própria

A dimensão do lazer, mais especificamente, o investimento em brinquedos e em material de passeio também se revelaram como gastos frequentes entre os inquiridos. Tal verificou-se também no investimento em material de higiene (como escovas, champôs e outros) onde cerca de 40% dos respondentes afirma fazê-lo sempre e 26% muitas vezes. O investimento com a higiene está relacionado com a partilha do espaço doméstico (Nast, 2006), uma vez que, com a presença do animal em locais como a cama, o sofá ou apenas dentro de casa, os tutores tornam-se mais vigilantes em relação à higiene dos seus animais.

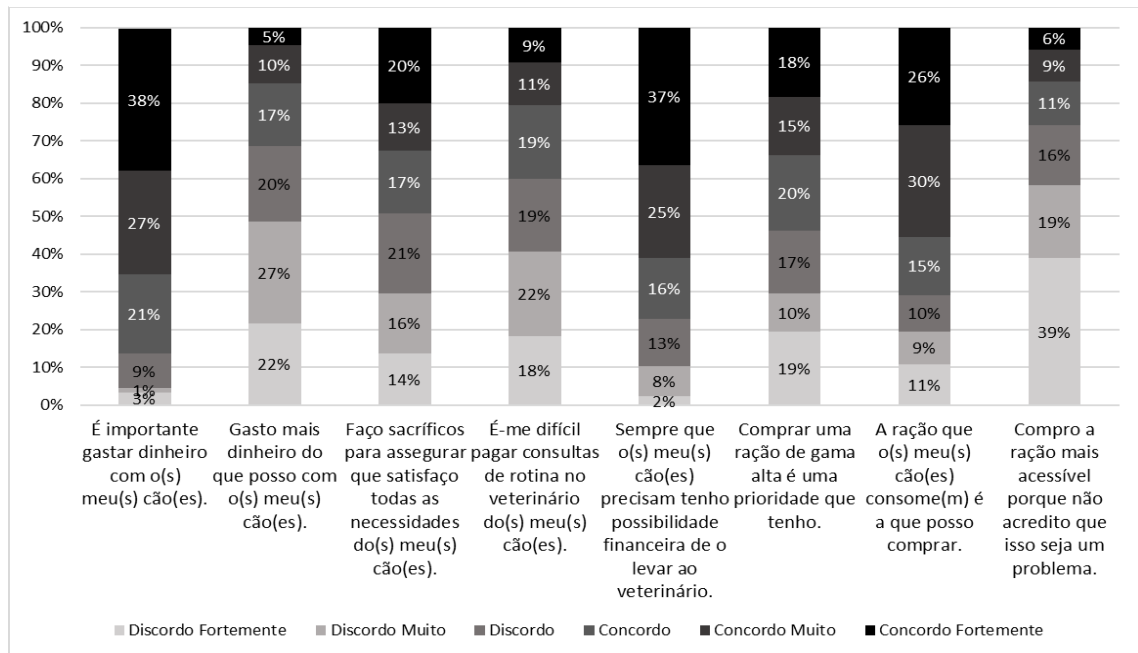
Os investimentos menos frequentes são nas áreas da educação e em tratamentos caninos específicos (como acupuntura, fisioterapia, entre outros). Estas atividades são de análise particular pois, se por um lado, determinados tutores podem interpretá-las como necessidades básicas (devido a algum problema de saúde particular e crónico que requeira esse tipo de tratamentos ou por tratamentos do cão que necessitem de intervenção de um profissional em comportamento canino), por outro lado, outros podem-nas considerar apenas como necessidades pontuais (por exemplo, após um acidente) ou até como uma não necessidade de todo.

Apenas 12,6% dos inquiridos investe em atividades de educação com o cão, sendo que desses apenas 2,9% afirma investir sempre nessa área. Contrariamente, 68% afirmaram nunca ter investido dinheiro em atividades de educação com o cão. Estas atividades de educação têm algumas características que devem ser reconhecidas como dispendiosas em termos de dinheiro e tempo, poderão ser consideradas como “novidade” ou como uma tendência de moda, e poderão ainda não ser reconhecidas como necessárias ou importantes para os tutores e os seus cães.

Um investimento relativamente frequente (cerca de 40% dos respondentes afirma fazê-lo pelo menos algumas vezes) é a compra de roupas para os animais de estimação. Esta não é uma necessidade real dos cães (Doré *et al.*, 2019) mas sim uma manifestação do esbatimento das diferenças entre humanos e animais onde ser ‘não-humano’ não significa necessariamente ser inferior (Tipper, 2011b) e de uma crescente humanização dos animais de estimação (Power, 2008).

Esta humanização e enfraquecimento das barreiras distintivas entre humanos e animais assume uma alteração na forma como os humanos representam as suas relações com os animais que também é visível nas representações que fazem sobre os gastos associados a esta relação.

Figura 4.6 - Representações sobre os Gastos



Fonte: Elaboração própria

Os gastos com o cão, poderão ser um indicador interessante neste estudo exploratório. Os gastos considerados foram alguns daqueles que estão diretamente implicados no quotidiano do animal, como a compra da ração, produtos de higiene, *snacks* e biscoitos, material de passeio, entre outros. No entanto, segundo Policarpo (2022), inúmeras decisões são tomadas pelos humanos em função dos seus animais, das suas condições de saúde e fase do ciclo de vida: em que casa viver (com jardim, com varanda, vivenda ou apartamento etc.), que carro comprar (com espaço, com grade etc.), ir de férias ou não, levar ou não levar o animal, onde e com quem deixá-lo, cujos custos se apresentam bastante elevados e que não foram aqui considerados.

De facto, mais de 86% dos inquiridos consideram importante gastar dinheiro com os cães. A maioria assume fazer alguns sacrifícios para satisfazer todas as necessidades dos seus animais e cerca de metade revela gastar até mais dinheiro com os seus cães do que aquilo que seria desejável tendo em conta os seus orçamentos. Uma das maiores preocupações dos tutores respondentes é a alimentação e nutrição e 74,3% dos inquiridos discordam com a afirmação “*compro a ração mais acessível porque não acho que seja um problema*”.

Foram efetuados alguns testes estatísticos de dependência para verificar quais as variáveis que influenciavam os gastos que os respondentes têm com os seus cães e as

representações que fazem dos mesmos. A tabela 4.2 mostra essas associações. Os testes utilizados são os mesmos mencionados anteriormente (Qui-Quadrado (χ^2) e os resíduos ajustados estandardizados para analisar a relação de independência entre variáveis qualitativas, o teste de independência de Kolmogorov-Smirnov (K-S) para analisar a distribuição de uma variável ordinal nas categorias de uma variável dicotômica e o coeficiente de correlação R_s de Spearman para medir a intensidade da relação entre variáveis ordinais).

Tabela 4.2 - Determinantes da Frequência e Representações sobre os Gastos

FREQUÊNCIA	EXISTÊNCIA DE FILHOS	Nº DE FILHOS	Nº DE CÃES	GÊNERO	ESCOLARIDADE	TRABALHO	HABITAÇÃO	VENCIMENTO
Invisto em atividades de educação com o(s) meu(s) cão(es), como por exemplo, escolas de treino canino ou cursos de treino canino.	0,846	0,093	0,751	0,516	0,005	0,755	0,877	0,044¹⁶
Invisto em atividades de lazer com o(s) meu(s) cão(es), como por exemplo, petsitting ou petwalking.	0,304	0,531	0,546	0,341	0,748	0,245	0,126	0,011¹⁷
Invisto em brinquedos para o(s) meu(s) cão(es)	0,221	0,172	0,352	0,202	0,71	0,184	0,161	0,897
Invisto em material de passeio (trelas, coleiras e arneses).	0,172	0,15	0,206	0,016	0,739	0,617	0,169	0,949
Compro biscoitos e outros <i>snacks</i> .	0,004	0,179	0,586	0,031	0,921	0,103	0,291	0,172
Invisto em roupas e acessório específicos para cães.	0,113	0,726	0,17	0,037	0,282	0,882	0,299	0,929
Invisto em tratamentos caninos específicos (acupuntura, relaxamento, spa, entre outros)	0,033	0,838	0,869	0,973	0,000	0,871	0,007	0,196
Invisto em material de higiene (champôs específicos, escovas, dentífricos, desparasitantes).	0,68	0,014¹⁸	0,792	0,004	0,863	0,752	0,426	0,692
Invisto em higiene personalizada (banhos em locais especializados, cortes de unhas, grooming, tosquia, etc.)	0,612	0,859	0,081	0,347	0,633	0,935	0,001	0,301
REPRESENTAÇÕES	EXISTÊNCIA DE FILHOS	Nº DE FILHOS	Nº DE CÃES	GÊNERO	ESCOLARIDADE	TRABALHO	HABITAÇÃO	VENCIMENTO

¹⁶ R de Spearman = 0,353

¹⁷ R de Spearman = 0,392

¹⁸ R de Spearman = -0,162

É importante gastar dinheiro com o(s) meu(s) cão(es).	0,503	0,024 ¹⁹	0,995	0,635	0,92	0,187	0,967	0,468
Gasto mais dinheiro do que posso com o(s) meu(s) cão(es).	0,402	0,539	0,002 ²⁰	0,204	0,382	0,195	0,715	0,099
Faço sacrifícios para assegurar que tenho dinheiro para satisfazer todas as necessidades do(s) meu(s) cão(es).	0,143	0,057	0,338	0,194	0,381	0,752	0,249	0,001 ²¹
É-me difícil pagar consultas de rotina no veterinário do(s) meu(s) cão(es).	0,866	0,248	0,671	0,458	0,443	0,584	0,538	0,000 ²²
Sempre que o(s) meu(s) cão(es) precisam tenho possibilidade financeira de o levar ao veterinário.	0,422	0,299	0,986	0,590	0,482	0,896	0,102	0,004 ²³
Comprar uma ração de gama alta é uma prioridade que tenho.	0,416	0,671	0,626	0,020	0,814	0,678	0,296	0,146
A ração que o(s) meu(s) cão(es) consome(m) é a que posso comprar.	0,722	0,856	0,632	0,282	0,738	0,05	0,19	0,007 ²⁴
Compro a ração mais acessível porque não acredito que isso seja um problema.	0,493	0,482	0,376	0,059	0,098	0,542	0,501	0,011 ²⁵

Fonte: Elaboração própria com recurso ao SPSS

¹⁹ R de Spearman = -0,340

²⁰ R de Spearman = 0,328

²¹ R de Spearman = -0,247

²² R de Spearman = -0,339

²³ R de Spearman = 0,317

²⁴ R de Spearman = -0,104

²⁵ R de Spearman = -0,193

Sempre que o R de Spearman é inferior a 0,30 considerou-se desadequado afirmar que existe uma relação entre as variáveis, mesmo que o valor da significância seja inferior a 0,05 (Pestana e Gageiro, 2014). Então, com base na tabela podemos retirar as seguintes conclusões:

- A análise revelou que tutores sem filhos tendem a gastar mais dinheiro em *snacks*, biscoitos e em tratamentos caninos específicos (acupuntura, relaxamento, spa, entre outros). Quanto maior o número de filhos menos importante é considerado gastar dinheiro com os animais de estimação e mais sacrifícios as famílias fazem para assegurarem que conseguem satisfazer todas as necessidades dos seus cães;
- Não se identificou relações estatisticamente significativas entre o nº de cães e a frequência dos gastos. No entanto, no caso das representações foi possível perceber que quanto maior o número de cães maiores os níveis de concordância com a afirmação “Gasto mais dinheiro do que posso com o(s) meu(s) cão(es).”;
- Em relação ao género identificaram-se várias relações estatisticamente significativas. Na amostra analisada as mulheres tendem a investir mais frequentemente em material de passeio (trelas, coleiras e arneses), em biscoitos e outros *snacks*, em roupas e acessório específicos para cães e em material de higiene (champôs específicos, escovas, dentífricos, desparasitantes). As mulheres também consideram mais importante comprar uma ração de gama alta;
- Inquiridos com níveis mais avançados de escolaridade tendem a gastar mais dinheiro nas atividades que foram consideradas anteriormente como não prioritárias ou básicas – como é o caso das atividades de educação, e.g, cursos de treino canino e em tratamentos caninos específicos (acupuntura, relaxamento, spa, entre outros);
- Em relação à ocupação dos inquiridos foi possível apurar que os tutores que não têm uma ocupação laboral, ou seja, que estão desempregados apresentam maiores níveis de concordância com a afirmação “A ração que o(s) meu(s) cão(es) consome(m) é a que posso comprar.”;
- Também se verificou que o tipo de habitação determina a frequência de alguns gastos. Indivíduos que vivem em moradias investem mais em

tratamentos caninos específicos e os que vivem em apartamentos tendem a ter mais cuidados com a higiene investindo mais frequentemente em higiene personalizada (banhos em locais especializados, cortes de unhas, *grooming*, tosquia, etc.);

- Por fim, percebeu-se que, tal como seria expectável, o vencimento das famílias inquiridas é a variável que mais determina a frequência dos gastos e as representações em torno dos mesmos. Quanto maior o vencimento mais frequente é o investimento em atividades de educação e de lazer. Ao nível das representações quanto menor o vencimento maior é o nível de concordância com as seguintes afirmações: “É-me difícil pagar consultas de rotina no veterinário do(s) meu(s) cão(es).” e “A ração que o(s) meu(s) cão(es) consome(m) é a que posso comprar.”. Por outro lado, quanto maior o vencimento maior a concordância com a possibilidade de levar o cão ao veterinário sempre que necessário.

Em suma, esta análise permitiu perceber que a existência de filhos e o vencimento são as variáveis que mais condicionam a frequência de alguns gastos e moldam as representações associadas aos mesmos. Indivíduos com maiores vencimentos e níveis de escolaridade mais elevados tendem a gastar mais frequentemente em atividades não básicas. Também emergiram pistas interessantes sobre os tipos de gastos mais associados ao género feminino, nomeadamente ao nível das roupas, acessórios e higiene personalizada.

4.3 Dinâmica e a Organização do Espaço Doméstico

O espaço doméstico, a casa, surge como central neste estudo, pois é neste espaço que se constrói a relação entre o tutor e o cão, em que as rotinas são consolidadas, e onde as práticas do quotidiano podem fornecer pistas para o entendimento da relação entre ambos (Power, 2008). É também em contexto doméstico que se aplicam restrições e onde são feitas concessões. O espaço doméstico é, tendencialmente, palco de tensões e negociações sobre o acesso e utilização do próprio espaço, principalmente na relação entre diferentes espécies” (Law e Miele, 2011).

Haraway (2003) afirma que o que há de novo na partilha do espaço doméstico é a intensidade em como esta é feita. A partilha do espaço doméstico é sinónimo da partilha

de um espaço privado e familiar, afirmando que a relação tutor-cão pode ainda servir de substituta de relações com outros humanos, principalmente porque a proximidade espacial se traduz num estreitamento dos laços de intimidade (Franklin, 2006).

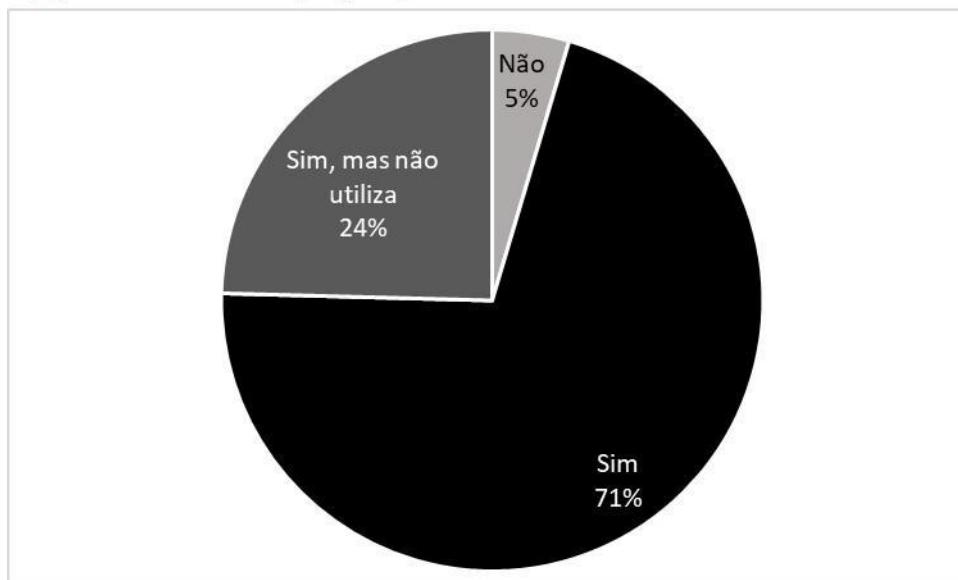
Como é feita a partilha do espaço doméstico, onde dorme o cão e que acessos lhe são concedidos podem ser um reflexo de algo mais profundo do que uma simples prática ou um simples gesto considerado normal pelo tutor. A consideração destes comportamentos surge também com especial interesse neste estudo exploratório, tendo sido considerados no questionário.

Diferentes locais do espaço doméstico têm atribuídos simbolismos distintos, como se verificou na revisão da literatura (Smith, 2003; Franklin, 2006; Nast, 2006). No que diz respeito ao acesso a casa 25,1% dos inquiridos respondem que o cão não tem acesso a todas as divisões da casa, ou seja, um quarto dos inquiridos impõe restrições físicas ao seu cão, não permitindo que ele tenha acesso livre a todas as divisões. Destes cães que não têm acesso livre a todas as divisões, 76,9% não têm acesso aos quartos de dormir, 12,8% não têm acesso à casa de banho e 10,3% não têm acesso à cozinha. O quarto de dormir assume-se aqui, para os cães com restrições como o local de mais difícil acesso, demonstrando a sua exclusividade na esfera privada dos inquiridos.

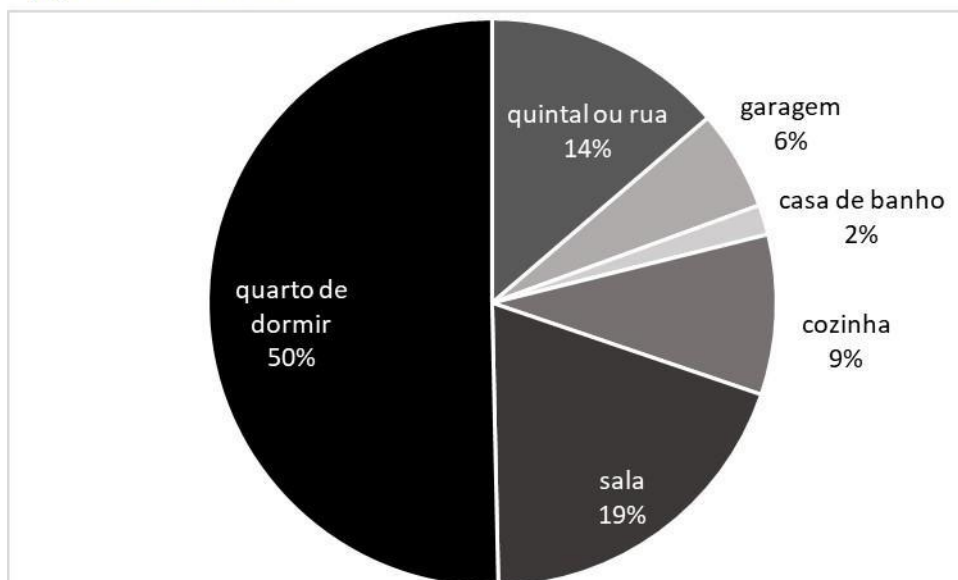
Um dos locais mais privados do espaço doméstico é o quarto de dormir (Franklin, 2006). Relativamente ao local onde dormem os cães (figura 4.7), 50,4% dormem no quarto de dormir, 19,4% dormem na sala, 9,1% dormem na cozinha, 1,7% na casa de banho, 5,7% na garagem e 13,7% dormem na rua. Curiosamente, dos cães que não possuem restrições ao nível do espaço doméstico, pouco mais de metade (50,4%) dormem no quarto de dormir dos tutores, demonstrando uma abertura do espaço mais privado ao cão. Ainda respeitante ao sono do cão, 70,8% dos inquiridos afirma que existe um local próprio onde o cão dorme, conferindo-lhe um local específico para esse efeito.

Figura 4.7 - Espaços de Dormir

[A] Existência de local próprio para dormir



[B] Local onde dorme



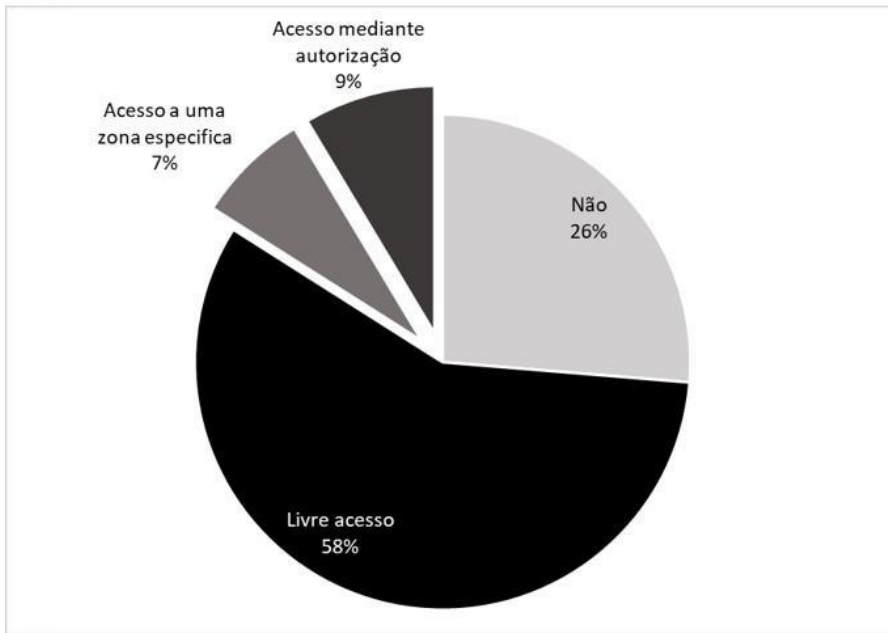
Fonte: Elaboração própria

Comparando os acessos ao sofá e à cama constata-se uma maior permissibilidade em conceder o acesso ao sofá – 57,7% dos inquiridos afirma que o cão tem livre acesso ao sofá contra 37,1% que têm livre acesso à cama. Apenas se verifica o contrário no acesso à cama mediante autorização que é superior ao acesso ao sofá mediante autorização (21,7% contra 8,6%, que dá uma diferença de 13,1%), o que acaba por compensar a diferença que existe entre os cães que têm livre acesso ao sofá e à cama, ou

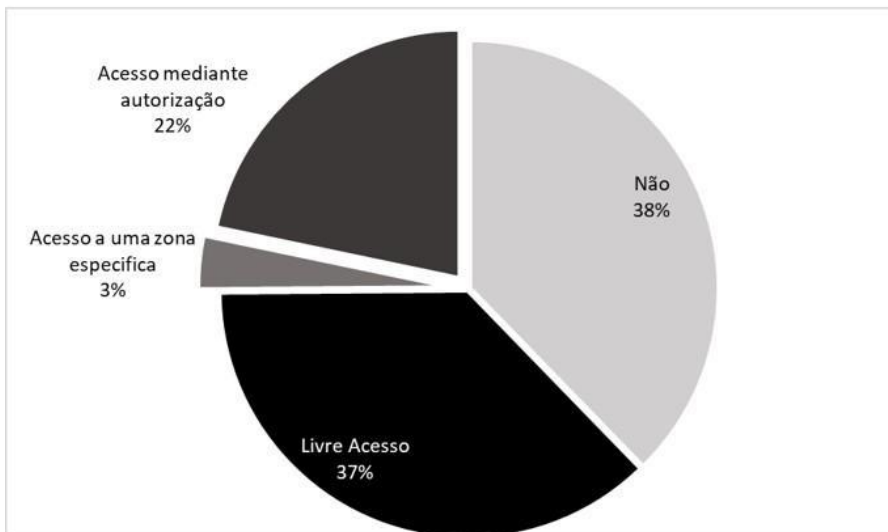
seja, a maior parte dos cães que não tem acesso livre à cama, possui acesso, só que condicionado pelo tutor.

Figura 4.8 - Partilha de Espaços

[A] Sofá



[B] Cama



Fonte: Elaboração própria

Segundo Holmberg (2019), a “intimidade” é um conceito cada vez mais utilizado nas ciências sociais sendo considerada relacional, constituída por relações sociais de várias escalas. As relações sociais íntimas também são transformadas por lugares, como é o exemplo do “lar”, local onde é visível a conjugação da intimidade com a família (Massey, 1992). Há lugares que são considerados inerentemente íntimos, como a casa ou

a cama, contudo, não é o lugar que cria a intimidade, esta é criada situacionalmente através da relação entre indivíduos e espaços.

De acordo com Policarpo e Tereno (2022), o lugar dos animais de companhia nas famílias portuguesas e as implicações concretas na vida dos animais, só pode ser compreendido no quadro mais alargado das relações familiares e afetivas nessa família, sendo a definição de animal de companhia, uma definição relacional, pois os animais não existem numa família num vazio relacional, nem separados das restantes dinâmicas e redes de relações. Os animais estão posicionados numa rede de relações e o seu significado na vida dos humanos depende da relação que uns e outros vão construindo em conjunto. Ou seja, os animais também contribuem ativamente para dar forma e alterar esse quadro de relações.

Voltando à partilha da cama – entendida por Holmberg (2019), como espaço íntimo, com simbolismo sexual ou parental nas sociedades ocidentais contemporâneas – os dados indicam uma certa permeabilidade e redefinição do simbolismo deste espaço doméstico. Partilhar a cama com o cão pode apresentar-se por um lado, como uma manifestação da simbologia da parentalidade, denotando uma proximidade emocional entre tutor e cão; e por outro lado, como uma extensão do comportamento de matilha, onde se transfere para o tutor o papel de membro da mesma (Tipper, 2011b).

Dormir com o animal de companhia pode ser visto como uma prática “menos higiénica” ou como prova de um afeto “doentio” em relação ao animal, mas pouca atenção tem sido dada a esse comportamento: porquê, como e que efeitos tem essa prática nos humanos, nos animais e na relação entre ambos são perguntas que ainda não têm respostas (Smith e Thompson, 2014). Tal como o luto pelo animal de companhia parece carecer de aceitação social, podendo levar a uma marginalização dos indivíduos enlutados (Policarpo, 2022), a partilha da cama, como espaço íntimo parece também ela carecer de alguma aceitação social, podendo levar também a uma marginalização dos indivíduos que partilhem a cama com o cão, pelo que muitos dos tutores, poderão apenas confessar abertamente essa prática com alguns pares que partilhem a mesma afetividade por cães.

É a barreira entre espécies (Charles e Davies, 2008) a ser quebrada por um lado e a sair reforçada por outro, na medida em que quem permite que o cão durma na sua cama quebra a barreira, e quem não permite (ou marginaliza quem permite) reforça a barreira entre as duas espécies.

Tabela 4.3 - Determinantes da Partilha do Espaço Doméstico

ESPAÇOS PARTILHADOS	EXISTÊNCIA DE FILHOS	Nº DE FILHOS	Nº DE CÃES	GÉNERO	TIPO DE HABITAÇÃO
Acesso não condicionado a casa	0,089	0,531	0,042	0,826	0,000
Acesso ao sofá	0,065	0,664	0,003	0,735	0,000
Acesso à cama	0,108	0,015	0,072	0,826	0,000

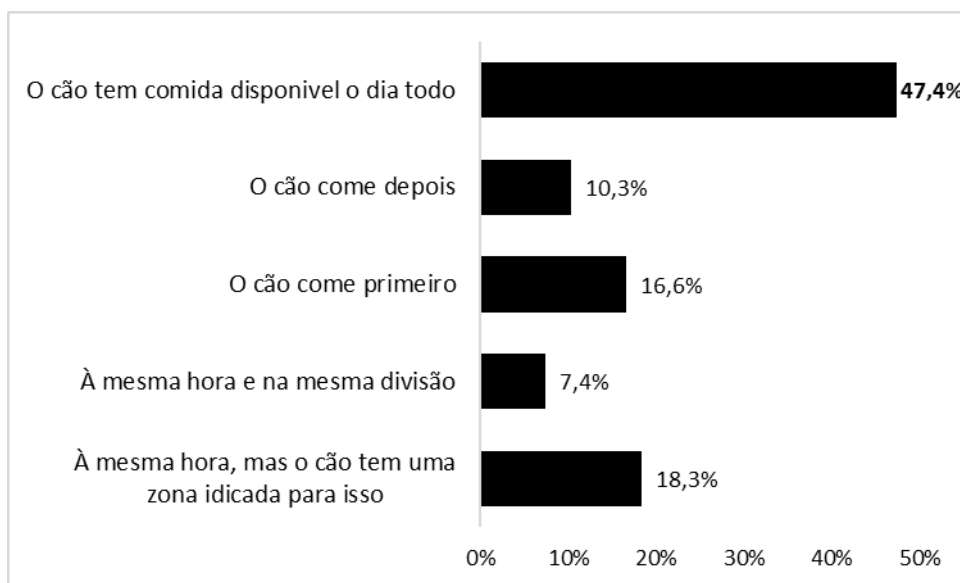
Fonte: Elaboração própria com recurso ao SPSS

Através do primeiro teste verifica-se a dependência entre o acesso ao espaço doméstico e o tipo de habitação. A percentagem de inquiridos que residem numa moradia e não concedem o acesso total do cão à casa é muito superior à dos inquiridos que habitam num apartamento. Sendo este um estudo exploratório, não pretende esclarecer a diferença entre os cães que habitam em moradias dos cães que habitam em apartamentos, no entanto, uma possível resposta a este facto será que nas moradias, o cão poderá ter um papel mais instrumental, como cão de guarda, do que um papel mais afetivo do que nos apartamentos.

O facto de os inquiridos terem (ou não) filhos não parece estar relacionada com a liberdade do cão em aceder a mais divisões da casa, no entanto, o número de cães já influencia o acesso a todas as divisões da casa. No que diz respeito ao acesso ao sofá este não é condicionado pelo número de filhos, mas é condicionado pelo número de cães (quanto maior o número de cães no agregado menor a permissão para acederem ao sofá). Tal seria expectável pois o número de cães com que se partilha o espaço diminui o espaço disponível para o tutor. Já o acesso à cama é influenciado pelo número de filhos, mas não pelo número de cães.

De acordo com Holmberg (2018), a alimentação, para além da interação simbólica entre quem alimenta e quem é alimentado, envolve responsabilidade social e coesão. Haraway (2008) diz-nos que a palavra “companheiro” provém da palavra latina ‘*cum pantis*’, que significa “com pão”, implicando que o significado profundo de companheiro estará relacionado com a partilha de comida.

Figura 4.9 - Partilha do Horário da Refeição



Fonte: Elaboração própria

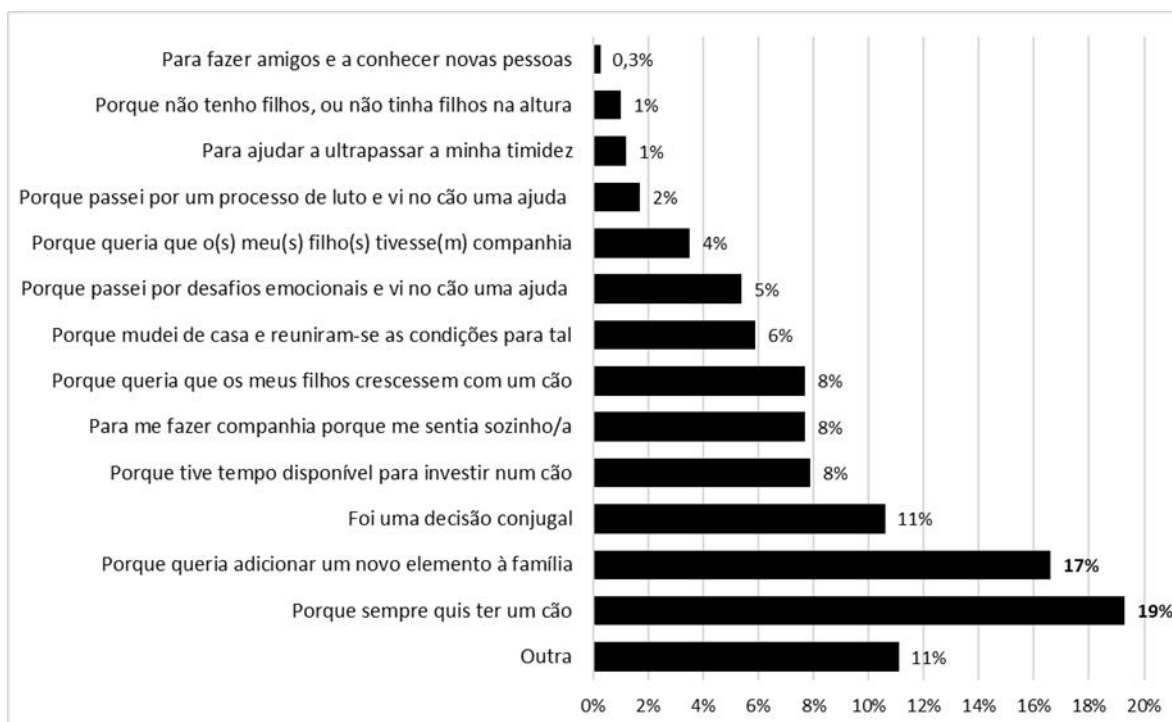
Pese embora o simbolismo da alimentação, a análise revelou que apenas 7,4% dos inquiridos afirmam comer à mesma hora e na mesma divisão do que o cão, enquanto que 18,3% afirmam comer à mesma hora que o cão, mas aquele tem uma zona designada para o efeito. Cerca de 16% dos inquiridos afirmam que o cão come antes, 10,3% afirmam que o cão come depois e 47,4% possui comida disponível o dia todo.

4.4 Motivações, Representações e Impulsos na Relação Humano-Cão

O último subcapítulo desta análise dos dados quantitativos procura compreender as motivações e representações familiares que os inquiridos demonstram nas suas respostas em relação às suas relações com os seus animais de estimação.

São várias as motivações que podem levar uma pessoa a decidir partilhar a sua vida com um cão. Neste sentido, procurou-se perceber dentro da amostra inquirida quais eram essas motivações (figura 4.10). De forma geral, foi possível verificar que existem três motivações frequentes.

Figura 4.10 - Motivações



Fonte: Elaboração própria

A primeira, assinalada por 19,3% dos inquiridos é que “sempre quiseram um cão”. Esta resposta demonstra um desejo – uma vontade antiga que acompanhou a pessoa até ao momento em que provavelmente foram reunidas as condições favoráveis à inclusão de um cão no seio familiar. Cerca de 17% dos inquiridos afirmaram que queriam adicionar um novo elemento à família, podendo depreender-se desta resposta que estes inquiridos consideram um cão como parte da família. Esta relação familiar que parece ser apontada pelos inquiridos, segundo Irvine (2004), não é algo que tenha resultado de uma afinidade natural entre humanos e animais de companhia, é uma prática que foi construída socialmente, sendo que o grau de envolvimento das pessoas nesta prática, depende da forma como a sociedade define a barreira entre as espécies.

A terceira resposta mais assinalada, com 10,6%, indica que foi uma decisão conjugal. De facto, a integração de um cão no seio conjugal poderá resultar em transformações, e de acordo com Serpell (2012), supõe-se que a adoção de animais de companhia por casais humanos, resulta na aquisição de uma experiência que poderá resultar numa parentalidade futura mais bem-sucedida. Franklin (1999) já havia refletido sobre a forma como as relações com animais de estimação contribuíam para uma maior “segurança ontológica”, devido ao afeto incondicional e confiabilidade que advêm desta

relação. A decisão conjugal de trazer para o seio familiar um cão pode remeter para a ideia de “crianças substitutas”, para adultos sem filhos (Franklin, 1999). Esta ideia é também partilhada por Shir-Vertesh (2012), segundo o qual o animal de companhia pode ser considerado como um filho, incorporando o estatuto de pessoa não-humana.

Contrariamente, apenas 0,3% dos inquiridos responderam que um cão os ajudaria a fazer novos amigos, 1% dos inquiridos responderam que não têm, ou não tinham filhos na altura, 1,2% responderam que um cão ajudaria a ultrapassar a timidez e 1,7% viram no cão uma ajuda para superar um período de luto. Estes resultados exploratórios não se alinham com a literatura que afirma que a relação entre humano e cão tem como objetivo aumentar o capital social (Wood *et al.*, 2005), a confiança (McConnell *et al.*, 2011) ou como fonte apoio emocional em situações de luto (Harter, 2003). Embora as situações de luto tenham sido das motivações menos selecionadas pelos participantes, importa sublinhar que os desafios emocionais e a solidão também foram motivações com algum impacto na amostra. Isto sublinha a importância do cão como fonte de apoio emocional Charles (2014) e com funções de companhia (Policarpo, 2022).

Como as motivações associadas à aquisição ou adoção de um animal de companhia são particulares e individuais optou-se por deixar uma pergunta aberta onde os respondentes pudessem identificar outras motivações para além das elencadas na pergunta fechada. Nessa pergunta aberta as respostas mais frequentes foram: o facto de terem tido conhecimento que determinado animal iria ser deixado num canil ou abatido e o facto de terem sido família de acolhimento e terem acabado por desenvolver uma ligação que não faria sentido ser quebrada, o que culminou na adoção definitiva desse cão. As respostas apresentadas acima demonstram uma preocupação com a colocação do animal num canil e com possíveis práticas de abate, principalmente em animais que estavam abandonados. Também foi possível identificar uma predisposição para acolher temporariamente um cão, até que surja uma outra pessoa com condições e vontade para adotar o animal. Nestes casos, os inquiridos passaram de família de acolhimento temporária para definitiva, demonstrando uma alteração nos seus planos, resultado da convivência com o animal: “*ficámos com uma ligação muito forte*” e “*acabei por me afeiçoar*”.

Outra dimensão que se procurou explorar nesta análise foram as representações que os indivíduos fazem em torno dos seus animais. De acordo com Jodelet (1989), as

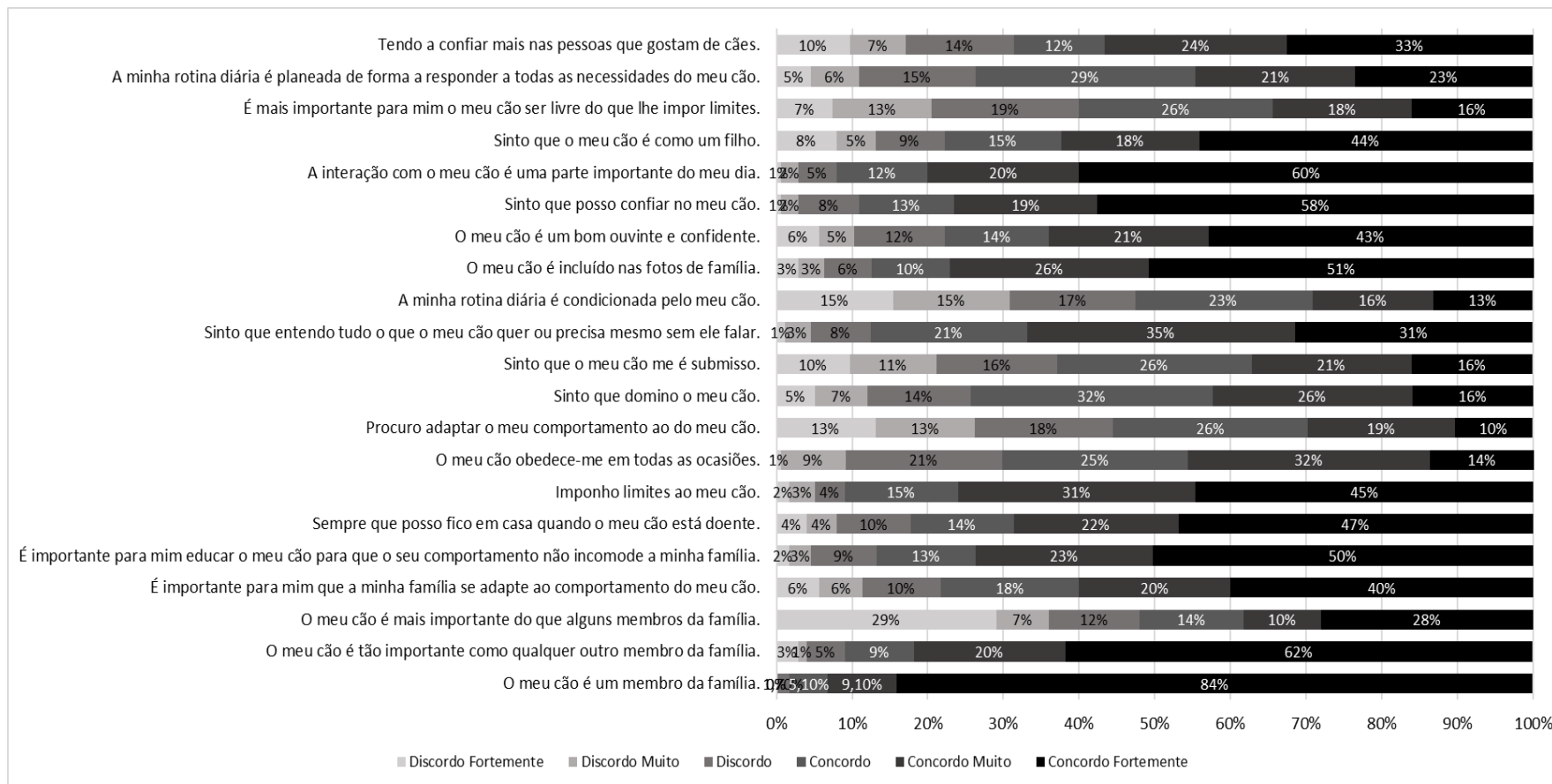
representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado, com uma visão prática, construindo uma realidade comum a um conjunto social. Os indivíduos e os grupos “longe de serem recetores passivos, pensam por si mesmos, reproduzem e comunicam incessantemente as suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam” (Moscovici, 2003: 45).

Neste estudo pretendeu-se identificar algumas representações que pudessem ajudar a compreender se estamos perante um quadro de *famílias-mais-que-humanas* (Power, 2008). A figura 4.11 revela os níveis de concordância com um conjunto de afirmações que remetem para a compreensão das representações que os humanos fazem em torno dos seus cães.

A afirmação “*o meu cão é um membro da família*”, foi a frase que gerou maiores níveis de concordância entre os respondentes. Apenas 1,7% dos inquiridos assinalaram a opção ‘discordo’. Pelo contrário, 84% concordam fortemente com a afirmação. Neste caso, de uma forma bastante simples e clara, os indivíduos ao considerarem os seus cães como membros efetivos da sua família, esbatem a fronteira entre as espécies. De facto, para 77% dos inquiridos o cão “*é como um filho*”. A complementar esta ideia está o facto que 61,7% dos inquiridos concordar fortemente com a afirmação “*o meu cão é tão importante como qualquer outro membro da minha família*”. O cão não é simplesmente parte da família, mas é um membro com igual importância aos outros elementos humanos. Em relação ao nível de importância que os inquiridos atribuem aos diferentes elementos da família, incluindo os seus cães, as respostas dividem-se.

Cerca de 50% dos inquiridos discorda que o cão seja mais importante que alguns membros da família e 52% consideram que o cão além de ser membro da família, é mais importante do que certos elementos da família.

Figura 4.11 - Representações Familiares



Fonte: Elaboração própria

Estes dados consolidam a ideia da existência das *famílias-mais-que-humanas* a que Power (2008) se refere. No fundo, são constelações familiares onde se estabelecem relações afetivas, emocionais, de cuidado e compromisso com espécies não humanas. Neste caso, os cães são entendidos como membros da família com igual importância quando comparados com outros membros. A partilha do espaço doméstico, que como verificado anteriormente é uma prática recorrente na amostra analisada, assume para este tipo de famílias um papel central enquanto local de fortalecimento de ligações, definição de práticas e de coabitação (Power, 2008).

O fortalecimento de ligações nas *famílias-mais-que-humanas* não se exclui no agregado familiar que ocupa e partilha o espaço doméstico e estendem-se aos restantes membros da família (Power, 2008). Isto implica um conjunto de negociações simbólicas e de relações de poder (*ibidem.*, 2008). De facto, 78,3% dos inquiridos considera importante que a família se adapte ao cão e 86,8% sublinha que o cão deva ser educado, de modo a não incomodar os restantes membros da família – deixando latente a ideia de negociação entre todo o conjunto familiar. Pese embora, a grande maioria dos respondentes (90,9%) considere importante impor restrições aos seus cães, 60% destaca a importância da liberdade dos seus animais em detrimento da imposição de limites. Power (2008) identificou estas relações de poder como dimensão estrutural das *famílias-mais-que-humanas*. O compromisso e o cuidado são verificados pelo facto de 82,3% dos inquiridos afirmar que sempre que podem ficam em casa quando o cão está doente.

Para verificar a relação entre as representações associadas à pertença do cão à família, às relações de poder, ao compromisso e cuidado, às práticas quotidianas e à partilha do espaço doméstico, foram realizados testes estatísticos de dependência e correlação. Verificou-se que considerar o cão como família e como filho não está estatisticamente dependente da existência de filhos ($sig = 0,173$ e $sig = 0,763$, respetivamente), do número de cães ($sig = 0,559$ e $sig = 0,921$), do género ($sig = 0,524$ e $sig = 0,355$) ou do tipo de habitação ($sig = 0,142$ e $sig = 0,084$). No entanto, quanto maior o número de filhos menor é o nível de concordância com a frase “*O meu cão é como um filho*” ($sig = 0,002$ e $R = -0,322$). Respondentes que permitem o acesso incondicionado ao espaço doméstico ($sig = 0,000$) incluindo ao sofá ($sig = 0,000$) e à cama ($sig = 0,004$) tendem a concordar mais fortemente com a ideia de considerar o cão um membro da família. Isto sublinha a importância do espaço doméstico para a consolidação de *famílias-mais-que-humanas*. Sendo a cama o espaço doméstico mais íntimo, apenas se verificou

uma relação estatisticamente significativa entre a maior permissibilidade à entrada do cão neste espaço e os níveis de concordância positivos à representação do cão como filho ($sig = 0,023$). Por outro lado, quem não concede acesso indiscriminado ao espaço doméstico ($sig = 0,007$) e coloca restrições a partilha da cama ($sig = 0,026$) tende a concordar mais fortemente com a afirmação “*Imponho limites ao meu cão*”. A existência de filhos também é uma variável que afeta positivamente a imposição de limites ($sig = 0,046$).

A fotografia de família, considerada como um ritual do culto doméstico (Bourdieu, 1965), assume um papel de relevo na história e no espaço familiar. Segundo Antunes (2015), a fotografia é o testemunho de acontecimentos importantes na trajetória do indivíduo, num determinado tempo e espaço, podendo ser vista numa ocasião futura. A fotografia de família é transmitida aos descendentes como parte do legado, adquirindo desta forma um novo significado:

Ela desperta o desejo de identificação. Ela procura desvendar a memória familiar e a história social, apresenta-se como forma de conhecer as raízes e, suscita questões, bem como remete a outras vivências. (Antunes, 2015: 11).

De facto, as fotografias de família, são um ritual com bastante significado - é algo instantâneo que vai perdurar no tempo, será visitado num futuro incerto, e nesse preciso momento, o instante em que a fotografia foi capturada vai ser revisitado. E esta questão foi colocada no questionário, onde 87,5% dos inquiridos afirma incluir o cão nas fotografias de família. Esta participação em rituais familiares de uma forma mais ou menos ativa, é suportada por um reconhecimento específico de que o animal não cumpre apenas um papel instrumental de companhia, ele é visto como um companheiro, pertencente a uma espécie companheira (Haraway, 2003).

Para Costa (2014) os rituais familiares podem ser definidos como práticas prescritas que resultam da interação familiar, direcionadas para um fim específico e das quais se pode retirar um significado simbólico. As diferentes interações com o cão, podem ser entendidas como práticas absolutamente normais no quotidiano das *famílias-mais-que-humanas*, contudo, diferentes práticas têm diferentes significados simbólicos. Passear o cão, brincar com o cão, mimar o cão, são diferentes práticas que podem até ser assumidas por diferentes membros do agregado familiar, que assumem diferentes papéis. Mas no geral, a simples interação com o cão, que engloba todas as diferentes práticas, é uma parte importante do dia para 92% dos inquiridos. Mas será que esta interação, que é

uma parte importante para 92% dos inquiridos, se poderá relacionar com diferentes práticas? A tabela 4.4 mostra os testes estatísticos efetuados. Neste caso, utilizou-se apenas o R de Spearman por se tratarem sempre de variáveis ordinais.

Tabela 4.4 - Relação entre as Rotinas Quotidianas e a Representação da Importância da Interação

ROTINAS	REPRESENTAÇÃO
	A interação com o meu cão é uma parte importante do meu dia
Realizo atividades com o(s) meu(s) cão(es) durante o passeio (brincar com uma bola, ensinar truques, correr, etc.).	0,014 R = 0,185
Realizo passeios em conjunto com outras pessoas (com outros tutores de cães, como vizinhos, amigos ou familiares).	0,176 R = 0,103
Dedico uma parte do meu dia para tratar da higiene do(s) meu(s) cão(es) (escovagem, limpeza do pelo, lavar dentes, lavar patas, etc.).	0,000 R = 0,299
Dedico uma parte do meu dia para acarinhar e mimar o(s) meu(s) cão(es).	0,000 R = 0,564
Dedico uma parte do meu dia para treinar o(s) meu(s) cão(es) (obediência e/ou outros truques).	0,188 R = 0,100
Incluo o(s) meu(s) cão(es) nos programas familiares (almoços de fim de semana, férias, passeios, piqueniques, etc.).	0,000 R = 0,421
Celebro o aniversário do(s) meu(s) cão(es).	0,000 R = 0,340
Preparo refeições especiais para o(s) meu(s) cão(es).	0,001 R = 0,254
Deixo de fazer algumas coisas (ir sair, ir de férias, ir jantar fora, entre outros) para o(s) meu(s) cão(es) não ficar(em) sozinho(s).	0,000 R = 0,295
Adapto os programas de fim de semana ao(s) meu(s) cão(es).	0,000 R = 0,424

Fonte: Elaboração própria com recurso ao SPSS

A análise permitiu verificar que existe uma relação estatisticamente significativa (sempre que o valor da significância é inferior a 0,05 e o valor do R de Spearman é superior 0,30) entre o nível de concordância com a frase “*A interação com o meu cão é uma parte importante do meu dia*” e a frequência das rotinas diárias. No geral, os respondentes que consideram a interação com o cão como uma parte importante do seu dia tendem a dedicar mais tempo para tratar da higiene dos seus cães e a acarinhá-los, a incluir os seus cães nos programas familiares, a celebrar os seus aniversários, a comprometer os seus planos sociais para os cães não ficarem sozinhos e a adaptar os programas de fim de semana às necessidades dos seus cães.

Segundo Giddens (1991), tendemos a organizar as nossas ações e rotinas de acordo com um estado de “confiança básica”, contudo, por vezes acontecimentos interferem nas rotinas e existe então a necessidade de abordar novas situações, onde o custo potencial de tomar uma decisão de confiança errada é muito maior do que tomar uma decisão de não confiança, mantendo-se na zona de conforto. Ora 68,6% dos inquiridos tendem a confiar mais nas pessoas que gostam de cães, o que, segundo Giddens, numa situação em que os inquiridos se vejam na necessidade de confiança, afirmam confiar mais em quem goste de cães, em detrimento de quem não goste de cães.

Esta análise, intencionalmente descritiva e exploratória, permitiu identificar dimensões de análise que carecem de aprofundamento e que, portanto, são analisadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5 – EXPERIÊNCIAS, REPRESENTAÇÕES E SIGNIFICADOS DA RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E CÃES EM FARO

Uma pessoa pode aprender muito com um cão, mesmo com um louco como o nosso. O Marley ensinou-me a viver cada dia com uma exuberância e alegria desenfreadas, a aproveitar o momento e a seguir o nosso coração. Ensinou-me a apreciar as coisas simples - um passeio no bosque, a queda de neve fresca, uma sesta sob um raio de sol de Inverno²⁶ (Marley & Me, 2005).

5.1 Histórias de Vida: A Influência dos Cães na Jornada dos Tutores

A presença de animais de estimação na infância é uma realidade comum em muitas culturas um pouco por todo o mundo. Muitas vezes, a relação entre humano e animal é estabelecida ainda na infância (Blouin, 2012) e pode ter importantes implicações sociológicas, uma vez que pode afetar o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças (Adell-Bath *et al.*, 1979). Desde logo, porque a presença de um animal de estimação pode ter um impacto positivo no desenvolvimento emocional das crianças, uma vez que pode fornecer uma fonte de amor, afeto e conforto que tem a potencialidade de se traduzir no desenvolvimento de competências emocionais como a empatia, a compaixão e a responsabilidade (Charles e Davies, 2008) e o aumento da autoestima (Wilks, 1999; Covert *et al.*, 1985). Para além disso, esta relação também pode fomentar o desenvolvimento de competências sociais, como a comunicação, a cooperação, a partilha e a comunicação não verbal (Guttman *et al.*, 1985; Melson *et al.*, 1989; Endenburg e Baarda, 1995; Melson, 1995; Charles, 2014), ao mesmo tempo que promove a consciência ambiental e uma compreensão mais profunda da importância da preservação da natureza (Brown e McLean, 2015).

Um estudo que examinou a autoestima no início da adolescência, revelou que os participantes classificaram um animal de estimação logo abaixo dos pais, mas acima de outros referentes sociais numa lista de coisas que os fizeram sentir-se bem ou satisfeitos

²⁶ Tradução livre do original “A person can learn a lot from a dog, even a loopy one like ours. Marley taught me about living each day with unbridled exuberance and joy, about seizing the moment and following your heart. He taught me to appreciate the simple things- a walk in the woods, a fresh snowfall, a nap in a shaft of winter sunlight.”

consigo mesmos (Juhasz, 1985). Dada a importância que a literatura afeta às relações estabelecidas entre humanos e animais de estimação na infância e na adolescência, procurou-se perceber no decurso das entrevistas realizadas a existência de uma eventual ligação a animais durante a infância/juventude/adolescência, com importância no facto de hoje os entrevistados serem tutores de cães.

Dois entrevistados afirmaram não terem residido com um cão, sendo que os restantes viveram com um ou mais cães ao longo da sua infância ou adolescência. Dos seis entrevistados que viveram com pelo menos um cão na infância, quatro possuem memórias claras: “*Era um animal fantástico. Como todos! Lembro-me de tanta coisa. estar a dizer pouca coisa (...) E o Bolinhas era o grande companheiro do futebol!*” – Entrevistada 8, 59 anos, mulher; outro possui memórias pouco claras (“... *as memórias são poucas, mas eu tenho uma memória a tomar banho no jardim e ele ao meu lado.*” – Entrevistado 4, 49 anos, homem); e outro associa o cão a um evento trágico: “(*...*) *foi morto num assalto a casa*” (Entrevistado 2, 36 anos, homem).

Olhando para as respostas dos seis entrevistados que conviveram com pelo menos um cão, apenas um não relaciona o facto de ter vivido com um cão, nalgum momento da sua juventude, com o facto de hoje ser tutor de pelo menos um cão. Em contrapartida, todos os restantes entrevistados consideram que a existência de uma história de vida partilhada, em alguma medida, com um animal de estimação, foi um fator preponderante para se terem tornado tutores de cães na vida adulta:

Foi porque eu acho que ter um animal de companhia em casa é fundamental. Eu não consigo imaginar-me a chegar a casa e não ter um animal de companhia à minha espera. Um gato, um cão... E acho que foi dessa altura... (Entrevistada 5, 54 anos, mulher)

Foi tão importante que eu hoje recuso-me, a não ser em circunstâncias completamente anormais, a ir para um apartamento, porque num apartamento já sei que não posso ter animais. (Entrevistada 7, 62 anos, mulher)

Um dos entrevistados que não viveram com um cão afirmou que pensa que teria sido mais feliz se tivesse crescido na presença de um cão, tendo sido o espaço da casa a condicionante negativa para que nunca tivesse tido um cão na infância: “*Sim, acho que tinha sido muito mais feliz, só que na altura a casa era muito pequenina e não dava*” (Entrevistado 6, 42 anos, homem).

A breve análise das histórias de vida dos entrevistados revelou a influência significativa que os cães tiveram nas suas jornadas pessoais. A presença de animais de estimação na infância e adolescência foi um elemento comum entre os entrevistados, com relatos vívidos de memórias afetuosas e conexões profundas com os seus companheiros caninos.

5.2 O Início da Jornada: A Integração do Cão no Lar

A decisão de ter um cão pode ser vista como um fenómeno sociológico complexo que envolve fatores culturais, sociais, económicos e pessoais (Irvine e Cilia, 2016). A escolha de ter um animal de estimação em geral e um cão em particular pode ser influenciada por uma variedade de fatores que podem variar de acordo com as circunstâncias individuais e culturais. Em termos culturais, a decisão de ter um cão pode ser influenciada pelas atitudes e valores associados aos animais de estimação em diferentes sociedades e culturas: os cães podem ser considerados animais de trabalho ou como membros da família (Kellert, 1985). Para além disso, as normas culturais também podem influenciar a escolha do tipo de cão (raça ou sem raça definida) e a forma como o mesmo é adquirido (comprado, adotado ou resgatado).

Relativamente às origens dos cães, nenhum dos entrevistados comprou o cão, ou seja, foram todos adotados ou oferecidos: dois entrevistados recolheram os seus cães de associações, um entrevistado recolheu o cão da rua, três entrevistados receberam os cães como oferta, um entrevistado adotou o cão que era de um conhecido que ficou impossibilitado de continuar a viver com o cão, e por fim um dos entrevistados afirmou que os seus dois cães foram adotados pela sua esposa, numa altura em que ainda não se conheciam.

Do ponto de vista social, a decisão de ter um cão pode ser influenciada pela dinâmica familiar, já que ter um cão pode afetar o tempo, os recursos e a energia disponíveis para cuidar do animal (Policarpo e Terreno, 2022). A decisão também pode ser condicionada pelo ambiente social em que a pessoa vive, como a proximidade de parques ou áreas verdes, a disponibilidade de serviços veterinários e o espaço exterior que têm nas suas moradias. Estes aspetos estão também relacionados com um conjunto de condicionantes económicas (Kirksey, 2015) tais como: custo associado à compra ou

adoção do animal, custos de alimentação, cuidados médicos e outras despesas associados à manutenção do animal.

De facto, metade dos entrevistados consideram que esta foi uma decisão ponderada onde refletiram sobre algumas destas condicionantes:

A minha filha andava a pedir-me.... Queria um cão. E eu dizia-lhe que não, que depois incomodava os vizinhos e não sei o quê, e eu tinha medo que depois ao arranjar um cão ele podia ladrar muito e ia incomodar os vizinhos. Mas após alguma ponderação, pronto a Lassie²⁷ ficou connosco (Entrevistada 8, 59 anos, mulher).

Foi ponderada porque eu não queria que a cadela... eu sabia o historial de vida da cadela porque me foi contado pelo dono e não podia deixar que a cadela ficasse entregue assim a qualquer pessoa... não teria conseguido... foi ponderado. Foi uma decisão ponderada e não me arrependo até à data de hoje. (Entrevistada 5, 54 anos, mulher).

No entanto, a outra metade dos entrevistados assume que esta é uma decisão que acaba sempre por ter uma dimensão de impulsividade associada:

O Zeus foi um bocado inesperado. Foi uma oferta. Houve logo uma paixão muito grande entre mim e o Zeus. (...) foi um impulso por parte de quem me ofereceu e talvez impulso da minha parte em ter demonstrado tanta vontade em adotar o Zeus. (Entrevistado 2, 36 anos, homem)

Foi um misto das duas coisas. Foi ponderada, como é óbvio, nunca se tem assim um animal de ânimo leve, mas foi também por impulso. Se pensamos muito sobre isso acabamos por não o fazer, não é?! Porque começamos a pensar muito nas responsabilidades que vamos ter, que o animal vai trazer, não só a nível pessoal como a nível financeiro, e às vezes estas decisões têm de ser por impulso, porque se pensamos muito acabamos por não o fazer. (Entrevistada 1, 37 anos, mulher).

O momento da chegada do cão a casa acaba por ser reflexo, principalmente nos casos das decisões ponderadas, de uma expectativa de conexão.

Doré *et al.*, (2019) distinguiu três formas de conexão principais entre humanos e animais: integração, assimilação e substituição. Existem dois tipos de integração - a que trata os animais como objetos e a que trata os animais como sujeitos (*ibid.*, 2019). Da análise das entrevistas parece ficar claro que nenhum dos entrevistados se conecta com

²⁷ Todos os nomes de cães apresentados nos excertos retirados das entrevistas são nomes fictícios de forma a não possibilitar a identificação dos seus tutores.

os seus cães de uma forma de “integração enquanto objeto”, existindo uma prevalência de referências codificadas que relacionam os animais como sujeitos, ou seja, como atores sociais e membros da família em detrimento da ideia de posse. Isto pode estar relacionado com o facto de todos os entrevistados terem adotado ou resgatado os seus cães em vez de os comprarem. No entanto, nalguns casos a entrada do cão no agregado familiar é motivada por uma função específica que é esperada do animal, seja a de fazer companhia a outro cão, seja a de satisfazer os desejos dos filhos.

O modo de conexão mais comum nos discursos dos entrevistados é o da ‘substituição’, na medida em que o animal de estimação aparece com vista a substituir alguém ou algo:

A minha companheira tinha acabado de perder uma cadelinha. Na altura estávamos indecisos se deveríamos trocar um animal falecido... sabemos que é difícil, não é?!. Eu achei tão engraçada a cadela e já estava há tanto tempo para ser adotada que epá, sem ela [a companheira] saber fui lá à loja, fui ter a sensação se era a cadela ideal, se havia alguma conexão. Fui lá à associação, pedi se podia pegar nela e peguei e senti logo aquela conexão, pronto. (Entrevistado 3, 38 anos, homem).

Eu já andava desejando ter um cão, e, entretanto, a Nini teve um problema - a Nini era a gata - e acabou por morrer tivemos, bom decidimos que foi a altura para arranjar um cãozinho. Nenhuma das minhas filhas tinha tido um contato com um cão, só com a gata e a minha companheira nunca tinha tido animais na vida. O Pintas é o seu primeiro cão. (Entrevistado 4, 49 anos, homem).

O momento da chegada a casa pode ser envolto num conjunto de tensões, principalmente, quando a expectativa ou idealização que o humano faz desse momento não corresponde à realidade (Wood *et al.*, 2017). A dimensão de idealização, como forma de imaginar, criar mentalmente uma reprodução da realidade, neste caso, como forma de imaginar a chegada do cão a casa foi considerada na entrevista, sendo que apenas a entrevistada 1 respondeu que a chegada foi como idealizada, tendo sido respondido por dois entrevistados que a realidade foi diferente do idealizado. Os restantes cinco entrevistados afirmaram não terem idealizado a chegada do cão.

Sim, sim foi o que eu idealizei, eu idealizava que ele se adaptasse bem, que a Mel a recebesse bem. (Entrevistada 1, 37 anos, mulher).

Ela é terrível. Ela, hamm... Agente diz que ela é uma raposa. É muito selvagem. Primeiro porque ao início não dava muito a mão à palmatória. Sentia-se mesmo que era muito assustada. não se aproximava. Quando nos aproximávamos dela urinava no chão. Se

sáíssemos de casa e deixássemos algum objeto esquecido ela estragava. Soltar, soltamos-lhe logo uma vez para fazer uma experiência ao início e não a conseguimos apanhar, quase que nos fugia. Foi muito complicado. (Entrevistado 3, 38 anos, homem).

Bom eu não idealizei nada. Até porque a ideia não partiu de mim. Eu reagi a uma situação e depois de ter ponderado e de ter feito o teste e ter corrido bem arrumei o assunto. (Entrevistada 5, 54 anos, mulher).

A chegada de um cão ao lar é um momento que reflete tanto as motivações individuais quanto as influências culturais e sociais envolvidas na decisão. A complexidade deste fenómeno está intrinsecamente ligada aos fatores que levam alguém a escolher ter um cão como animal de estimação. Desde as atitudes e valores culturais relacionados aos animais até as condições familiares, ambientais e económicas, cada aspeto desempenha um papel na determinação dessa escolha. Além disso, a conexão estabelecida entre o humano e o cão revela-se principalmente através da integração e substituição, destacando a importância dos animais como membros da família e atores sociais. Embora algumas decisões possam ser ponderadas e refletidas, outras são tomadas por impulsos emocionais. Independentemente disso, o momento da chegada do cão ao lar é um ponto crucial, no qual as expectativas podem se confrontar com a realidade.

5.3 A Complexidade do Ser Canino: Vínculos, Características e Comportamentos

O cão enquanto objeto de análise, que assume especial destaque nesta dissertação como justificado na revisão da literatura, e a relação tutor-cão, foram explorados em entrevista, onde se procurou observar a forma como o cão é visto pelo seu tutor e como é que o relacionamento tutor-cão é sentido.

Os adjetivos mais utilizados pelos tutores para descrever as qualidades do cão foram: meigo (quatro vezes) e brincalhão (quatro vezes). O adjetivo meigo poderá ser considerado como uma manifestação de afeto ou carinho, e o adjetivo brincalhão está associado a uma necessidade de brincar que resulta numa atividade entre tutor e cão. Os tutores referiram ainda outros adjetivos, tais como: aventureiro, protetor, obediente, esperto, companheiro e comunicativo. A figura 5.1 mostra os adjetivos mais frequentes utilizados pelos entrevistados na descrição das qualidades dos seus cães.

Figura 5.2 - Defeitos mais Frequentes dos Cães dos Entrevistados



Fonte: Elaboração própria com recurso ao Wordcloud.com

Power (2008), realça três modos de convivência com os cães: o modo de *pai-filho*, o modo de relação de *dominação e submissão* e o modo de *ação introduzida*. Na análise das entrevistas denotou-se algum equilíbrio entre a identificação destas categorias relacionais. Dos seis entrevistados onde foi possível codificar respostas nestas dimensões, conclui-se que dois forneceram pistas que nos permitem enquadrá-los num tipo de relação pai-filho (entrevistados 5 e 8), dois tutores enquadram-se num modelo de dominação e submissão (entrevistados 2 e 4) e dois tutores podem ser enquadrados no modelo ação introduzida (entrevistados 6 e 7).

O modo *pai-filho* implica que o tutor assuma o papel de pai e o animal o papel de filho, estabelecendo uma relação de afeto (Power, 2008). As citações que se apresentam abaixo são um exemplo claro deste tipo de convivência:

A Inca é a minha boneca. É o meu bebé. (...) Ela tem um amor incondicional por mim e eu sou a mamã dela. Sem dúvida! Lá está, é a minha bonequinha. E eu sou a mamã! Eu sou tudo para ela! Eu sou a luz, o sol, enfim, a vida dela... Ela gosta do meu colinho e de estar comigo, e pronto é isso. (Entrevistada 5, 54 anos, mulher).

A minha relação é de mãe e filha porque é que eu sinto, agora, não transformo à Indy numa pessoa. O que eu faço à Indy é: dou-lhe todo o carinho, dou-lhe todo o amor, dou-lhe todo o bem-estar, trato da saúde dela como se fosse uma pessoa, mas pronto é isso, ela não é uma pessoa. (Entrevistada 8, 59 anos, mulher).

O modelo *dominação-submissão* sedimenta-se em torno da ideia de que os humanos assumam o papel de liderança impondo regras de comportamento rígidas (Power, 2008). Este modo de relação pode ser exemplificado através das seguintes afirmações dos entrevistados:

Ele olha para mim, como, eu tenho essa postura também, como um alfa. Eu não permito que ele faça coisas que eu não quero. É uma relação de amizade, mas ele percebe que sou eu que mando. (Entrevistado 2, 36 anos, homem)

Ele está mais ligado a mim. Talvez por ser o único homem aqui em casa. É aquela coisa do macho alfa. Acho que passa por aí. Talvez porque ele percebeu que ele não vai ser o macho alfa ele ligou-se a mim (Entrevistado 4, 49 anos, homem).

Por fim, o modelo de *ação introduzida* está associado à forma como a família acaba por ser moldada pela ação e atividade de cães, sendo estes uma parte incontornável da rotina familiar e acabando por serem reconhecidos como peças-chaves no seio familiar. A citação abaixo exemplifica versões da vivência quotidiana que estão relacionadas com este modelo teórico:

Um cão é quase como um filho. Um é um animal, o outro é uma pessoa. Mas é o que mais se assemelha. A responsabilidade, o afeto, o carinho que sentimos... O cão também exige cuidado, tempo... (...) eles têm um grande papel de companhia. Acho que eles criam um enorme bem-estar em todos nós os quatro. (Entrevistado 6, 42 anos, homem)

Os dados analisados permitem refletir sobre um possível papel do género na adoção e desenvolvimento de diferentes modos de convivência. O género feminino tende a manifestar de forma mais frequente ou assertiva uma relação pai-filho, neste caso mãe-filho, com os seus cães. Em contrapartida, foi nos entrevistados do género masculino que se verificou uma maior perceção do modelo *dominação-submissão*, com a necessidade do humano desempenhar o papel de “macho alfa” e impor limites ao cão. Estes dados acabam por corroborar a literatura que afirma que as mulheres tendem a atribuir uma filiação familiar a um cão ou gato, do que os homens (Cohen, 2002; Pew, 2006).

5.4 Vidas Entrelaçadas: Análise das Rotinas Quotidianas Humanas e Caninas

A relação entre a família e os animais que convivem com ela é uma dinâmica delicada e mutável, que se constrói, negocia e, por vezes, se desfaz através das interações entre as pessoas e os animais em questão, tornando-a mais do que meramente humana (Power, 2008). A análise das rotinas reveste-se de uma importância central nesta dissertação. De facto, os entrevistados revelam que a vivência com o cão implica um alterar significativo das rotinas individuais e familiares que se começam a construir em torno do atendimento das necessidades dos seus cães:

Então... o dia começa por volta das seis da manhã, que é quando o Alf salta para cima da cama (...) vou com o Alf à rua, dou um passeio rápido com ele para as necessidades básicas. (...) À hora de almoço venho a casa, volto a ir com o Alf à rua, almoço e dou um pouco de ração ao Alf e volto para o trabalho. Depois ao fim do dia, chego a casa por volta das 18h30, vou com o Alf à rua, depois vou tratar do jantar e aí dou comida ao Alf (...). Depois vamos para o sofá até às dez e meia, onze da noite, e depois vamos passear o Alf numa voltinha maior. E pronto, por volta das onze e meia, meia-noite, está tudo na caminha a dormir. Ao fim de semana é que costumamos fazer uns passeios fora da cidade para o podermos soltar à vontade para que ele possa correr à vontade e libertar as energias que acumulou ao longo da semana. (Entrevistada 1, 36 anos, mulher).

Acordo por volta das 6h30 da manhã e das primeiras coisas que faço é ir dar de comer ao Mike, mesmo antes de eu tomar o pequeno-almoço. Depois logo a seguir a ele comer vou dar um pequeno passeio ao pé de casa para que ele possa fazer as necessidades. (Entrevistado 2, 36 anos, homem).

Sim, houve uma ligeira adaptação à presença da Kiara. Ela neste momento toma, porque já tem uma certa idade, toma medicação para o coração. Tem que tomar o comprimidinho. Tem que tomar um quarto do comprimidinho para o coração de manhã e outro depois à noite. (...) Pronto chega ao quarto, bebe a sua aguinha, se não tiver a mantinha lisinha, preparadinha, não se deita, olha para mim e diz-me “faz-me a cama se faz favor”, portanto tenho de lhe por aquilo direitinho, e aí sim ela deita-se e pronto fica a dormir. Esta é a rotina do dia-a-dia. (Entrevistada 5, 54 anos, mulher).

Muda muito a rotina diária. Todos os dias é preciso ter em atenção as necessidades fisiológicas dos cães. Depois também há aquela questão dos fins de semana e de dormir fora. Posso dizer que atualmente raramente saio sem eles. Se vou para algum lado, eles vão comigo. É isso. É desafiante porque são seres vivos e nós temos de ter todo o cuidado com o seu bem-estar. (Entrevistado 6, 42 anos, homem)

Dentro da rotina familiar destacam-se três dimensões principais – a do alimento, a do passeio e a do tempo de lazer passado entre tutores e cães. As de alimentação são

aqueles que se apresentam como mais rígidas e normalmente, as famílias têm horários específicos para a alimentação dos seus cães que adaptam à sua rotina diária. Estas rotinas apresentam, muitas vezes, alguns compromissos, como a necessidade de ir a casa à tarde ou a chegar a casa em determinado horário para respeitar o tempo da refeição.

Em relação aos passeios diários existem alguns aspetos particularmente importantes de destacar. Desde logo, o facto de a rotina de passeio diário estar muito relacionada com o tipo de residência. Os entrevistados que moram em moradias com espaço exterior acabam por não incorporar esta rotina com tanta frequência como os entrevistados que vivem em apartamentos:

Eu às vezes vou passeá-lo, mas como temos montes de espaço exterior ele acaba por fazer as necessidades ali fora e nem nos preocupamos em ir passeá-lo. Só mais aos fins de semana quando vamos ali ao Ludo fazer uma caminhada ou isso é que ele vai com a gente. (Entrevistado 4, 49 anos, masculino – residente em moradia).

Eu não preciso de a passear! A porta da cozinha está sempre aberta! Ela, eles circulam à vontade entre o exterior e o interior da casa. Ela sai, vai lá abaixo, normalmente sempre ao mesmo sítio, faz o que tem a fazer, dá a voltinha dela e quando quer volta para dentro. (Entrevistada 7, 62 anos, mulher – residente em moradia).

Depende do horário que cada um entra. Eu antes de ir trabalhar, costumo às vezes levá-la à rua, mas se entrar muito cedo, aí já é a minha mulher que a leva à rua. À noite sou sempre praticamente eu, o último passeio. Durante o dia se a minha mulher chegar a casa antes de mim vai ela, se for eu a chegar primeiro vou eu. (Entrevistado 3, 38 anos, homem – residente em apartamento).

Em segundo lugar, destacar que os passeios mais longos com os cães são realizados, unanimemente aos fins de semana - 7 entrevistados afirmam que são dados apenas aos fins de semana e 4 afirmaram que são dados em ambiente rural, ou seja, fora da cidade, resultando esta prática numa deslocação para fora da cidade, que para além do tempo despendido no passeio, é também despendido na deslocação até ao local do passeio.

A terceira dimensão importante de sublinhar é que as rotinas de passeio também estão, muitas vezes, associadas à sociabilidade – não só dos cães como também dos seus tutores. Veevers (1985) já havia dado conta de que a sociabilidade era uma das principais funções sociais dos cães. Ao contrário do verificado na análise quantitativa, as afirmações dos entrevistados fornecem a pista de que durante os passeios onde o cão atua como um

facilitador da interação interpessoal, está a servir a função de sociabilidade: “*Então, eu quando fui morar ali para [uma zona específica de Faro] não conhecia ninguém, e uma forma de conhecer pessoas foi a passear os cães na rua.*” (Entrevistado 6, 42 anos, masculino); já a entrevistada 8 afirma que “*A Ginja é muito comunicativa, e aqui na zona onde eu moro, as pessoas já conhecem a Ginja ela cumprimenta-as.*”; e a entrevistada 7 avança que “*As pessoas que têm animais aproximam-se facilmente umas das outras e começam logo a falar e a contar histórias. E a partir daí começam-se a conhecer e já se sentam na mesma mesa!*”.

O tempo de lazer passado entre tutores e cães também é uma dimensão importante da rotina familiar. Os jogos e brincadeiras são uma das características interessantes que os tutores compartilham com os cães (Sanders, 1999). Três entrevistados referem que a principal brincadeira que têm com o cão são jogos com bola, dois entrevistados afirmam não brincar com o cão, um dos entrevistados afirma que é a filha adolescente quem brinca com o cão, e o único entrevistado que referiu treinos de obediência foi o segundo entrevistado, que já havia fornecido pistas, tendo a sua relação com o seu cão, sido enquadrada num modelo de relação de *dominação e submissão*.

As brincadeiras têm diferentes efeitos, sendo que quatro entrevistados admitem que elas potenciam a aproximação entre tutor e cão, utilizando adjetivos como: proximidade, afinidade e cumplicidade. O entrevistado 4 refere que é a sua filha quem mais brinca com o cão e que sente que contribui para um certo relaxamento: “*Ela está na adolescência e se calhar o Bobby ajuda-a a relaxar, não sei.*”. A entrevistada 7 afirmou ainda que o seu cão tem uma ação estimulante no sentido físico: “*É um cão que tem uma ação motivadora, estimulante! É um cão que estimula a pessoa a não estar em baixo de forma!*”

Quando questionados relativamente ao sentimento face às rotinas diárias em que o cão apresenta um papel central, os entrevistados, na generalidade mostram-se satisfeitos com as suas rotinas. O entrevistado 1 referiu que “*Sinto-me bem. É algo que faço com prazer e gosto.*”, enquanto que o entrevistado 8 afirmou que “*A minha rotina?! Sinto-me felicíssima!*”.

No entanto, também foi possível perceber que o número de horas que os entrevistados têm que trabalhar fora de casa têm um impacto significativo não só no esforço que imprimem para desenvolver rotinas que colmatem as necessidades dos seus

cães como também na percepção da satisfação que têm face às mesmas. A este propósito o entrevistado 2 sublinha que:

O primeiro ano do COVID, houve muitos dias que passei em casa e ia passear com ele duas, três vezes por dia. Passava os dias no quintal a brincar com ele e ele adorava. E eu também adorava, claro. Agora é difícil. Ele ainda é um cão jovem e passa muitas horas sem atividade, sem estímulos. Por mais brinquedos que eu compre, noto que ele tem muita energia acumulada. (Entrevistado 2, 36 anos, homem).

Ainda na mesma lógica, a entrevistada 7 afirma que: *Não é que não goste de trabalhar, não é nada disso, mas preferia ficar em casa com a Sushi, com os meus cães*".

As rotinas diárias entrelaçadas entre humanos e cães revelam uma dinâmica complexa, marcada pela adaptação mútua e pela construção de laços afetivos profundos. A análise destas rotinas revela que as interações com os animais transformam a vida quotidiana das famílias, exigindo ajustes significativos em termos de horários e compromissos. A alimentação, os passeios e o tempo de lazer partilhado são elementos essenciais nessas rotinas, refletindo a importância do cuidado e da sociabilidade.

5.5 A Partilha do Lar: Convivência e Coexistência no Espaço Doméstico

As práticas quotidianas de manutenção de animais de estimação envolvem a negociação de identidades de animais humanos e não humanos (Fox, 2006: 526), e considerando a casa como uma matriz de relações sociais heterogêneas (Cudworth, 2019), o espaço doméstico assumiu também uma atenção especial nesta análise.

Apenas o entrevistado 2 afirmou que o seu cão não tem acesso a casa, sendo que dos restantes 7 entrevistados, 4 entrevistados assumem que os seus cães não têm qualquer condicionalismo às diferentes divisões da casa. Os restantes três entrevistados afirmaram que quando os cães permanecem sozinhos em casa ficam com áreas restritas, sendo que quando se encontram acompanhados pelos tutores não têm qualquer condicionalismo em termos de acesso às divisões.

Os entrevistados foram questionados sobre o acesso a diferentes espaços da casa, nomeadamente, os espaços mais íntimos e mais associados a momentos de lazer e de descanso, como é o caso do sofá e da cama. Estas dimensão de análise são importantes porque a literatura sublinha que é através da prática do cuidar, envolvendo

responsabilidade por outro ser vivo, e da partilha do espaço doméstico que os animais se tornem membros da família (Charles, 2016).

O sofá é um dos espaços ao qual os cães dos entrevistados mais têm acesso e estes momentos são, muitas vezes, vistos como dimensões estruturais da consolidação da relação humano-animal. As citações abaixo demonstram que o serão é um ritual familiar importante, que o cão faz parte da família e por conseguinte a sua presença para além de importante causa no entrevistado uma sensação de bem-estar, não devendo ser negada também ao animal:

Eu acho muito importante essas duas horas serem passadas em família, e ele (o cão) fazendo parte da família faz parte desse ritual e eu só me sinto bem com ele ao pé de mim. Ele se tiver deitado no tapete eu faço questão de o chamar para cima do sofá. (Entrevistada 1, 36 anos, mulher).

Sim, mal nos vê no sofá, quando estamos a ver televisão ou estamos a conversar ela vai logo para ao pé da gente. (Entrevistado 3, 38 anos, homem)

Porque é a minha boneca e o meu bebé. E não é só isso. Ela quer ir ali para ao pé de mim e eu não lhe vou negar a minha companhia, não é? (Entrevistada 5, 54 anos, mulher).

O acesso à cama, considerado o espaço doméstico mais íntimo (Tipper, 2011a) carece de uma maior negociação. Na maior parte dos casos, o cão tem acesso ao quarto, mas não tem autorização para subir para a cama, ou tem acesso apenas a uma parte específica da mesma. De facto, os entrevistados que anteriormente foram enquadrados no tipo de relação pai-filho (entrevistados 5 e 8), são precisamente os mesmos que afirmam que os seus cães têm acesso à cama e sempre tiveram:

Aliás a Princesa tem uma caminha no quarto dela, no meu quarto digo. A Princesinha talvez, a culpa foi minha digamos assim, mas se calhar foi para ela não sentir tanto a minha ausência. Então quando eu saio de casa, eu tenho todas as camas, todas elas preparadas para a Princesa. Por opção dela não dorme comigo. Gosta de estar assim comigo alguns momentos, por exemplo quando estou na cama a ver televisão, eu chamo-a, sou eu que a chamo, ela vem, está ali deitadinha e depois assim que eu me aconchego, ainda o meu marido não está na cama, ela sai da cama e vai para a cama dela. (Entrevistada 8, 59 anos, mulher).

No entanto, alguns entrevistados não permitem este acesso à cama por questões de higiene. Dormir com o animal de estimação pode ser visto como anti-higiénico (Holmberg, 2019), tal como afirma o entrevistado 1, que não deixa que o cão suba para a

sua cama, sendo o resultado de uma vontade do seu companheiro e a higiene as principais razões: “*Ele não tem autorização para subir. O meu companheiro não autoriza. Bom, não é assim tão higiénico dormir com os cães, mas a razão principal é mesmo os pelos.*”

Ainda no que concerne ao acesso à cama o testemunho do entrevistado 6 revela-se particularmente interessante, na medida em que quando questionado se os seus cães têm acesso afirma que: “*Têm, mas não tinham. Ao início eu não gostava. Eu quando fui morar com a minha mulher eles já lá moravam também, então eu tive de impor algumas regras.*”, tendo posteriormente afirmado que: “*Não achava correto, sei lá! Mas não sei, se calhar era uma questão de preconceito e agora já não me importo tanto.*”, demonstrando uma mudança na relação que mantém com os animais, tendo possivelmente mutado de uma forma de relação de *dominação e submissão*, para uma forma de *ação introduzida* - com o passar do tempo cães foram reconhecidos como peças chave na família, pois formavam rotinas com e em torno dos membros da família já existentes (Power, 2008).

A entrevistada 7, que vive com quatro cães afirma que todos os seus cães foram ensinados a dormir nas suas camas, no entanto, um dos cães, pelo qual afirma ter uma relação mais próxima: “*A Lady, contrariamente aos outros, epá, formou-se ali uma relação que ela só está bem, eu só estou bem se... Tem que ter nem que seja a ponta da pata a tocar em mim*” conseguiu segundo a mesma “*furar o esquema*”, sendo o único dos quatro que dorme na sua cama.

As práticas diárias de cuidado e as negociações em torno do acesso a diferentes áreas da casa destacam a importância do lar como um ambiente onde identidades humanas e não humanas são constantemente negociadas. O sofá e a cama, espaços íntimos e associados ao lazer e ao descanso, despertam diversas perspetivas. Enquanto alguns entrevistados veem nesses momentos a consolidação da relação humano-animal e o bem-estar proporcionado pela presença dos animais, outros consideram questões de higiene como um obstáculo para permitir o acesso à cama. No entanto, os depoimentos revelam que algumas restrições iniciais podem ser superadas, conforme as relações evoluem e os animais se tornam membros valorizados da família. Essa mudança de perspetiva pode refletir uma transição de uma dinâmica de *dominação e submissão* para uma em que os animais são reconhecidos como peças fundamentais no núcleo familiar.

5.6 Para Lá das Fronteiras: Representações Familiares

Uma das preocupações desta análise qualitativa foi a de tentar perceber de que forma é que os entrevistados percebem os seus cães, procurando identificar idiossincrasias entre a ideia de animal como filho e família e as práticas efetivamente desenvolvidas. À exceção do entrevistado 2, que descreve a convivência com o seu cão como algo que o ajuda a superar os maus momentos, os restantes entrevistados descrevem a convivência simplesmente como algo positivo. No que diz respeito aos sentimentos retirados da convivência com um animal, quatro dos entrevistados equiparam o cão a um filho: *“equiparo-o a um filho”, “é como um filho”, “é quase como ter um filho”, e “é a nossa bebé, é uma espécie de pessoa”*. Ainda relativamente aos sentimentos, quatro entrevistados apontam a responsabilidade como um sentimento muito presente: *“é uma responsabilidade também, é um ser que depende de nós”, “é ter encargos, é ter responsabilidades”, “é tomar decisões e tentar nunca prejudicar o animal” e “eu procuro não falhar com ela (...) com a melhor comida, com os cuidados de saúde, com tudo”*.

Quando questionados relativamente ao papel que o cão desempenha no seio familiar, quatro entrevistados afirmaram ser o de filho e os restantes quatro são mais vagos remetendo o cão para um papel mais instrumental de companhia, no entanto quando questionados relativamente à categorização do cão, todos afirmam ser um membro da família. Segundo Haraway (2003) o cão é visto não apenas com a finalidade de fazer companhia, mas sendo sim um companheiro, pertencente a uma espécie companheira.

A Loba é um dos nossos cães, é um cão, é um dos nossos animais. Sinto-me confortável em dizer que é um animal doméstico e membro da família (Entrevistada 7, 62 anos, mulher)

É um cão amigo. Então, cães há muitos. Ele é mais do que um cão. É como se fosse um amigo, só que é um amigo de quatro patas. Os meus amigos não dependem de mim, mas aquele depende. Para comer, para ir ao veterinário... é um amigo que depende de mim. Sou responsável pelo bem-estar dele. (Entrevistado 2, 36 anos, homem).

É um membro da família, mas tem a sua posição. É um membro da família, mas é um cão, o nosso cão. (Entrevistado 4, 49 anos, homem).

Independentemente de quaisquer condicionalismos, e de quaisquer modelos de convivência, todos os entrevistados afirmam que o cão é um membro da família. As citações abaixo revelam exemplos desse papel familiar que o cão assume:

É um membro da família, sem dúvida. É um filho de quatro patas com muitos pelos. Todos os amores são diferentes, mas sim... equiparo-o a um filho porque é uma responsabilidade nossa, é uma coisa que depende de nós, temos que dar educação, temos que suportar em termos de custos, portanto... sim. (Entrevistada 1, 36 anos, mulher).

É a bebé da casa. Toda a gente a trata com muito amor e carinho. É esse o papel dela, é trazer-nos conforto e alegria e aconchego (Entrevistada 5, 54 anos, mulher).

Sim, sim, sim. Eu e a minha mulher dizemos mesmo: *a nossa filha*. Claro que a vida humana e a vida de um cão... mas não é por aí, não deixo de dizer que é minha filha. É minha responsabilidade. Estou a trabalhar e sei que tenho de ir para casa que ela precisa, que tem uma necessidade de comer de ir à rua. É como um filho. (Entrevistado 3, 38 anos, homem)

Estes indivíduos tendem a introduzir os seus animais de estimação, num conjunto de atividades normalmente dedicadas aos membros da família, como é o caso das férias familiares: “*Eles vão sempre de férias connosco. Eu alugo sempre casas e apartamentos em que aceitam cães*” (Entrevistado 6, 42 anos, homem); ou dos retratos de família. A entrevistada 5 quando questionada sobre a inclusão da sua cadela nas fotos de família, responde categoricamente:

Obviamente! E não só, e próprias! Quando está numa posição mais fofinha ou vídeos em que ela está por exemplo a mandar vir comigo porque quer comer, e está nas fotos de família, e aniversários! Nos aniversários põe-se na cadeirinha, mas não sobe para cima da mesa, isso nem ela nem os gatos, e pronto, a malta está a cantar os parabéns e ela ali a participar. (Entrevistada 5, 54 anos, mulher).

Quando as pessoas optam por incluir animais de estimação na sua definição de família, estão a colocá-los dentro de uma esfera tradicionalmente reservada a humanos, podendo essa forma de relação ser um desafio para a divisão humanos-animais (Tipper, 2011). Neste sentido, e numa tentativa de melhor explorar a barreira entre as espécies, e uma vez que todos consideraram os seus cães como membros da família, foi questionado aos mesmos o que os distingue. Para alguns entrevistados a barreira entre espécies é muito clara e existem diferenças significativas que distinguem os cães dos humanos.

Não. Atenção, são coisas distintas. Também é assim, eu não o trato como um ser humano. Eu trato-o muito bem, mas cada qual no seu lugar, ele não deixa de ser um animal. Faz-me confusão aquelas pessoas que tratam os animais como humanos e acho que também os animais não se sentem bem ao serem tratados como pessoas, acabam por não perceber qual o seu lugar. (Entrevistado 4, 49 anos, homem).

Mesmo para os entrevistados que foram classificados no modelo pai-filho e que tendem a utilizar a expressão “pessoa” nos seus discursos para se referirem aos cães, sublinham a existência de diferenças entre espécies:

Bom, para já é um cão. Os outros elementos são humanos. Mas é só isso, porque a cadela só lhe falta falar como os humanos, porque de resto... Portanto a única coisa que diferencia é a espécie. Ela é de uma espécie e eu sou de outra. (Entrevistada 5, 54 anos, mulher)

É um animal doméstico que é tratado como se fosse uma pessoa. É um animal ao qual eu dou muito amor e procuro fazê-la muito feliz. A única coisa que a distingue de uma pessoa é só o facto de não ser humana. E há coisas que enquanto animal eu tenho de respeitar. (Entrevistada 8, 59 anos, mulher).

Estes dados demonstram aquilo que Tipper (2011) designou como animais de estimação provocativos, no sentido em que parecem estar entre as categorias convencionais de humanos e animais: são reconhecidos como animais, mas de certa forma tratados como humanos.

Em suma, esta análise qualitativa revelou a complexidade das representações familiares em relação aos cães. Embora os entrevistados tenham expressado diferentes perspetivas sobre a convivência com os seus animais de estimação, todos concordaram que o cão é um membro da família. Essa inclusão dos cães na esfera familiar vai para além de simplesmente proporcionar companhia, pois os entrevistados descreveram sentimentos de responsabilidade, amor e cuidado em relação aos seus animais, por vezes equiparando-os a filhos. No entanto, apesar dessa proximidade afetiva, os entrevistados reconheceram a existência de barreiras entre espécies, destacando que os cães são animais e possuem características distintas dos seres humanos. Essa interação ambígua entre humanos e animais de estimação revela a existência de uma categoria provocativa, onde os cães são reconhecidos como animais, mas são tratados de forma especial e incluídos em atividades e rituais familiares. Essa dinâmica desafia as fronteiras tradicionais entre humanos e animais, levantando questões sobre a natureza das relações familiares e o significado da família na sociedade contemporânea.

CAPÍTULO 6 – CONCLUSÕES

Quase podia saborear a finitude da vida e, portanto, a sua preciosidade. Tomamo-la como garantida, mas ela é frágil, precária, incerta, capaz de cessar a qualquer momento sem aviso prévio. Lembrei-me do que deveria ser óbvio, mas que muitas vezes não é: que cada dia, cada hora e cada minuto, devem ser aproveitados²⁸ (Marley & Me, 2005).

A análise apresentada nesta dissertação permitiu identificar quatro dimensões substanciais sobre as quais se consubstancia a complexidade das relações estabelecidas entre os tutores inquiridos e entrevistados e os seus cães: relações familiares e valorização dos cães, negociações simbólicas e relações de poder, investimentos financeiros e emocionais e reconhecimento simbólico e inclusão do cão. Neste sentido, e respondendo à pergunta de partida que se enunciou – quais as características das relações entre humanos e cães, em contexto doméstico, dos habitantes do concelho de Faro? – é possível perceber que:

De forma geral, relativamente às relações familiares e à valorização dos cães, tanto os dados do questionário como os das entrevistas revelaram que os cães são considerados membros da família e têm a mesma importância que os outros membros humanos. Ambas as abordagens destacaram a inclusão do cão na dinâmica familiar e nos rituais diários, demonstrando que os cães são valorizados como parte integrante da família. Houve uma clara convergência nesta dimensão, reforçando a ideia de que os cães são vistos como membros da família. Os entrevistados partilharam experiências pessoais sobre a conexão íntima e o vínculo afetivo que desenvolveram com os seus cães ao longo do tempo e essas narrativas permitiram uma compreensão sobre a forma como os cães são percebidos como membros familiares, não apenas por convenção social, mas através de uma relação afetiva profunda e significativa.

Em relação à segunda dimensão, os dados analisados apontaram para a existência de negociações simbólicas e relações de poder relacionadas com a presença do cão no

²⁸ Tradução livre do original “I could almost taste the finiteness of life and thus it’s preciousness. We take it for granted, but it is fragile, precarious, uncertain able to cease at any instant without notice. I was reminded of what should be obvious but to often is not, that each today, each hour and minute, is worth cherishing.”

espaço doméstico. Ambas as abordagens metodológicas mostraram que é necessária adaptação familiar às necessidades do cão, e, simultaneamente, transmitir limites e ‘educação’ ao cão para que o seu comportamento se possa adaptar às dinâmicas familiares sublinhando a importância de estabelecer limites e equilíbrio nas relações familiares com o cão.

No que diz respeito aos investimentos financeiros e emocionais os dados indicam que os tutores dedicam tempo e recursos financeiros para proporcionar cuidados adequados aos seus cães. Houve uma convergência em relação ao investimento emocional dos tutores, expressando amor e cuidado pelos animais, embora as entrevistas forneceram um nível mais profundo de *insights* emocionais, permitindo uma compreensão mais profunda sobre o vínculo emocional entre tutores e cães.

Por fim, os dados corroboram um reconhecimento simbólico e inclusão do cão nas dinâmicas familiares, sendo por exemplo incluídos nas fotografias de família e nos rituais familiares, como a celebração de aniversários. Estas práticas evidenciam o reconhecimento do cão como membro da família e a sua importância simbólica.

Procurando responder de forma mais particular a cada uma das perguntas de investigação levantadas:

Qual o perfil sociodemográfico dos tutores de cães no concelho de Faro?

De forma genérica e tendo em conta as características sociodemográficas dos inquiridos e dos entrevistados é possível perceber que o perfil sociodemográfico dos tutores de cães no concelho de Faro inclui uma maioria de mulheres, com idades variadas entre os 30 e os 60 anos, residindo principalmente na União de Freguesias de Faro, maioritariamente de nacionalidade portuguesa. Para além disso, a maioria possui formação académica de nível superior e cerca da metade tem filhos. No entanto, importa referir que o processo de amostragem não probabilística que se utilizou neste estudo limita a generalização dos resultados sociodemográficos. O tamanho reduzido da amostra e possíveis vieses de seleção são também obstáculos que impedem uma representação precisa da população.

Quais são as motivações para a divisão do espaço doméstico com pelo menos um cão?

Os dados revelam que as principais motivações para ter um cão estão essencialmente relacionadas com a procura de companhia e com a vontade de ‘adicionar’ um novo membro à família – sublinhando a ideia do cão como parte da estrutura familiar. Os benefícios emocionais acabam também por ser uma motivação comum, uma vez que os cães podem trazer alegria, conforto e alívio do stress, desempenhando um papel importante no desenvolvimento de competências sociais, especialmente nas crianças, estimulando interações positivas e coadjuvando a construção de relações. Por fim, os cães são conhecidos pelos seus instintos protetores, proporcionando uma sensação de segurança aos prestadores de cuidados e às suas famílias.

Quais são as perceções individuais sobre o significado do "cão" na vida doméstica?

As perceções individuais sobre o significado do "cão" na vida doméstica são variadas e complexas. Ao serem questionados sobre como explicariam a alguém que não vive com um cão a experiência de conviver com um, os entrevistados revelaram diferentes perspetivas. O objetivo dessas respostas era compreender melhor o significado da convivência com cães no contexto doméstico. Com exceção de um entrevistado que descreveu a convivência com o seu cão como uma ajuda para superar momentos difíceis, os demais participantes referiram-se à experiência de conviver com um cão de forma positiva. Essa experiência foi traduzida em palavras como felicidade, alegria e companheirismo. No entanto, expressar essas perceções individuais de forma precisa e completa em palavras é uma tarefa desafiadora. As respostas dos entrevistados revelaram que a convivência com cães na vida doméstica é algo que traz benefícios emocionais e proporciona uma sensação de bem-estar. A presença do cão é percebida como uma fonte de alegria constante, companhia e amor incondicional. No entanto, a complexidade dessas experiências torna difícil traduzi-las de maneira plena e abrangente em palavras.

Quais são as experiências e as práticas quotidianas entre o(s) humano(s) e o(s) cão(es)?

As experiências e práticas quotidianas entre humanos e cães são diversificadas e abrangem várias áreas. A prática mais comum é passear com os cães, sendo que muitos dos participantes afirmam fazê-lo regularmente. Outra rotina frequente é o ato de acarinhar o cão, com mais de metade dos participantes a afirmar que o fazem diariamente. A celebração do aniversário do cão também é uma prática significativa, com um número considerável de inquiridos a afirmar que têm por hábito comemorar esta data especial.

Os participantes neste estudo destacaram três grandes dimensões que influenciam as suas rotinas diárias em função das necessidades dos cães: alimentação, passeios e tempo de lazer entre tutores e cães. A alimentação dos cães é uma rotina fixa e reservada, adaptando-se à rotina diária dos tutores. Os passeios diários são mais comuns entre aqueles que vivem em apartamentos, enquanto os residentes em moradias tendem a não realizá-los com tanta frequência. O tempo de lazer entre tutores e cães é desfrutado através de jogos, brincadeiras ou simplesmente passando a noite juntos no sofá, em frente à televisão.

A análise das rotinas revelou que as relações com os cães têm um impacto significativo no quotidiano das famílias, pois as necessidades dos cães necessitam de ser colmatadas. Um número considerável concorda com a afirmação de que planeiam as suas rotinas diárias para satisfazer as necessidades dos seus cães e apenas uma minoria indica não ter em conta estas necessidades no planeamento das suas rotinas diárias.

Os cães são considerados membros da família? E se sim, que parentesco é estabelecido?

Esta análise revelou que os cães são amplamente considerados membros da família, como evidenciado pelas respostas dos inquiridos no questionário. Apenas uma pequena percentagem, 1,7%, discordou desta ideia. Por outro lado, a grande maioria, 84%, concordou fortemente com esta afirmação, respondendo de forma clara à pergunta de investigação. No que diz respeito ao parentesco estabelecido, para a maioria dos inquiridos, 77%, o cão é considerado "como um filho". Essa associação entre o cão e o estatuto ou papel de filho reflete a importância e a proximidade emocional que os tutores têm com os seus cães.

Outro dado interessante é que 87,5% dos inquiridos afirmaram incluir o cão nas fotografias de família, reconhecendo assim a importância do papel que desempenham no seio familiar.

As entrevistas realizadas permitiram aprofundar um pouco mais esta questão. Enquanto quatro dos entrevistados equipararam o cão a um filho, os restantes quatro atribuíram ao cão um papel mais instrumental na família. No entanto, todos eles

afirmaram que o cão é considerado um membro da família, independentemente do papel específico que lhe é atribuído.

Quais os maiores impactos positivos e constrangimentos negativos que resultam da relação doméstica dono-cão?

Na relação doméstica entre tutor e cão, existem tanto impactos positivos quanto constrangimentos negativos. Entre os aspetos menos positivos, destaca-se o fator dos gastos financeiros associados aos cuidados com o cão. Embora nenhum entrevistado tenha mencionado diretamente esse ponto como negativo, a análise quantitativa revelou que o rendimento familiar influencia a frequência e o valor dos gastos.

Quando questionados sobre possíveis defeitos dos seus cães, seis entrevistados mencionaram características comportamentais indesejadas, como comportamento inadequado na rua, desobediência, destruição, carência, impaciência e teimosia. Esses defeitos comportamentais também foram considerados aspetos menos positivos na relação.

Por outro lado, os impactos positivos são significativos. 92% dos inquiridos concordaram com a afirmação de que a interação com o cão é uma parte importante do seu dia. Isso indica que a interação com o cão é, por si só, um impacto positivo. Grande parte do prazer de ter animais de estimação advém do fato de que eles são diferentes dos seres humanos: eles não falam e os seus corpos e comportamentos são radicalmente distintos dos humanos. Interagir com um animal de estimação implica estabelecer uma conexão com um ser pensante, mas também envolve interagir com uma criatura completamente diferente de nós (Irvine, 2004).

As próprias rotinas e práticas que são estabelecidas e alteradas, com o cão assumindo um papel central, resultam num sentimento positivo como um todo. Quando questionados sobre como se sentiam em relação às suas rotinas, as respostas foram unânimes: todos os entrevistados além de se sentirem confortáveis com as rotinas, afirmaram que elas resultam em felicidade, conforto e bem-estar.

Será que a relação de convivência e coabitação disseminada pelo agregado familiar, é partilhada pelos membros da família mais próximos?

A relação de convivência e coabitação disseminada pelo agregado familiar parece ser partilhada pelos membros mais próximos da família, de acordo com os dados obtidos.

Cerca de 27% dos inquiridos incluem frequentemente os cães nos programas familiares, enquanto a mesma percentagem inclui sempre os cães nessas atividades. Para além disso, muitos dos inquiridos tendem em adaptar, em alguma medida, os fins-de-semana às necessidades dos cães. Isso sugere que algumas famílias alteram suas rotinas e práticas de fim-de-semana devido à presença dos cães, o que indica uma disseminação da convivência pelos membros do agregado familiar.

No entanto, a partilha do espaço doméstico pode ser limitada em certos casos. Por exemplo, alguns pais podem restringir o acesso do cão ao quarto das crianças por diversos motivos. A sala de estar é geralmente reservada ao lazer nas casas ocidentais e o sofá assume um papel simbólico nesse contexto. De acordo com o estudo, 26% dos animais não têm acesso ao sofá, o que pode resultar em uma menor interação entre o animal e outros membros da família.

Passear o cão, brincar com o cão e mimá-lo são práticas que podem ser assumidas por diferentes membros do agregado familiar, cada um desempenhando papéis diferentes. No entanto, não foram obtidos dados que permitam uma resposta clara à questão de como essas práticas são distribuídas entre os membros da família.

Quais os papéis que os humanos atribuem aos cães na relação doméstica que estabelecem?

Como acima referido, quatro entrevistados atribuíram o papel de filho ao cão. No entanto, e segundo Power (2008), que realça três modos de convivência com os cães (modo de *pai-filho*, o modo de relação de *dominação e submissão* e o modo de *ação introduzida*), na análise das entrevistas foi possível codificar respostas de seis entrevistados nestas dimensões: dois tutores foram enquadrados num tipo de relação pai-filho, onde o cão assume o papel de filho; dois tutores enquadram-se num modelo de dominação e submissão, onde o cão desempenha um papel submisso, tendo por base o papel de liderança do tutor; dois tutores enquadram-se num modelo de ação introduzida, onde o papel do cão se tornou gradualmente num papel central da família, estabelecendo rotinas com os membros já existentes e em torno dos mesmos.

Terá o cão alguma função de substituição social?

Doré *et al.*, (2019) distinguiu três formas de conexão principais entre humanos e animais: integração, assimilação e substituição, onde o animal de estimação aparece com vista a substituir alguém ou algo.

De acordo com as entrevistas, dos três modos de conexão, o mais comum nos discursos dos entrevistados é o da substituição, no entanto, e tendo em conta os resultados deste estudo, e sendo este de carácter exploratório, não foi possível recolher dados que fundamentem uma resposta que se afigure segura. No entanto, e tendo em conta a análise da literatura, em certos casos de desagregação familiar (Blanchard, 2015; Cohen, 2002; Kurdek, 2008; Taylor *et al.*, 2006), os animais são definidos como substitutos temporários ou permanentes de crianças (Laurent-Simpson, 2017), de irmãos (Tipper, 2011) ou de um companheiro (Zasloff e Kidd, 1994).

Serão as relações íntimas entre animais e humanos, nas sociedades ocidentais, um sinal de que a fronteira que separa humanos e animais não é assim tão definida, como noutras sociedades e/ou noutros tempos?

As relações íntimas entre animais e humanos nas sociedades ocidentais apontam para um possível esbatimento da fronteira que separa as espécies, em comparação com outras sociedades e tempos passados. Ao longo do tempo, tem havido uma clara tendência de aproximação entre humanos e cães, transformando uma relação puramente instrumental numa relação baseada no afeto. A partilha do espaço doméstico surge como um dos principais indicadores desse possível esbatimento da fronteira entre as espécies.

Anteriormente, a fronteira entre humanos e animais tendia a ser mais definida, e os cães desempenhavam muitas vezes um papel instrumental na vida das pessoas. No entanto, atualmente, essa fronteira parece ser menos nítida quando se estabelecem relações de intimidade e carinho com animais de estimação, contrariando o papel estritamente instrumental atribuído aos cães no passado. O facto de 98,3% dos inquiridos concordarem que o cão é considerado um membro da família e todos os entrevistados afirmarem de forma simples e segura que consideram o(s) seu(s) cão(s) como membros da família reflete esse esbatimento da fronteira entre humanos e animais.

Assim, as relações íntimas entre humanos e animais nas sociedades ocidentais indicam que a fronteira entre as espécies não se encontra tão claramente definida como noutras sociedades e tempos passados. Essa evolução reflete uma mudança na perceção

em torno dos animais de estimação, que deixaram de ser vistos apenas como instrumentos e passaram a ocupar um lugar de afeto e intimidade dentro dos lares.

De que forma o cão condiciona ou altera o conceito de família?

A presença de um cão no seio familiar condiciona e altera significativamente o conceito tradicional de família. Originalmente, a família refere-se a pessoas que fazem parte do mesmo agregado familiar, geralmente unidas por laços de sangue. No entanto, considerar um cão como um membro da família introduz uma mudança substancial nessa ideia.

A revisão da literatura permitiu identificar diferentes termos utilizados para descrever famílias que incluem animais de companhia, onde estes são vistos como atores sociais e onde a barreira entre espécies é menos importante do que os laços de afeto e proximidade estabelecidos: famílias mais-que-humanas (Power, 2008), famílias híbridas (Franklin, 2006) e famílias pós-humanas (Charles, 2016).

Neste estudo, optamos por adotar o conceito de famílias mais-que-humanas, que defende que o espaço doméstico se tornou o local central onde essas famílias têm maior liberdade para definir as suas práticas. A coabitação com os animais é essencial para facilitar relações próximas com eles. As famílias mais-que-humanas distinguem-se por considerarem os animais como membros da família, vivendo de forma entrelaçada com os mesmos, alterando rotinas e práticas para satisfazer as necessidades dos animais. A presença desses seres não-humanos molda ativamente a vida familiar o que se reflete numa alteração da perceção do conceito de família, deslocando o foco central do ser humano e reconhecendo a importância fundamental dos seres não-humanos na vida das pessoas. Assim, a presença do cão no contexto familiar condiciona e altera o conceito de família, abrindo espaço para uma compreensão mais ampla e inclusiva, onde os animais são considerados membros igualmente valiosos e afetivamente relevantes.

Limites da Investigação e Linhas Futuras:

Esta dissertação apresenta, no entanto, algumas limitações. Uma das principais limitações está relacionada com o facto de estarmos perante uma amostra não probabilística o que limita a generalização dos resultados. Outra limitação importante advém da forma como o questionário foi disseminado. A abordagem *online* pode ter sido

mais acessível para certos grupos demográficos, resultando numa participação desproporcional entre grupos.

Uma limitação adicional está relacionada com a composição da amostra em termos de género. Com uma grande proporção de respondentes do género feminino, é possível que as perceções individuais sobre o significado do ‘cão’ na vida doméstica e familiar possam estar parcialmente influenciadas por essa disparidade. Para além disso, os participantes podem ter respondido da forma que consideram ser socialmente desejável, tentando enquadrar as suas respostas de acordo com normas sociais ou expectativas percebidas.

Embora o estudo tenha reconhecido a importância de uma visão mais individualizada e profunda considera-se que o número de entrevistas realizado pode ser aumentado, de forma a capturar uma maior diversidade de perspetivas e nuances presentes nas perceções individuais.

Por fim, reconhece-se também que as perceções individuais sobre o significado do ‘cão’ na vida doméstica podem ser influenciadas por fatores culturais e contextuais específicos que podem variar entre diferentes regiões geográficas, grupos étnicos ou sociais, e podem levar a diferenças significativas nas perceções. Esta análise não reflete essas particularidades.

Com base nas limitações identificadas existem várias linhas de investigação que podem ser exploradas no futuro. Uma possível abordagem seria realizar um estudo com uma amostra probabilística de modo a validar e ampliar as conclusões obtidas neste estudo. Uma amostra probabilística permitiria também colmatar disparidades de género e de grupos sociais auto introduzidas. Outra recomendação seria explorar diferentes métodos de disseminação do questionário, na tentativa de alcançar uma participação mais equilibrada e diversificada de grupos demográficos diversos. Para além dos canais utilizados, poderiam ser mobilizados métodos *offline*, como a distribuição de questionários em locais específicos. Para além disso, sugere-se também um foco maior na dimensão qualitativa aumentando o número de entrevistas.

Recomendações de Políticas Públicas:

Com base nas conclusões desta investigação, é possível avançar com algumas sugestões de políticas públicas para promover uma melhor compreensão e gestão da

presença dos cães na vida doméstica. Em primeiro lugar, seria importante continuar a investir na promoção da posse responsável de cães, através de campanhas de sensibilização que abordem as responsabilidades e cuidados necessários para garantir o bem-estar dos animais. Tendo em conta a relevância da dimensão das negociações e poder simbólico nesta análise, outra sugestão prende-se com o desenvolvimento de programas de educação que incentivem a formação de uma cultura de respeito e consciência em relação aos cães, desde a infância. Outra sugestão seria a criação de espaços públicos adequados para a prática de exercícios e socialização dos cães, promovendo a convivência saudável entre os animais e os seus tutores e promovendo a função de aumento de capital social que os cães podem assumir. Por fim, continuar o caminho que se tem traçado em Portugal de inclusão de despesas com animais em sede de IRS e a criação de instituições veterinárias de índole público-privado que permitissem às famílias com menores rendimentos garantirem as necessidades de saúde dos seus cães.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adell-Bath, M., Krook, A., Sandqvist, G. & Skantze, K. (1979) *Do We Need Dogs? A Study of Dogs Social Significance to Man*, Ghotenburg, University of Gothenburg Press
- Agamben, G (2004) *The Open*, Stanford, Stanford University Press
- Albert, A. & Bulcroft, K. (1987) Pets and Urban Life, *Anthrozoös*, vol. 1, no 1, 9-25
- Alger, J. & Alger, S. (2003) *Cat culture: The social world of a cat shelter*, Philadelphia, Temple University Press
- American Veterinary Medical Association (2007) *U.S. Pet Ownership and Demographics Sourcebook*, American Veterinary Medical Association
- Antunes, M. (2015) Análise de uma fotografia de família, *Revista Café com Sociologia*, vol. 4, n.º 1, 10-17
- Arluke, A. & Sanders, C. (1996) *Regarding Animals*, Philadelphia, Temple University Press
- Bauman, Z. (2000) *Liquid modernity*, Cambridge, Polity
- Beck, U. (1992) *Risk Society*, London, Sage
- Benton, T. (1993) *Natural relations: Ecology, animal rights and social justice*, London, Verso
- Berger, J. (2009) *Why Look at Animals*, London, Penguin
- Beverland, B., Farrelly, F. & Lim, E. (2008) Exploring the Dark Side of Pet Ownership: Status- and Control-Based Pet Consumption, *Journal of Business Research*, vol. 61, no 5, 490-496
- Blanchard, C. (2015) Vivre à la rue: quand le chien devient le ciment d'une culture familiale réinventée, *Sens-Dessous*, vol. 16 (2), 41-50
- Blouin, D. (2008) *All in the Family? Understanding the Meaning of Dogs and Cats in the Lives of American Pet Owners*, Indianapolis, Indiana University
- Blouin, D. (2012) Understanding Relations between People and their Pets, *Sociology Compass*, vol. 6, no 11, 856-869
- Bourdieu, P. (1965) Algumas Propriedades dos Campos, *Annales: Economias, Sociedades, Civilizações*, 20(3), 1097-1102
- Bradshaw J. (1995) Social interaction between pets and people - a new biological framework, *Artigo apresentado na sétima Conferência Internacional sobre as interações Humanas-Animais*, Genebra, Suíça

- Brickel C. (1986) Pet facilitated therapies: a review of the literature and clinical implementation considerations, *Clin Gerontol*, 309–332
- Brooks, H., Rogers, A., Kapadia, D., Pilgrim, J., Reeves, D. & Vassilev, I. (2012) Creature comforts: personal communities, pets and the work of managing a long term condition, *Chronic Illness*, 9, 2, 87–102
- Brown, C. & McLean, J. (2015) Anthropomorphizing Dogs: Projecting One's Own Personality and Consequences for Supporting Animal Rights, *Anthrozoös: A multidisciplinary journal of the interactions of people and animals*, 28:1, 73-86
- Bryman, A. (2012) *Social Research Methods*, Oxford, Oxford University Press
- Carter, B. & Charles, N. (2013) Animals, Agency and Resistance, *Journal of the Theory of Social Behaviour*, 43, 322-340
- Charles, N. & Davies, C. (2008) My family and other animals: pets as kin, *Sociological Research Online*, Vol. 13 (5), 13-26
- Charles, N., Davies, C., & Harris, C. (2008) *Families in Transition: Social Change, Family Formation and Kin Relationships*, Bristol, Policy Press
- Charles, N. (2014) Animals just love you as you are: Experiencing kinship across the species barrier, *Sociology 2014*, Vol. 48, 715–730
- Charles, N. (2016) Post-Human Families? Dog-Human Relations in the Domestic Sphere, *Sociological Research Online*, 21 (3), 83-94
- Chaudhuri, A., & Holbrook, M. B. (2001) The chain of effects from brand trust and brand affect to brand performance: The role of brand loyalty, *Journal of Marketing*, 65(2), 81–93
- Cindy, W. (1994) A Conceptual Framework for Human-Animal Interaction Research: The Challenge Revisited, *Anthrozoos*, 7 (1), 4-24
- Cohen, S. (2002) Can pets function as family members?, *Western Journal of Nursing Research*, 24(6), 621–38
- Connell, C., Janevic, M., Solway, E. & McLaughlin, S. (2007) Are pets a source of support or added burden for married couples facing dementia?, *Journal of Applied Gerontology*, 26 (5), 472–85
- Costa, R. (2014) Rituais familiares: práticas e representações sociais na construção da família contemporânea, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXVIII, 81 - 102
- Covert, A., Whiren, A., Keith, J. & Nelson, C. (1985) Pets, early adolescents, and families, Sussman, M., *Pets and the Family*, New York, The Haworth Press, 95–108
- Cudworth, E. (2019) Muddied Living: making home with dog companions, *International Journal of Sociology and Social Policy*, Vol. 41, 424-439

- Cusack, O. (1988) *Pets and mental health*, New York, Haworth Press
- Davis, J. & Juhasz, A. (1985) The preadolescent/pet bond and psychosocial development, *Marriage and Family Review*, 8, 79-94
- De Mello, M. (2012) *Animals and Society. An Introduction to Human-Animal Studies*, New York, Columbia University Press
- Denzin, N. (1978) *The Research Act*, New York, McGraw-Hill Book Company
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (2000) *Handbook of Qualitative Research*, Thousand Oaks, Sage
- Doré, A., Michalon, J. & Monteiro, T. (2019) “The Place and Effect of Animals in Families”, *Enfaces Familles Générations*, 32
- Dotson, M. & Hyatt, E. (2008) Understanding dog-human companionship, *Journal of Business Research*, 61, 457-466
- Elder, G., Wolch, J., & Emel, J. (1998) Le Practique Sauvage: Race, place and the human–animal divide, *Animal geographies: Place, politics and identity in the nature-culture borderlands*, 72–90
- Emel, J. & Wolch, J. (1998) *Witnessing the animal moment, Animal geographies: Place, politics and identity in the nature-culture borderlands*, London, Verso
- Endenburg, N. & Baarda, D. (1995) The roles of pets in enhancing human well-being: effects on child development, Robinson I., *The Waltham Book of Human–Animal Interaction: Benefits and Responsibilities of Pet Ownership*, Exeter, Pergamon, 1–17
- Faulkner, J. (2011) Negotiating vulnerability through “animal’ and “child’, *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, 16 (4), 73-85
- Fowler, F. (2014) *Survey Research Methods*, Massachusetts, Sage Publications
- Fox, R. (2006) Animal behaviors, post-human lives: Everyday negotiations of the animal– human divide in pet-keeping, *Social and Cultural Geography*, 7 (4), 525–537
- Fudge, E. (2008) *Pets*, London, Routledge
- Franklin, A. (1999) *Animals And Modern Cultures - A Sociology of Human-Animal Relations in Modernity*, London, Sage Publications Ltd.
- Franklin, A. (2006) Be[a]ware of the dog: A Post-Humanist Approach to Housing, *Housing, Theory and Society*, 23:3, 137-156
- Franklin, A. (2007) Human-nonhuman animal relationships in Australia: An overview of results from the first national survey and follow-up case studies 2000–2004, *Society and Animals*, 15, 7–27

- Friedmann, E., & Thomas, S. A. (1995) Pet ownership, social support, and one-year survival after acute myocardial infarction in the Cardiac Arrhythmia Suppression Trial (CAST), *The American Journal of Cardiology*, 76, 1213–1217
- Giddens, A. (1984) *The constitution of society*, Cambridge, Polity Press
- Giddens, A. (1990) *The Consequences of Modernity*, Cambridge, Polity Press
- Giddens, A. (1991) *Modernity and self-identity: Self and society in the late modern age*, Stanford, Stanford university press
- Goffman, E. (1959) *The presentation of self in everyday life*, New York, Anchor
- Greenebaum, J. (2004) It's a Dog's Life: Elevating Status From Pet to 'Fur Baby? At Yappy Hour, *Society & Animals*, 12 (2), 117–135
- Grier, K. (2006) *Pets in America: A History*, Chapel Hill, The University of Carolina Press
- Grogan, J. (2005) *Marley & Me: life and love with the world's worst dog*, New York: Harper Collins
- Guttman, G., Predovic, M. & Zemanek, M. (1985) The influence of pet ownership in non-verbal communication and social competence in children, *Proceedings of the International Symposium on the Human–Pet Relationship*, Vienna, 58–63
- Haraway, D. (2003) *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*, Chicago, Prickly Paradigm Press
- Haraway, D. (2008) Companion species, mis-recognition, and queer worlding, *Queering the non/human*, xxiii-xxxvi.
- Harris (2011) *Pets really are members of the family*, Harris poll, <https://theharrispoll.com/americans-have-always-had-interesting-relationships-with-their-pets-whether-that-pet-is-a-cat-dog-parakeet-or-something-else-the-pet-industry-is-thriving-and-for-good-reason-more-than-three-in-f/> (Acedido a 26/01/2022)
- Hart, B. & Hart, L. (1988) *The Perfect Puppy: How to Choose your Dog by Its Behavior*, New York, W. H. Freeman
- Hart, L. A. (1995). Dogs as human companions: a review of the relationship. *The domestic dog: Its evolution, behaviour and interactions with people*, 161-178
- Harter, S. (2003) The development of self-representations during childhood and adolescence, *Handbook of self and identity*, 610 – 642
- Herpin, N. & Verger, D. (1992) Sont-ils devenus fous? La passion des Français pour les animaux familiers, *Revue Française de Sociologie*, vol. 33, no 2, 265-286
- Hickrod, H. & Schmitt., R. (1982) A Naturalistic Study of Interaction and Frame: The Pet as 'Family Member', *Urban Life*, vol. 11, no 1, 55-77

- Holmberg, T. (2019) Walking, eating, sleeping. Rhythm analysis of human/dog intimacy, *Emotion, Space and Society*, n.º 31, 26-31
- House, J., Landis, K., & Umberson, D. (1988) Social relationships and health, *Science*, 241, 540–545
- Ingold, T. (2013) Anthropology beyond humanity, *Suomen Anthropology: Journal of the Finnish Anthropological Society*, 38, 5-23
- Ipsos-Reid (2001) *Paws and Claws: A Syndicated Study on Canadian Pet Ownership*, http://www.ctv.ca/generic/WebSpecials/pdf/Paws_and_Claws.pdf (Acedido a 29/01/2022)
- Irvine, L. (2004) A model of animal selfhood: Expanding interactionist possibilities, *Symbolic Interaction*, 27(1), 3-21
- Irvine, L. (2004) Pampered or Enslaved? The moral dilemmas of pets., *International Journal of Sociology and Social Policy*, vol. 24, 5-17
- Irvine, L. (2007) Social Justice and the Animal Question, *Humanity and Society*, vol 31, 299-304
- Irvine, L. & Cilia, L. (2016) More-than-human families: Pets, people, and practices in multispecies households, *Sociology Compass*, 11
- Jerolmack, C. (2009), Humans, Animals, and Play: Theorizing Interaction When Intersubjectivity is Problematic, *Sociological Theory*, 27:2
- Jodelet, D. (1989) Les représentations sociales: un domaine en expansion, *Les représentations sociales*, 45-78
- Juhasz, A. (1985) Measuring self-esteem in early adolescent, *Adolescence*, 20, 877–887
- Johnson, R., & Onwuegbuzie, A. (2004) Mixed Methods Research: A research paradigm whose time has come, *Educational Researcher*, Vol. 33, n.º. 7, 14-26
- Kellert, S. (1985) Historical Trends in Perceptions and Uses of Animals in 20th Century America, *Environmental Review*, Vol. 9, 19-33
- Kirksey, E. (2015) Multispecies Families, Capitalism, and the Law, *Animals, Biopolitics, Law*, 175–194
- Kurdek, A. (2008) Pet Dogs as Attachment Figures, *Journal of Social and Personal Relationships*, vol. 25 (2), 247-266
- Laurent-Simpson, A. (2017) Considering Alternate Sources of Role Identity: Childless Parents and Their Animal ‘Kids’, *Sociological Forum*, vol. 32, no 3, 610-634
- Law, J. & Miele, M. (2011) Animal practices, *Human and Other Animals: Critical perspectives*, 50-65

- Lopes, K., & Silva, A. (2012) Considerações sobre a importância do cão doméstico (*Canis lupus familiaris*) dentro da sociedade humana, *Acta Veterinária de Brasília*, v.6, n.º 3, 177-185
- Maslow, A. (1943) A Theory of Human Motivation, *Psychological Review*, 50, 370-396
- Massey, D. (1992) A place called home, *New formations*, 17(3), 3-15
- Marshall-Pescini, S., & Kaminski, J. (2014) The Social Dog: History and Evolution, *Behavior and Cognition*, Academic Press Inc., 3-33
- McConnell, A., Strain, L., Brown, C., & Rydell, R. (2009) The simple life: On the benefits of low self-complexity, *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35, 823– 835
- McConnell, A., Brown, C., Shoda, T., Stayton, L., & Martin, C. (2011) Friends With Benefits: On the Positive Consequences of Pet Ownership, *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 101, No. 6, 1239 – 1252
- McNicholas, J. & Collins, G. (2000) Dogs as catalysts for social interactions: Robustness of the effect, *British Journal of Psychology*, n.º 91, 61-70
- McCracken, G. (2003) *Cultura & consumo: novas abordagens ao carácter simbólico dos bens e atividades de consumo*, Rio de Janeiro, Mauad editora
- Mead, G. (1907) Concerning Animal Perception. *Psychological Review*, 14, 383–390
- Mehling, J. (1989) ‘Banana Cannon’ and Other Folk Traditions Between Human and Nonhuman Animals, *Western Folklore*, 48(4), 312–23
- Melson, G., Fogel, A. (1989) Children’s ideas about animal young and their care: a reassessment of gender differences in the development of nurturance, *Anthrozoös* 2, 265–273
- Melson, G. (1995) The role of companion animals in human development, *Animals, Health and Quality of Life*, 7th International Conference on Human–Animal Interactions, Geneva.
- Messent, P., & Serpel, J. (1981) A historical and biological view of the pet - owner bond, *Interrelations between people and pets (A symposium on the human–companion animal bond)*, London, England
- Messent P. (1983) *Social facilitation of contact with other people by pet dogs*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press
- Michalon, J., Doré A. & Mondémé, C. (2016) Une sociologie avec les animaux: faut-il changer de sociologie pour étudier les relations humains/animaux?, *SociologieS [En ligne]*, março 2016
- Moscovici, S. (2003) O fenómeno das representações sociais, *Representações sociais: Investigações em psicologia social*, 29-214

- Mugford, R. & M'Comisky, J. (1975) Some recent work on the psychotherapeutic value of caged birds with older people, *Pet Animals and Society*, 54-65
- Myers, O. (2003) No longer the lonely species: a post-mead perspective on animals and sociology, *International Journal of Sociology and Social Policy*, Vol. 23, 46-68
- Nast, H. (2006) Critical pet studies?, *Antipode*, 38, 894-906
- Newman, B. & Newman, P. (1984) *Development through life: A psychosocial approach*, Homewood, Dorsey
- Pestana, M. & Gageiro, J. (2014) *Análise de dados para ciências sociais: A complementariedade do SPSS*, Lisboa, Edições Silabo
- Peters, A., Stucki, S. & Boscardin, L. (2014) The Animal Turn – what it is and why now?, *Verfassungsblog: On Matters Constitutional*, 2014/4/14
- Pew (2006) *Gauging Family Intimacy*, Pew Research Center Publications, <https://www.pewresearch.org/social-trends/2006/03/07/gauging-family-intimacy/> (Acedido a 26/01/2022)
- PFMA (2016) Pet Food Manufacturers' Association, <http://www.pfma.org.uk/pet-population-2016> (Acedido a 07/02/2022)
- Philo, C. & Wilbert, C. (2000) *Animal spaces, beastly spaces: New geographies of human-animal relations*, London, Routledge
- Pinto, M. & Lara J. (2011) As experiências de consumo na perspectiva da teoria da cultura do consumo: identificando possíveis interlocuções e propondo uma agenda de pesquisa, *Cadernos EBAPE.BR*, 9 (1), 37-56
- Policarpo, V., Monteiro, T., Truninger, M., Almeida, A. & Rodrigues, L. (2018) A life of their own: children, animals, and sustainable development. *Changing Societies: Legacies and Challenges. Vol. III. The Diverse Worlds of Sustainability*, 203 – 225
- Policarpo, V. & Tereno, H. (2022) Precisar, sonhar, “inesperar”: animais de companhia e comunidades pessoais multiespécies, *Análise Social*, LVII (2.º), n.º 243, 340-366
- Policarpo, V. (2022) Perder um animal de companhia: rituais e práticas sociais de luto, *Análise Social*, LVII (2.º), n.º 243, pp. 406-425
- Power, E. (2008) Furry Families: Making a Human-Dog Family Through Home, *Social & Cultural Geography*, 9:5, 535-555
- Salmon, P., & Salmon, I. (1983) Who owns who? Psychological research into the human-pet bond in Australia, *New Perspectives on Our Lives with Companion Animals*, 244-65
- Sanders, C. (1999) *Understanding dogs: Living and working with canine companions*, Philadelphia, Temple University Press

- Sanders, C. (2003) Actions Speak Louder than Words: Close Relationships between Humans and Nonhuman Animals, *Symbolic Interaction*, Vol. 26, 405-426
- Schaeffer, M. (2009) *One Nation Under Dog: America's Love Affair with our Dogs*, New York, Henry Holt
- Serpell, J. (1996) *In the Company of Animals: a Study of Human-animal Relationships*, Cambridge, Cambridge University Press
- Serpell, J. (2012) Pets in the family: an evolutionary perspective, *The Oxford Handbook of Evolutionary Family Psychology*, 297-309
- Shir-Vertesh, D. (2012) Flexible personhood: Loving animals as family members in Israel, *American anthropologist*, 114(3), 420-432
- Siegel, J. (1990) Stressful life events and use of physician services among the elderly: The moderating role of pet ownership, *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 1081-1086
- Siegel, J. (1993) Companion animals: In sickness and in health, *Journal of Social Issues*, 49, 1, 157- 67
- Smith, J. (2003) Beyond dominance and affection: Living with rabbits in post-humanist households, *Society and Animals*, 11(2), 181-197
- Smith, B. & Thompson, K. (2014) Should we let sleeping dogs lie... with us? Synthesizing the literature and setting the agenda for research on human-animal co-sleeping practices, *Humanimalia: a journal of human/animal interface studies*, Vol. 6, N.º 1, 114-127
- Spencer, L., Ritchie, J., Lewis J. & Dillon, L. (2003) *Quality in Qualitative Evaluation: A framework for assessing research evidence*, London, Government Chief Social Researcher's Office: Cabinet Office
- Szasz, K. (1968) *Petishism: pets and their people in the Western World*, New York, Holt
- Taylor, P., Funk, C. & Craighill, P. (2006) Gauging Family Intimacy: Dogs edge Cats (Dads trail both), *Pew Research Center: A Social Trends Report*, 1-8
- Thomas, K. (1984) *Man and the Natural World*, Harmondsworth, Penguin
- Tipper, B. (2011) Pets and Personal Life, *Sociology of Personal Life*, May, 85-97
- Tipper, B. (2011) 'A dog who I know quite well': everyday relationships between children and animals, *Children's Geographies*, 9:2, 145-165
- Turner, W. (2005) The Role of Companion Animals Throughout the Family Life Cycle, *Journal of Family Social Work*, vol. 9, no 4, 11-21
- Uchino, B., Cacioppo, J., & Kiecolt-Glaser, J. (1996) The relationship between social support and physiological processes: A review with emphasis on underlying mechanisms and implications for health, *Psychological Bulletin*, 119, 488-531

- Veevers, J. (1985) *The social meaning of pets: alternative roles for companion animals in pets and the family*, New York, The Haworth Press
- Walsh, F. (2009) Human-Animal Bonds I: The Relational Significance of Companion Animals, *Family Process*, vol. 48, no 4, 462-480
- Walsh, F. (2009) Human-Animal Bonds II: The Role of Pets in Family Systems and Family Therapy, *Family Process*, vol. 48, no 4, 481-499
- Wilks, K. (1999) When dogs are man's best friend – the health benefits of companion animals in the modern society, *Urban Animal Management (UAM)*, Conference Proceedings Gold Coast
- Wood, L., Giles-Corti, B. & Bulsara, M. (2005) The pet connection: pets as a conduit for social capital?, *Social Science & Medicine*, 61, 6, 1159–1173
- Wood, L., Martin, K., Christian, H., Houghton, S., Kawachi, I., Vallesi, S. & Mccune, S. (2017) Social Capital and Pet Ownership – A Tale of Four Cities, *SSM - Population Health*, vol. 3, 442-447
- Zasloff, R. & Kidd, A. (1994) Loneliness and Pet Ownership among Single Women, *Psychological Reports*, vol. 75, no 2, 747-752

APÊNDICES

Apêndice A – Inquérito por Questionário

Questionário

Este questionário encontra-se inserido na dissertação de Mestrado “*Famílias mais-que-humanas – Análise de experiências e significados das relações entre humanos e cães*”, a ser realizada na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, no âmbito do mestrado em sociologia.

Este questionário é destinado apenas aos habitantes do concelho de Faro que vivam com pelo menos um cão e sejam maiores de 18 anos.

O preenchimento tem uma duração aproximada de 5 minutos.

O questionário é ANÓNIMO e os dados serão utilizados apenas no âmbito da dissertação de Mestrado.

O seu contributo é muito importante para a realização deste estudo.

Não existem respostas certas ou erradas, pelo que é muito importante que responda com sinceridade.

Se desejar e estiver disponível para ser entrevistado numa segunda fase da investigação, poderá colocar o email no fim do questionário.

Muito obrigado pela colaboração e pelo tempo dedicado.

PARTE I - Caracterização Sociodemográfica

1. Em que freguesia de Faro Reside? (selecione com uma cruz a opção pretendia)

União de Freguesias de Faro	Montenegro	Santa Bárbara de Nexe	Conceição e Estói
-----------------------------	------------	-----------------------	-------------------

2. Qual a sua idade? _____

3. Qual é a sua Nacionalidade? _____

4. Qual o seu género? (selecione com uma cruz a opção pretendia)

Feminino	Masculino	Prefiro não dizer	Outro
----------	-----------	-------------------	-------

5. Qual é a sua escolaridade?

4.º ano	6.º ano	9.º ano	12.º ano	Ensino superior
---------	---------	---------	----------	-----------------

6. Quantas pessoas compõem o seu agregado familiar (contando consigo)? _____

7. Qual é o rendimento líquido mensal do seu agregado familiar, ou, qual o seu rendimento líquido, caso viva sozinho? (selecione com uma cruz a opção pretendia)

600€ a 1000€	1000€ a 1500€	1500€ a 2000€	2000€ a 2500€	2500€ a 3000€	mais de 3000€
-----------------	------------------	------------------	------------------	------------------	------------------

8. Qual a sua situação perante o trabalho? (selecione com uma cruz a opção pretendia)

Empregado por conta de outrem	Empregado por conta própria	Desempregado	Reformado	Estudante
----------------------------------	--------------------------------	--------------	-----------	-----------

9. Reside num apartamento ou numa moradia? Apartamento____ / Moradia_____

10. Tem filhos? (selecione com uma cruz a opção pretendia) Sim____ / Não_____

11. Se tem filhos, quantos filhos tem? (selecione com uma cruz a opção pretendia)

1 filho	2 filhos	3 filhos	4 filhos	Mais de 5 filhos
---------	----------	----------	----------	------------------

12. Qual a idade do seu/s filho/s? (escreva as idades separadas por vírgulas) _____

PARTE II - Caracterização do cão/ dos cães

1. Quantos cães existem no seu agregado familiar?

1 cão	2 cães	3 cães	4 cães	Mais de 5 cães
-------	--------	--------	--------	----------------

2. Qual o nome do seu cão/ dos seus cães? (separe os nomes por vírgulas)

3. Qual a raça do seu cão/ dos seus cães? (separe as raças por vírgulas)

4. Qual é a idade do seu cão/ dos seus cães? (separe as idades por vírgulas)

5. Qual é o sexo do cão/ dos cães? (separe os sexos por vírgulas)

6. O(s) seu cão(es) foi comprado(s) ou adotado(s)? (selecione com uma cruz a opção pretendida – **pode seleccionar mais do que uma opção**)

Comprado	Adotado	oferecido	Comprado e adoptado
----------	---------	-----------	---------------------

7. Caso tenha sido comprado, qual o preço médio que gastou no(s) seu(s) cão(es)? _____

8. Há quantos anos tem o seu cão(es)? _____

9. O que me motivou inicialmente a ter um cão (selecione com uma cruz todas as que se apliquem)

—

Para me fazer companhia porque me sentia sozinho/a.

—

Porque mudei de casa e reuniram-se as condições para tal.

—

Porque queria adicionar um novo elemento à família.

—

Foi uma decisão conjugal.

—

Porque não tenho filhos, ou não tinha filhos na altura.

—

Porque queria que os meus filhos crescessem com um cão.

—

Porque queria que o(s) meu(s) filho(s) tivesse(m) companhia.

—

Porque tive tempo disponível para investir no tratamento de um cão.

—

Porque passei por um processo de luto e vi no cão uma ajuda a superar.

—

Porque passei por desafios emocionais e vi no cão uma ajuda para superar.

—

Porque achei que um cão me pudesse ajudar a ultrapassar a minha timidez.

—

Porque achei que um cão me ia ajudar a fazer amigos e a conhecer novas pessoas

—

Porque sempre quis ter um cão.

—

Outra. Especifique: _____

10. Tem mais algum(s) animal(ais) de estimação para além do cão?

Sim_____ / Não_____

11. Se respondeu SIM na resposta anterior, por favor especifique qual a espécie(s)?

PARTE III – Gastos

1. **Por favor indique em que medida concorda com cada uma das seguintes afirmações.**
(1 significa DISCORDO FORTEMENTE e 6 significa CONCORDO FORTEMENTE)

- É importante gastar dinheiro com o(s) meu(s) cão(es).

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Gasto mais dinheiro do que posso com o(s) meu(s) cão(es).

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Faço sacrifícios para assegurar que tenho dinheiro para satisfazer todas as necessidades do(s) meu(s) cão(es).

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- É-me difícil pagar consultas de rotina no veterinário do(s) meu(s) cão(es).

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Sempre que o(s) meu(s) cão(es) precisam tenho possibilidade financeira de o levar ao veterinário.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Comprar uma ração de gama alta é uma prioridade que tenho.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- A ração que o(s) meu(s) cão(es) consome(m) é a que posso comprar.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Compro a ração mais acessível porque não acredito que isso seja um problema.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

2. Indique a frequência com que realiza cada uma destas atividades.

(1 significa NUNCA e 6 significa SEMPRE)

- Invisto em atividades de educação com o(s) meu(s) cão(es), como por exemplo, escolas de treino canino ou cursos de treino canino

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Invisto em atividades de lazer com o(s) meu(s) cão(es), como por exemplo, petsitting ou petwalking.

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Invisto em brinquedos para o(s) meu(s) cão(es).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Invisto em material de passeio (trelas, coleiras e arneses).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Compro biscoitos e outros snacks.

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Invisto em roupas e acessório específicos para cães.

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Invisto em tratamentos caninos específicos (acupuntura, relaxamento, spa, entre outros).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Invisto em material de higiene (shampoos específicos, escovas, dentífricos, desparasitantes).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Invisto em higiene personalizada (banhos em locais especializados, cortes de unhas, grooming, tosquia, etc.).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

PARTE IV – Espaço Doméstico

1. O(s) cão(es) tem acesso a todas as divisões da residência? Sim_____ / Não_____

2. Caso não tenha acesso a todas as divisões, indique a(s) divisão(es) **à qual não tem acesso.**

Cozinha	Sala	Quartos	Casa de banho
---------	------	---------	---------------

3. O(s) cão(es) tem o seu próprio espaço de dormir? (uma caminha ou um colchão só para ele)

Sim_____ / Não _____ / Sim, mas não utiliza _____

4. Em que divisão dorme(m) o(s) cão(es)?

Cozinha	Sala	Quarto	Casa de banho	Garagem	Rua/quintal
---------	------	--------	---------------	---------	-------------

5. Partilha o sofá com o(s) seu(s) cão(es)? (Selecione a opção mais indicada)

Não	Sim ele tem acesso livre ao sofá	Sim, mas apenas tem acesso a uma zona específica do sofá	Sim, mas apenas quando eu autorizo
-----	----------------------------------	--	------------------------------------

6. Partilha a sua cama com o(s) seu(s) cão(es)? (Selecione a opção mais indicada)

Não	Sim ele tem acesso livre à cama	Sim, mas apenas tem acesso a uma zona específica da cama	Sim, mas apenas quando eu autorizo
-----	---------------------------------	--	------------------------------------

7. Você e o(s) seu(s) cão(es) fazem as refeições ao mesmo tempo? (Selecione a opção mais indicada)

À mesma hora, mas o cão come numa zona designada para isso	À mesma hora e na mesma divisão	O cão come primeiro	O cão come depois	O cão tem comida disponível durante todo o dia
--	---------------------------------	---------------------	-------------------	--

PARTE V – Representações

1. Costuma passear o(s) seu(s) cão(es)? Sim _____ / Não _____
2. Quantas vezes por dia passeia o(s) seu(s) cão(es)?

1	2	3	4	5 ou mais	Não passeio o(s) meu(s) cão (es)
---	---	---	---	-----------	----------------------------------

3. Quanto tempo, em média, dura cada passeio?

Menos de 10 minutos	Entre 10 e 20 minutos	Entre 20 e 30 minutos	Mais de 30 minutos
---------------------	-----------------------	-----------------------	--------------------

4. Indique a frequência com que realiza cada uma destas atividades.

(1 significa NUNCA e 6 significa SEMPRE)

- Realizo atividades com o(s) meu(s) cão(es) durante o passeio (brincar com uma bola, ensinar truques, correr, etc.).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Realizo passeios em conjunto com outras pessoas (com outros tutores de cães, como vizinhos, amigos ou familiares).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Dedico uma parte do meu dia para tratar da higiene do(s) meu(s) cão(es) (escovagem, limpeza do pêlo, lavar dentes, lavar patas, etc.).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Dedico uma parte do meu dia para acarinhar e mimar o(s) meu(s) cão(es).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Dedico uma parte do meu dia para treinar o(s) meu(s) cão(es) (obediência e/ou outros truques).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Incluo o(s) meu(s) cão(es) nos programas familiares (almoços de fim de semana, férias, passeios, piqueniques, etc.).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Celebro o aniversário do(s) meu(s) cão(es).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Preparo refeições especiais para o(s) meu(s) cão(es).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Deixo de fazer algumas coisas (ir sair, ir de férias, ir jantar fora, entre outros) para o(s) meu(s) cão(es) não ficar(em) sozinho(s).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

- Adapto os programas de fim de semana ao(s) meu(s) cão(es).

nunca	1	2	3	4	5	6	sempre
-------	---	---	---	---	---	---	--------

5. Por favor indique em que medida concorda com cada uma das seguintes afirmações.

(1 significa DISCORDO FORTEMENTE e 6 significa CONCORDO FORTEMENTE)

- O meu cão é um membro da família.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- O meu cão é tão importante como qualquer outro membro da família.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- O meu cão é mais importante do que alguns membros da família.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- É importante para mim que a minha família se adapte ao comportamento do meu cão.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- É importante para mim educar o meu cão para que o seu comportamento não incomode a minha família.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Sempre que posso fico em casa quando o meu cão está doente.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Imponho limites ao meu cão.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- O meu cão obedece-me em todas as ocasiões.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Procuro adaptar o meu comportamento ao do meu cão.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Sinto que domino o meu cão.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Sinto que o meu cão me é submisso.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Sinto que entendo tudo o que o meu cão quer ou precisa mesmo sem ele falar.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- A minha rotina diária é condicionada pelo meu cão.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- O meu cão é incluído nas fotos de família.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- O meu cão é um bom ouvinte e confidente.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Sinto que posso confiar no meu cão.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- A interação com o meu cão é uma parte importante do meu dia.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Sinto que o meu cão é como um filho.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- É mais importante para mim o meu cão ser livre do que lhe impor limites.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- A minha rotina diária é planeada de forma a responder a todas as necessidades do meu cão.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

- Tendo a confiar mais nas pessoas que gostam de cães.

Discordo fortemente	1	2	3	4	5	6	Concordo fortemente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---------------------

Estou disponível para continuar a colaborar neste estudo concedendo uma entrevista online sobre a minha relação com o(s) meu(s) cão(es). EMAIL:

Tem interesse em receber os resultados deste estudo por email? Se sim, faculte um contacto de email: _____

Muito Obrigado pela colaboração!

Apêndice B – Guião de Entrevista

A preencher pelo entrevistador:

Nome do entrevistado(a): _____

Género: _____ Idade: _____

Data da realização da entrevista: _____ Duração: _____

Entrevistado faculta autorização para a gravação áudio da entrevista? _____

ID Gravação: _____

[Breve introdução e apresentação do investigador e da investigação e leitura do consentimento informado]

PARTE 1 – CARACTERIZAÇÃO GERAL

1. Primeiro vou fazer um conjunto de perguntas mais gerais e então gostaria de começar por lhe perguntar qual a sua situação profissional atual?

(A explorar: está desempregado, reformado ou empregado. Caso esteja empregado, que profissão tem? Trabalha em casa? Que horário faz?)

- 1. Importa-se que lhe pergunte que idade tem?*
- 2. Tem filhos? Quantos?*
- 3. Em que tipo de casa vive atualmente? Numa moradia, num apartamento...*
- 4. Quantos cães tem e como se chamam?*

PARTE 2 - INFÂNCIA/ JUVENTUDE - HISTÓRIA DE VIDA

2. Agora vamos falar um pouco sobre a sua infância e juventude. Teve algum cão em criança/jovem ou adolescente? Que memórias tem desse ou desses cães?

Pontos a explorar:

Onde nasceu (em que zona do país, em que concelho)? Onde cresceu (numa zona rural ou urbana)?

Em que condições tinha o cão: em casa, na rua/quintal?

3. Acha que o fato de ter sido educado na presença de um cão, foi importante para o fato de hoje ser tutor de um cão?

Perguntas a colocar caso o entrevistado não tenha crescido com um cão:

Recorda-se de desejar um cão quando era criança/ jovem?

Porque é que não lhe foi concedido esse desejo?

Pensa que teria sido mais feliz se tivesse crescido ao lado de um cão?

PARTE 3 – A CHEGADA DO CÃO

4. Fale-me um pouco sobre a forma como decidiu trazer o (Nome do Cão) para casa? Como é que essa decisão foi tomada?

Pontos a explorar:

Foi comprado? Deixou de fazer alguma coisa para poder comprar o cão?

Foi adotado? Porquê? Em que circunstâncias?

Foi uma decisão ponderada?

Foi uma decisão em conjunto? Se sim, o que foi tido em conta? Alguém fez “concessões” ou teve de assumir mais responsabilidade pelo cão?

Que papel tem a existência ou não de filhos nesta decisão?

Que papel tem a situação perante o trabalho nesta decisão?

Que papel tem o tipo de moradia nesta decisão?

5. O que aconteceu nos dias e semanas a seguir à chegada do cão a casa foi o que idealizou? (Se não, o que foi distinto do que idealizou?)

PARTE 4 – O CÃO

6. Agora vamos falar do (nome do cão) e da vossa relação. O que lhe perguntava primeiro era como é que descreve o/a (nome do cão)? Por exemplo, quais são as qualidades e defeitos que mais destaca? O que é que ele/ela gosta de fazer?

Pontos a explorar:

Mudava alguma coisa no cão? (um comportamento, uma característica física)

Sente que o (nome do cão) tem necessidades? Quais?

7. Como é que descreve a vossa relação?

Pontos a explorar:

Influência da existência dos filhos na relação entre tutor e cão

Influência da situação perante o trabalho na relação

Influência do tipo de moradia

PARTE 5 – ROTINAS

8. Agora vamos falar um bocadinho sobre rotinas. Trazer um cão para casa muitas vezes implica uma adaptação da nossa rotina diária. Pode-me descrever como é um dia na vossa família? O que mudou na vossa rotina desde que têm o (nome do cão) e que impactos é que isso teve na vossa vida?

Pontos a explorar:

Quem é que o passeia, como inserem esta rotina no vosso quotidiano?

Papel da existência de filhos nesta rotina.

Papel da situação perante o trabalho

Papel do tipo de habitação

9. O que é que essa rotina lhe faz sentir? Sente-se confortável? Feliz? É-lhe difícil dar esta atenção e importância às necessidades do (nome do cão)? É, às vezes, cansativo?

10. Quando passeia o (nome do cão) costuma interagir com outras pessoas? Por exemplo, passear com outros tutores de cães ou ir a um parque onde estejam outras pessoas?

Pontos a explorar:

Porque sim? Porque não?

11. Durante o passeio são realizadas atividades/ jogos? (brincar com a bola, soltar o cão para que possa correr)

Pontos a explorar:

Se sim, que efeito têm estas atividades no tutor? (sente que são parte importante do seu dia?)

Que efeito têm essas atividades no cão?

Que efeitos o tutor sente que têm estas atividades na relação humano-cão?

PARTE 6 – ESPAÇO DOMÉSTICO

12. Estamos a aproximar-nos do final da nossa entrevista e tenho apenas mais umas questões para fazer. Agora perguntava-lhe de que forma é partilha o seu espaço doméstico com o (nome do cão)? Por exemplo, a que espaços é que ele tem acesso? Por exemplo, deixa o (nome do cão) ir para a sua cama?

Pontos a explorar:

Porque sim? Porque não?

Se sim, admite-o facilmente a estranhos ao agregado familiar?

Se não, como vê os tutores que permitem que o cão vá para a cama deles?

Papel dos filhos e do tipo de moradia

12.1 E para o sofá?

Pontos a explorar:

Porque sim? Porque não?

Se sim, admite-o facilmente a estranhos ao agregado familiar?

Se não, como vê os tutores que permitem que o cão vá para o sofá?

Papel dos filhos e do tipo de moradia

13. Como explicaria a alguém que não viva com um cão, a experiência em viver com um?

PARTE 7 – BARREIRAS ENTRE ESPÉCIES

14. Para terminarmos gostaria só de lhe perguntar se dentro do agregado familiar, atribui algum papel ao (nome do cão)?

15. Acha que o (nome do cão) é um animal doméstico ou sente-se confortável em dizer que é “como se fosse uma pessoa” ou “um membro da família”?

Pontos a explorar:

Se não: o que distingue o (nome do cão) dos restantes membros da família?

Se sim, para explorar a ideia de animal como pessoa: Que características é que vê no (nome do cão) que o fazem considerá-lo como se fosse uma pessoa?

Se sim, para explorar a ideia de animal como membro da família: questionar se inclui o cão nas fotos de família, se os planos de fim-de-semana são adaptados ao cão, enfim, se a família ou a pessoa se adapta às necessidades do cão?

16. Como se sente quando se referem ao seu cão como um cão ou animal, em vez de o tratarem pelo nome?

FINAL

Da minha parte é tudo, não sei se há alguma coisa que eu me tenha esquecido de perguntar que considere importante mencionar ou se existe algo que queira acrescentar à nossa conversa...

Apêndice C – Caracterização dos Entrevistados

N° DA ENTREVISTA	CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA					
	GÉNERO	SITUAÇÃO PROFISSIONAL	IDADE	ESTADO CIVIL	TIPO DE CASA	EXISTÊNCIA DE FILHOS
1	feminino	empregada	36	união de facto	apartamento	não
2	masculino	empregado	36	solteiro	moradia	não
3	masculino	empregado	38	união de facto	apartamento	sim
4	masculino	empregado	49	casado	moradia	sim
5	feminino	empregada	54	união de facto	apartamento	sim
6	masculino	empregado	42	casado	apartamento	sim
7	feminino	empregada	62	casada	moradia	sim
8	feminino	reformada	59	casada	apartamento	sim